BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114458
Data 05 / 02 / 2007
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT

WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

O "ANTI-HERÓI" CLÁSSICO

Pontes e Lacerda

2006.

82.09
G872a
Ex.01
C92568905

WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

O "ANTI-HERÓI" CLÁSSICO

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras apresentado a UNEMAT, Campus de Pontes e Lacerda, Estado de Mato Grosso, como requisitos para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª Msc. Maria Inês Parolim Almeida

Pontes e Lacerda
2006

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Vanderluce Moreira Machado de Oliveira

Prof. Msc. Marinei Almeida

Prof. Msc. Maria Inês Parolin Almeida

Pontes e Lacerda

2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu a oportudidade de concluir este projeto, e a quem recorri nas horas mais precisas de minha vida. Aqueles que me incentivaram quando minhas forças se desvaneciam, aos colegas que diariamente encontrava na faculdade, dos quais me tornei amigo, e certamente assim como o destino nos uniu haverá de separar para aquilo que nos reserva. A minha familia que me acompanhou em todos os momentos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Aldiele, minha razão; aos meus pais que me incentivaram a estudar ainda criança, quando ainda não entendia o verdadeiro valor da escola e minhas irmãs que são parte de minha vida; aos meus avós, que de longe acompanharam meu desempenho e meus avós paternos que jazem em descanso eterno, mas que certamente haveriam de se orgulhar se ainda estivessem conosco, e àqueles que por algum motivo se orgulham de mim. Dedico à professora Parolin que acreditou em mim e incentivou a pesquisa deste trabalho quando na ocasião do terceiro semestre.

Onde estavas tu, quando eu fundava a terra?
Faze-me saber se tens inteligência.

Jó 38:4

RESUMO

O "Anti-herói" clássico - tanto o grego, quanto o romano e o hebreu - possuem as mesmas características, embora com algumas diferenças. No texto hebreu e no romano o "Anti-herói" é provocado pela *Agathós*, e faz do herói um *Pharmakós*. Já o grego é provado pela *Hybris*, chamada por Octavio Paz (1982) de *pecado por excelência contra a saúde cósmica e divina*. Depois de agravado, o "Anti-herói" passa a agir contra o herói, todavia respeita a instituição divina que decide o destino final dos heróis. O fato de o "Anti-herói" respeitar a decisão dos deuses é o principal indício de *Areté*.

Em nosso ponto-de-vista, a ação do "Anti-herói" é a principal responsável pela constituição da obra clássica, no entanto configura-se o desaparecimento da sua figura logo no início da narrativa. Todas as ações posteriores são originárias de sua atuação inicial. Normalmente o herói desconhece aquele que lhe aflige, mas ao vencer os mitos que o "Anti-herói" lhe impinge, o herói funda-se como um mito, sendo esta a principal característica da narrativa clássica.

Palavras-chave: "Anti-herói", Herói, Arete, *Hybris*, *Pharmakós*, *Agathós*.

ABSTRACT

The "classic anti-hero", as much the Greek, how much Roman and the Hebrew they possess the same characteristics, even so with some differences. In the Hebrew and the Roman the "anti-hero" is provoked by the *Agathós*, and makes of the hero a *Pharmakós*. Already the Greek is proven for the *Hybris*, called for Octavio Paz (1982) of "sin par excellence against the cosmic and divine health". After aggravated the "anti-hero" it starts to act against the hero, however it respects the divine institution that decides the final destination of the heroes. The fact of the "anti-hero" to respect the decision of god is the main one accuses of Arete.

The "anti-hero" is main the responsible one for the constitution of a workmanship, however configures itself for disappearing soon in the beginning of the narrative. Being that all the posterior actions is originary of its initial performance. Normally the hero is unaware of that one that afflicts to it, but when being successful the myths that the "anti-hero" over-whelms to it, the deep hero if as a myth.

Keys Words: "Anti-hero", Hero, Arete, *Hybris*, *Pharmakós*, *Agathós*

SUMÁRIO

Introdução **10**

1 Características do "Anti-herói" clássico **13**

1.1 Definição do termo: "Anti-herói" *13*

1.2 Nobreza e Arete do "Anti-herói" 22

1.3 "Anti-herói": Cultura e Educação 26

1.4 O "Anti-herói" e a dialética do esclarecimento 30

2 A constituição do "Anti-herói" na *Iliada* **51**

2.1 A origem de todas ações *51*

2.2 Ações causadas em virtude da ação inicial do "Anti-herói" 59

2.3 A expiação da *Hybris* de Aquiles 63

3 A constituição do "Anti-herói" na *Odisséia* **66**

3.1 A origem de todas ações *66*

3.2 Ações causadas em virtude da ação inicial do "Anti-herói" 73

4 A constituição do "Anti-herói" na *Eneida* **79**

4.1 A origem de todas ações *79*

4.2 O sacrifício do *Pharmakós* 84

5 A constituição do "Anti-herói" em *Jó* **87**

5.1 O "Anti-herói" *87*

5.2 A origem de todas ações 90

5.3 Considerações mitológicas 95

Considerações finais **98**

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende mostrar a constituição do "Anti-herói"[1] na narrativa clássica, para isto escolhemos quatro obras de três povos da Antiguidade, buscando compreender a constituição do personagem dentro das literaturas clássicas extraterritoriais. Elas são: *Ilíada* [ca.900 a.C. (2001)], de Homero, pertencente à literatura grega e que narra os acontecimentos finais da guerra de Tróia, principalmente o desentendimento entre Aquiles e Agamémnone, o que tematiza esta narrativa; *Odisséia* [ca.900 a.C. (1999)], também de Homero e que narra as peripécias do herói Odisseu[2] durante seu retorno a sua casa em Ítaca; *Eneida* [ca.19 a.C. (1854)], de Virgilio, pertencente à literatura romana, que narra a conquista do Lácio e o surgimento da Itália pelos penates vencidos, troianos liderados por Enéias; e *Jó* [ca.1000 a.C. (1995)], cujo autor ainda é desconhecido, pertencente à literatura hebraica, e que é um dos livros que compõe a Bíblia Sagrada, narrando sobre a catástrofe que atingiu Jó e também sobre a conquista de novas riquezas, após sua restauração.

Através das concepções apresentadas por diversos estudiosos, desde Aristóteles [ca. 400 a.C. (1999] até o mais atual, como Frye (1969), tentamos resgatar a constituição do "Anti-herói" sempre em relação às concepções que falam sobre o herói.

O fato de Aristóteles, sendo um grego – para nós o maior conhecedor de arte de seu tempo e de sua cultura – não ter deixado registro sobre o papel que estes personagens desempenham, vem ressaltar a importância de observarmos a constituição dos mesmos, a partir do

---

1 As aspas foram adotadas em anti-herói por não possuirmos nenhum termo original para descrever o tipo de personagem clássico, como este foi o mais apropriado achamos por bem adotar as aspas sobre o termo.

2 Optamos por usar o nome Odisseu por ser original do grego, o nome Ulisses já é uma alusão usada pelo latim, porém adotado pela maioria dos teóricos da literatura clássica; observamos que o nome se apresenta mais ligado a obra do que Ulisses, principalmente no instante de lidar com os termos Oudeis (por Adorno e Korkheimer) ou Oudis (por Gagnebin).

pressuposto de que a falta do registro – ou de sua intenção de fazê-lo – vai ao encontro do fato de que as duas figuras, herói e "Anti-herói", se relacionem em espelhamento nas obras clássicas, como uma fotografia e seu negativo.

Muitos outros estudiosos têm observado o papel que o herói desempenha nas narrativas de Homero, bem como suas relações com o cidadão grego, todavia não tomamos conhecimento de algum que tenha observado a composição do "Anti-herói", bem como sua relação com a sociedade em seu tempo.

Obviamente que o termo "Anti-herói" não é o nome original a que Homero, Virgílio ou o autor do livro de *Jó* tenham aderido em sua obra. Porém é a palavra que sugere o termo que descreve o personagem principal destas obras, e principalmente por esta palavra ser originada da língua grega e significar *aquele que se opõe ao herói*. Todavia é necessário compreender, na sua constituição, como o "Anti-herói" se opõe ao herói e qual sua relação instituída nas narrativas onde se encontram.

Ao empregar o termo de origem grega para conceituar uma tipologia de personagem que é romana e hebraica, faço por causa das convergências que estas obras apresentam, apesar de escritas em ambientes e culturas diferentes. É impossível evitar o emprego de terminologia moderna ou em nossa língua para conceituar os elementos narrativos de escrituras elaboradas em outras, mas como não há registros de termos que sejam originais, somos obrigados a observar um que melhor se enquadre a nossa proposta. Este procedimento também foi utilizado por Jaeger (1995). Além disso, apesar das diferenças, a biblia e as narrativas de Homero e Virgílio compõem uma parte significativa do cânone Ocidental, sendo a tradição eleita por nós na discussão sobre e na produção de literatura desde o renascimento, que repôs em cena no Ocidente a arte reproduzida pela antiguidade clássica.

Sobre a utilização de mais de uma obra, e principalmente sobre a montagem de um *corpus* literário que compreende um livro bíblico - como é o caso de *Jó* –, trata-se de um procedimento que se fez necessário devido à semelhança entre a composição do "Anti-herói" nestas narrativas, haja vista que na *Eneida* e nas obras de Homero e na narrativa de *Jó* dialogam enter si na relação entre a composição do herói e "Anti-herói", ao meu modo de observar. Mas tratando se de cânone, a obra de Virgílio já aponta para uma constituição deslocada, direcionando-se para a modernidade, embora tenha suas raízes nas obras de Homero e possui aparência significativa com o livro bíblico.

Este procedimento é inspirado em Auerbach (1969), quando da leitura estilística da narrativa bíblica da vida de Abraão e o episódio da narrativa de Issac, descrita em Gênesis [ca.1405 a.C. (1995)] que faz uma comparação à composição da *Odisséia*, sobre os episódios que relacionam o sacrifício hebreu com o grego e das formas que os sacerdotes, Abraão e Odisseu tratam o sacrifício. Tendo em vista que já havíamos visto uma pequena consideração sobre o personagem hebreu, denominado por nós de "Anti-herói" em *Jó*, pois nesta ocasião não se haviam feito nenhuma consideração.

Quanto à incorporação de *Eneida* a nossa pesquisa, tornou-se necessária por se tratar de uma obra que mantém uma relação de *contaminatio* com as narrativas de Homero, e posteriormente notamos que havia, de forma coincidente, a convergência entre a constituição do "Anti-herói" desta e do livro de *Jó*. Consideremos o fato que o herói e o "Anti-herói" em Virgílio são compostos próximos a Era Cristã, o que vem demonstrar uma hibridez que já aponta para condição moderna propriamente dita.

Dentre as semelhanças, o que melhor destacamos é a *Areté*, caracter que pode ser visto como natural do "Anti-herói". Obviamente que o conceito de *Areté* significa virtude, embora não no sentido restrito da palavra, na *Odisséia* e *Eneida* os "Anti-heróis" eram deuses, a *Areté* já era própria da natureza dos deuses. Em *Jó* o "Anti-herói" é um sujeito que também possui Arete por causa do seu comportamento. Somente na *Ilíada* é que o "Anti-herói" não é nenhuma divindade, porém era um rei, sendo a Arete uma característica do nobre e do guerreiro, naturalmente era do rei também. No "Anti-herói" o principal indício de Arete é a respeitabilidade pela instituição divina, que naturalmente era decidida em concilio no mundo sobrenatural. Embora o "Anti-herói" respeite a instituição divina e aceita o destino do herói, todavia antes de aceitar a conclusão do destino reservado pelos deuses, aflige da maneira maior possível a vida do herói, podendo causar-lhes perdas as quais as ações corrosivas do tempo hão de aturar por muito tempo.

Dentro das obras gregas, o fator que é responsável pela ira do "Anti-herói" é a *Hybris* provocada pelo herói, que é o pecado por excelência contra saúde cósmica e divina, que tem de ser expiada. Já em *Eneida* e *Jó* a ira do "Anti-herói" é generalizada devido à *Agathós* do herói, o que os torna elementos *Pharmakós*, ou bode expiatório; são o sacrifício em prol de todo o povo, segundo Frye, o *Agathós* não é o elemento culpado nem tampouco o inocente, sua culpa é pertencer a sociedade culpada, provoca a ira do "Anti-herói" todavia sem afligi-lo.

Machado de Assis (1880), um dos maiores escritores da literatura brasileira afirma que sem a ira de Aquiles não haveria *Ilíada*, obviamente que ele estava certo. Porém o que percebemos é que o principal responsável pela composição de uma obra é o "Anti-herói"; sem a ira de Satanás que foi até JHVH[3] para incitar a provar a fidelidade de Jó, Juno que se contrapôs a Enéias que partia de Tróia para fundar a Itália, Poseidon que criou muitas peripécias no caminho de Odisseu por causa do que fizera à Polifemo, e Agamémnone que toma o despojo de guerra de Aquiles e o incita a retirar-se da guerra, causando consequentemente à morte de muitos Aqueus, são exemplos de que se não fosse à atuação inicial do "Anti-herói" é impossível à composição de uma obra clássica.

O "Anti-herói" destaca-se ainda por desaparecer logo após a sua primeira atuação na obra, principalmente em *Jó* e *Eneida*, onde o fenômeno é mais visível, nos dando a idéia de que o herói desconhece aquele que lhe aflige. Já nas obras gregas, o "Anti-herói" tem uma permanecia maior na obra, porém insignificativa pensando na dimensão das obras da atualidade.

Após fazermos um levantamento da composição do "Anti-herói" clássico e sua representabilidade na sociedade que o cerceia, partiremos para uma análise dentro das narrativas escolhidas para esta pesquisa, nesta oportunidade, buscando mostrar os resquícios de sua atuação na obra.

---

[3] Tetragrama tem origem no grego (Tetra: Quatro + Gramma: Letra). O tetragrama JHVH é o termo hebraico original que desgnina o nome pessoal do "Deus de Israel", é usado originalmente no Torah, o primeiro livro do Pentateuco. Nos livros bíblicos há vários nomes que desgnam o deus israelita, porém o mais antigo é o tetragrama, em virtude do seu nome ser impronunciável, posteriormente na língua latina foi inserido duas vogais ao tetragrama para que o nome pudesse ser pronunciado e passou a ser chamado de JHAVHE, que traduzido para o português significa Jeová. O tetragrama tem outras escritas comuns: JHWH, YHVH, YHWH. O próprio tetragrama já se apresenta latinizado cujas letras se originam da escrita fenínicia, no termo orginal JHVH é יהוה. Optamos usar o tetragrama ao invés do nome traduzido por se apresentar mais ligado a originalidade, conforme fizemos com Odisseu ao invés de Ulisses.

1 CARACTERÍSTICAS DO "ANTI-HERÓI" CLÁSSICO

1.1 Definição do termo: "Anti-herói"

O herói é o personagem que se tornou ilustre pelos seus feitos ou pela sua coragem, capaz de superar todas as adversidades e todos os medos. Penetra em todas as esferas até então desconhecidas adquirindo novos conhecimentos, pondo em risco a própria vida quando o assunto envolve salvar, ainda que seja um único indivíduo ou preservar sua integridade. Uma forma mais atual o definiria como personagem principal de uma narrativa, cujo nome mais conhecido lhe dá de protagonista, apenas por ser o elemento central da obra.

Conforme Auerbach (1986) fez em Cicatriz de Ulisses[4], faremos uma análise comparativa entre as obras gregas e hebraicas, porém nesta circunstância abordaremos o livro bíblico de *Jó*, neste âmbito reunimos ainda a obra romana *Eneida*, escrita por Virgílio; uma reunião de obras clássicas, um tanto ousada pelas diversidades culturais e históricas e também de identidade. Julgamos necessárias por se tratarem de obras de culturas que ainda predominam sobre a sociedade atual, e de obras que se fundam como a base da literatura moderna; apesar das diversidades entre estes povos, vemos que numa esfera em que parece divergir acabam se convergindo.

A formação de um Herói depende fundamentalmente do "Anti-herói", todavia observamos que este fato passou despercebido pelos maiores teóricos da humanidade ao longo dos tempos; principalmente na atualidade, quando os personagens "Anti-heróis" ocupam uma po-.

[4] O equivalente a Odisseu em grego, Auerbach se utiliza do termo latinizado.

sição um tanto desprivilegiada, por causa dos conceitos modernos de ética social; o que distingue o "Anti-herói" clássico das obras atuais é que no clássico ele ocupa lugares privilegiados na sociedade, possuem Arete, virtudes e geralmente são reis ou divindades. Os heróis gregos, romanos e hebraicos se distinguem dos outros: é pelo fato de eles não serem simples ferramentas nas mãos de um deus, como ocorrem com outras culturas tradicionais, eles nascem e vivem para um desígnio e sobrevivem todas as peripécias pelo seu destino, segundo Paz. O herói clássico já o é desde o nascimento, o termo herói está intrinsecamente ligado ao conceito de felicidade e virtude, um sujeito virtuoso logo possui a felicidade. Aristóteles assim definiu alguns caracteres que fazem parte da felicidade:

> *Um nascimento honroso; grandes quantidades de amigos; a amizade de pessoas de bem; as riquezas; filhos sadios; filhos numerosos; uma velhice ditosa; devendo-se acrescentar as qualidades físicas, como a saúde, a beleza, o vigor, a elevada estatura, possibilidade de participar nos jogos gímnicos; ajuntemos: a boa reputação, as honras, a sorte, a virtude (ou ainda as partes as partes desta: a prudência, a coragem, a justiça, a temperança).*
>
> Aristóteles, [ca. 400 a.C. (1999:58)]

Estes são exemplos de qualidades que encontramos nos heróis clássicos: virtude, beleza física, boa reputação, sobretudo abençoado pelos deuses, e possuem caráter elevado. Entretanto não há um herói que não passe por empecilhos, peripécias e provações, pois são os elementos que por si são capazes de constituí-lo, o herói clássico é o homem da ação.

Destacamos nas obras clássicas os heróis que passaram por consternações as quais outros seres não poderiam suportar que são Odisseu, Aquiles, Jó e Enéias. No entanto muitos leitores não percebem que além de o herói precisar de uma circunstância que lhe garanta este status na fábula, existe algum personagem que constrói a situação que lhe torna favorável exibir sua bravura, coragem ou sabedoria; o termo que utilizamos para descrever esse tipo de personagem é "Anti-herói", já que utiliza características que lhe são próprias no texto, o termo é a única denominação que encontramos para definir esse personagem por falta de um vindo do grego, é a expressão moderna que mais coincide com a característica do personagem. Ob-

servamos que o "Anti-herói" é constituído de acordo com o Herói, que um depende do outro, não há constituição de uma obra clássica sem a presença dos dois.

O nome anti-herói, segundo o dicionário Aurélio (2004), é derivado da língua grega, vem de *Anti* + *Heros,* a palavra *Anti,* significa aquele que se opõe. Já *Heros* é o nome grego atribuído ao Herói[5], na junção das palavras teremos a definição "aquele que se opõe ao herói". Opor significa constituir um impedimento, resistir, ser contrário. Era o que estes personagens significavam na obra: a prova.

Nos dias atuais o termo "Anti-herói" já não possui o mesmo significado dos tempos clássicos. Lesky (1996) afirma que toda obra clássica se encerra a partir de um fundo trágico, o inconciliável entre dois pólos opostos de igual valor. Para todo Herói há no fundo o "Anti-herói".

Toda obra composta a partir dos parâmetros clássicos possuirá no mínimo uma representação de cada pólo. Embora o nome "Anti-herói" nos sugira uma derivação do nome herói, na fábula veremos que este precisa do "Anti-herói" para se constituir, com isso acaba se constituindo também no texto, é impossível a existência de um herói clássico sem obstáculos a vencer. Sua existência é conseqüência das ações do "Anti-herói", nesse caso poderíamos sugerir a hipótese de que a existência de uma obra deve se principalmente a este personagem, e que o herói está subordinado ao "Anti-herói", e não o "Anti-herói" ao herói conforme o nome sugere, vale ressaltar, porém que o "Anti-herói" só provoca as ações no enredo se houver um indivíduo capaz de exercer o papel de herói.

Para ser herói não é necessário ter "Anti-herói", Odisseu já nascera um, porém se não fosse as peripécias provocadas por Posêidon, Odisseu certamente haveria retornado à montanhosa Ítaca sem tanta glória como obteve; se não fosse a ação perniciosa de Agamémnone, Aquiles haveria morrido bem antes do que morreu, embora tivesse obtido muita glória conforme a promessa de Zeus, não haveria provocado tanta glória quanto lhe foi atribuído ao en-

---

[5] Segundo o Dicionário de Mitologia (Editora Nova Cultural, 2000) de a noção do termo Herói passou com o tempo a ser aplicada aos antepassados regionais, dando nomes a cidades e territórios, ou a ancestral de famílias ilustres. Já o Dicionário Michaelis de língua portuguesa define que o Herói nos dias atuais são pessoas que se distinguem pela coragem extraordinária na guerra ou diante de algum perigo, além de ser atribuído ao protagonista de qualquer aventura histórica ou drama real. Porém nos dias de Homero o termo Herói era atribuído a personagens que pela bravura, coragem e sabedoria se elevava acima dos semelhantes, aproximando-se dos deuses e merecendo cultos especiais, eram diferentes dos homens comuns desde o nascimento, na maioria das circunstâncias era filho de uma divindade e um mortal.

trar na batalha de Tróia; se não fossem as adversidades provocadas por Satanás, Jó não teria passado de um indivíduo rico, sincero, reto e temente a JHVH e morador da terra de Uz; Enéias já era um herói antes mesmo da ira de Juno, porém para a constituição da obra clássica é condicionada a ação do "Anti-herói".

Sem a ira de Agamémnone não haveria *Ilíada*, sem a ira de Posêidon não haveria *Odisséia*, sem o orgulho de Satanás não haveria Jó, sem a ira de Juno não haveria *Eneida*. Se estas obras assim existissem seriam trocados os nomes dos heróis, nunca circulariam sem a presença desse papel.

Observamos que a sobrevivência do herói está intrinsecamente ligada e subordinada às ações do "Anti-herói", na realidade as ações do herói ganharam maior curiosidade humana sendo possível e aparentemente as mais privilegiadas. Basta afirmar que na composição de uma obra épica nem o herói nem o "Anti-herói" possuem representação privilegiada, mas que são ambas as presenças impreteríveis de igual representatividade.

Embora o nome "Anti-herói" pareça sugerir uma personagem imoral, como ocorre em algumas das obras modernas, no caso das obras clássicas, e neste caso destacamos as quatro obras principais, o personagem imoral ou antiético jamais poderá ser chamado de "Anti-herói", já que nestas obras não há espaços para personagens de tal caráter.

Kothe (1987) diz que o "Anti-herói" é ridicularizado pelos outros indivíduos, é ferramenta nas mãos do herói, descreve que na segunda rapsódia da *Ilíada* o soldado Térsites é surrado em público por Odisseu, pois cansado de dez anos de guerra apresenta suas queixas e suas reivindicações. Todavia consideramos que Térsites é apenas um soldado, não tinha com ele nenhum navio, nem era príncipe de algum povo, a questão da Arete não nem considerada, até porque Térsites não possui. Perguntaríamos então, qual o poder de competição entre um soldado e um comandante de muitas fileiras? Térsites não possui nenhuma qualidade de "Anti-herói". O que percebemos é que os "Anti-heróis" clássicos são tão virtuosos quanto os heróis e até são no seu domínio muitos maiores que o Herói: Posêidon é o senhor dos mares ao passo que Odisseu é apenas rei dos cefalônios, um pequeno reinado no mar Jônio distribuído em três ilhas: Cefalônia, Ítaca e Zacinto. Agamémnone é o senhor de todos os homens Aquivos que guerreavam em Tróia, já Aquiles era apenas rei da Ftia, uma cidade da Tessália e estava em Tróia para combater em favor de Agamémnone. Juno era a deusa mulher de Júpiter, o maior de todos os deuses e isto contavam muito a seu favor, já Enéias era um herói troiano sobrevi-

vente da guerra que partiu para fundar a Itália. Satanás é o rei do mal[6] ao passo que Jó é apenas o homem mais rico do Oriente.

Certamente Kothe elaborou sua discussão a partir dos textos atuais, cometendo um erro por ignorar a época literária e a sociedade em que estavam envolvidos os personagens, ou seja, a influência da tradição. Térsites não apresenta nenhum grande impacto na obra, sua presença é limitada e a maioria dos leitores sequer nota sua presença dentro do texto, sua influência é ignorada até mesmo pelos companheiros que queriam abandonar a batalha. Comparar seu discurso ao de um líder sindical, em analogia a nossa época, é inapropriado como faz o autor, primeiro porque Térsites não era líder de nenhum de nenhum grupo de indivíduos; segundo porque um líder sindical possui um discurso altamente persuasivo aos seus subordinados.

As obras clássicas não trazem nenhum discurso de um servo ou subordinado que ofenda seu senhor ou rei, inda mais que Térsites não persuadiu a ninguém. Compará-lo pelo fato de reclamar da situação em que estavam inseridos, da falta de subsídios de sobrevivência, é totalmente impossível. Embora Térsites estivesse longe da pátria, estava na batalha e isso o enaltecia, pois ir para a guerra era motivo de glória para qualquer indivíduo, glória remete ao sentido de ato heróico, o que é diferente de ser herói, morrer na guerra era morrer com honra, a guerra enobrecia os homens, nela havia grandes banquetes onde morriam muitos animais para alimentar os soldados Aqueus, não era apenas a luta entre dois povos.

Kothe afirma que o "Anti-herói" não se enquadra no esquema de valores subjacentes do ponto de vista narrativo. Se o "Anti-herói" fosse o herói ele não possuiria a mesma importância que possui no texto, obviamente são personalidades definidas e distintas. O "Anti-herói" é como o próprio nome já diz: "Anti-herói", sua função é se opor ao herói, para tal ação ambos deverá estar inserida em um mesmo contexto de compatibilidade, jamais o "Anti-herói" buscará ser o herói, pois isto seria transição de status, conseqüentemente perda do próprio.

Existe um elo entre o herói e o "Anti-herói", existem personagens que se beneficiam das ações do "Anti-herói" para também se opor ao herói, já outros que ganham tanta ênfase no

---

[6] No livro de *Jó* ao contrário das obras gregas e romanas, existem apenas dois reinos divinos, o do bem e o do mal, o primeiro comandado por JHVH e o segundo comandado por Satanás.

texto que se tornam heróis, como é ocaso de Heitor na *Ilíada* e de Eurílоco na *Odisséia*, Turno na *Eneida*, os três amigos (Elifaz, Bildade e Zofar) ou mesmo JHVH e posteriormente Eliú em *Jó*. Mas são repentinamente destruídos ou esclarecidos, pois embora possuam virtudes, não estão de fato lutando a favor do "Anti-herói", nem lutam a favor da vida do herói, pois conhecem seus limites. Do ponto de vista narrativo o "Anti-herói" só se enquadra como "Anti-herói", e o herói como herói e seus valores distintamente são indispensáveis.

Há personalidades clássicas que figuram tanto no enredo que parecem substituir o "Anti-herói", é o caso da importância que Jó atribui a JHVH pela responsabilidade de estar passando por tantas provações, e Zeus que dá impressão de ser o "Anti-herói" da *Ilíada* por causa das suas constantes tribulações lançadas sobre os Aquivos.

Uma obra pra ser considerada épica deve ter a atuação dos dois tipos de personagens, comumente, prestamos uma atenção valiosa para o papel do herói, desprezando a importância do papel do "Anti-herói". se levar em consideração os comentários errôneos que fazem sobre a ocupação dos mesmos, quando não classificam um outro "Anti-herói" sem fundamento mitológico e cultural conforme já ficou explícito no início deste texto, por que a caracterização de um personagem dentro de uma obra acontece de acordo com a sociedade em que o mesmo está inserido. Em nenhuma hipótese devemos confundir a constituição de um "Anti-herói" clássico com o de um moderno, primeiro deve se levar em consideração a época em que a obra foi escrita e a cultura em que esta estava inserida, paulatinamente os modos de sobrevivência do ser humano foi se modificando e com ele sua cultura e sua língua, haja vista os próprios ofícios que estes desenvolvem dentro de uma obra, refiro me a clássica pois nas obras modernas os "Anti-heróis" possuem uma catalogação diferententemente da que estamos usando para denominar o clássico.

Se há uma ação que faça alguém um verdadeiro herói, no seu sentido mais construtivo, é justamente a ação provocada pelo "Anti-herói", Jó só pôde ser o maior de todos os que sofreram tribulações por causa da ação ignóbil de Satanás, embora Aquiles já fosse um grande herói as ações causadas em virtude do orgulho de Agamémnone tornam-no ainda maior, As ações causadas por Posêidon fazem de Odisseu um herói ainda mais enaltecido, sem a ira de Juno Enéias não teria sido maior herói do que fora.

Ser o oposto do Herói não significa ser diferente, como acontece nos romances da atualidade, e quando me refiro ao *ser diferente* digo sobre os conceitos culturais que dominam a

sociedade atual, a noção relativizada dos atos certos e dos atos errados, já que na literatura moderna o "Anti-herói" é comparado ao personagem pervertido, num sentido figurativo é denominado *bandido.*

Na literatura clássica não há esta discriminação, são personagens que ocupam a mesma categoria, estão no mesmo ápice, o "Anti-herói" clássico é o herói perfeito, que atingiu o apogeu de sua Arete, e isto dá lhe o direito de resistir ao Herói. Satanás fora um anjo que fazia estremecer a terra e tremer os reinos, era o maior de entre todos os anjos, e tal era o seu poder como nenhum outro, fora destituído por JHVH por haver se rebelado tentando ser igual à JHVH, todavia lhe coube o reino daqueles que não pertenciam a JHVH, o que tornava um ser semelhante a ele e maior do que Jó em poder e em domínio. Agamémnone era o senhor de todos os homens na guerra de Tróia, todos os que vieram ali estavam para servi-lo no ofício da guerra, mesmo Aquiles estava assujeitado ao seu domínio. Posêidon era o deus do mar, junto com ele só havia dois em poderes semelhantes: Hades, o deus dos mortos, e Zeus, o deus dos deuses, e maior entre todos os deuses, apenas Zeus era maior que Posêidon e o único a ser igual em domínio era Hades, todos os outros deuses eram menores em poder do que ele. Juno era a deusa mulher de Júpiter que dentro da mitologia romana era o deus supremo, o que por si significa que poderia persuadir o marido a seu favor.

Os "Anti-heróis" clássicos eram maiores do que os heróis em domínio e em poder; quisessem eles poderiam tê-los destruído, todavia respeitavam a instituição divina que regia a humanidade, o equilíbrio se dava pela relação entre os humanos e os deuses. O "Anti-herói" resiste, o intuito é a expiação da culpa do herói, simplesmente por haver cometido a *Hybris*, que segundo Paz (1982) *é o pecado por excelência contra a saúde política e cósmica.*

Embora nenhum teórico tenha observado o herói *Agathós*, também pratica uma ação que fere a saúde política e cósmica, embora não seja um pecado por excelência conforme afirmou Paz sobre a *Hybris*, mas o *Agathós* fere a saúde cósmica quando coloca em risco uma entidade divina, isso acontece na obra de Virgílio e na narrativa de *Jó,* pois não praticam o que pode se denominar certo ou errado, certo pela entidade divina e errado pela sociedade que estão inseridos.

A referência do contra a saúde política e cósmica é o ato que o herói comete e cujo teor tem poder de intervir sobre os fundamentos cósmicos, capazes de mudar o curso do mundo e transformar aquilo que os deuses não querem, ou mudar o rumo de uma decisão que os deuses

tenham decidido às ações que Jó vinha desenvolvendo intervinha sobre Satanás, nenhum homem poderia resistir as provações que Satanás lhe aplicasse; as ações de Aquiles poderiam mudar o curso da guerra de Tróia, os deuses haviam decidido que os Aquivos venceriam a guerra e que Aquiles pereceria na batalha, a ausência dele representava uma mudança na instituição divina sobre o curso da guerra.

A diferença entre o herói grego e o hebraico é que o grego e o romano não conseguem mudar todo o curso da instituição divina, mas apenas fere-o, já o herói hebraico muda a instituição divina, mas não se deve esquecer que no concílio entre JHVH e Satanás, aquele havia testemunhado sobre Jó dizendo que ele resistiria a todas as afrontas que lhe sobreviessem, então nesse caso temos a instituição divina dividida em duas partes, e uma das duas seria cumprida, a outra seria sobrepujada.

O fato de o herói se constituir no enredo como espelhamento das ações do anti-herói está intrinsecamente ligado à constituição da burguesia no ocidente. Há em Homero um sistema de hierarquia especial, uma maravilha que talvez não existisse em nenhum lugar do planeta naquelas épocas, o sistema hierárquico grego era tão respeitado como a própria vida. Na *Odisséia* temos um valiosíssimo exemplo, o porqueiro esperava ansiosamente pelo retorno de seu senhor que havia partido para a guerra de Tróia e há cerca de 20 anos ainda não havia retornado. Embora o porqueiro não houvesse nascido como servo, ele não anseia em nenhum instante rebelar-se contra seu senhor, tudo estava organizado como se o senhor estivesse presente, as rebeliões não existem no mundo homérico, um servo é apenas um servo, logo nunca será um senhor, a alma deste era de um servo e não de um senhor.

Esse sistema hierárquico representa o esboço da civilização capitalista atual, as relações entre patrão e empregado, a virtude que o grego atribuía à alma agora é atribuída ao poder aquisitivo do indivíduo, tese que Adorno e Horkheimer (1985) defenderam. Isso não quer dizer que a relação se faça termo a termo como dizia Kothe e nós refutamos. Em Homero não é possível fazer aplicação de analogia com a sociedade factual da atualidade, Adorno e Horkheimer estão pensando filosoficamente, no delineamento da sujeição modena, e expõem as obras de Homero como simbólicas da entrada do homem para a História da Humanidade.

É óbvio que existe um motivo que induz o "Anti-herói" a causar transtornos para o herói, os gregos implantam a figura do homem dentro de um movimento genérico, e daí extraem o conflito e o valor modelar do heróico. Para os gregos as forças morais são tão fortes quanto

às forças físicas, Homero é a manifestação desta sociedade. O "Anti-herói" faz a expiação da culpa do herói, como já dissemos, e o mundo dos heróis e dos deuses não é tão diferente do mundo dos homens, temos aqui três galerias que em pouca coisa diferem, a diferença está na formação destes mundos, mas todos formam um cosmo, um aglomerado vivo que é o movimento que se chama justiça, ordem e destino. O nascimento e a morte são dois extremos dessa combinação, e todos os indivíduos estavam inseridos neles.

Da relação entre o mundo dos heróis e dos deuses pode surgir a *Hybris*; a *Hybris* vem sempre acompanhada de um poder devastador, ela acontece quando um herói peca contra a saúde cósmica e política, no instante em que a instituição é prejudicada, podendo mudar o curso que já está ordenado pelos deuses; em Homero temos exemplo da cólera de Aquiles, o orgulho de Agamémnone, a inveja de Ájax; em Virgílio temos a ira do cruel Enéias; em *Jó* a altivez de não adorar outra divindade. Isso repercute em todo o mundo cósmico, como se fosse uma doença que contagia todo um corpo. Quando um herói pratica a *Hybris* contagia todo o universo e põe em perigo todo o céu e a terra, o ostracismo é a medida de higiene publica.

Segundo Otávio Paz, não há quem fique impune da destruição ou da punição do herói que se excede e vai além de seus preceitos para restaurar a saúde cósmica. Ir além de si é transgredir os limites de nosso ser e violar o de outros seres, cada vez que um herói faz isso fere todo o cosmo. Odisseu age desta forma, além de adquirir o nome de *Oudeis* que significa *Ninguém*, engana os outros gigantes que habitavam a ilha, e na sua saída, fugindo das pedras que Polifemo jogara sobre ele e seus homens, não se contenta e revela seu verdadeiro nome e sua origem, com isso manipula os artifícios de assimilação e domina a natureza e sucumbe à *Hybris*, sua ação atinge a ira de Posêidon e a partir desse episódio muitas peripécias e lutas por sobrevivência e retorno à pátria expiaria a culpa de Odisseu. Jó não atinge a *Hybris,* mas pratica *Agathós* quando ousa ser fiel a JHVH e não se submeter ao domínio de Satanás, este na tentativa de que Jó possa se render ao seu domínio atinge o com muitas sortes de males e aflições que culminaram na perda de todos os bens e filhos e numa doença de chagas mortal. Enéias faz o equivalente a Jó e torna-se um sacrifício por pertencer à sociedade Troiana, o fato de ser Troiano por si é um motivo justo para que Juno possa lhe afligir.

É a partir da *Hybris* e da *Agathós* que acontece a constituição de uma obra clássica, há uma ligação entre os fatos, que já está previsto pelo mito na fábula, o herói pratica a *Hybris* ou a *Agathós* com isto fere o próprio cosmo e a nosso ver ofende o "Anti-herói", que passará a

expiar a sua culpa ou se tornará um sacrifício; nesse caso a *Hybris* e a *Agathós* são elementos responsáveis pela constituição de uma obra clássica, pois quem se sente ofendido é justamente aquele que constrói as ações generalizadas pela culpa do herói, seja pela sua *Hybris* ou pela *Agathós*. De qualquer forma o herói se torna culpado pelo que provoca ao "Anti-herói".

1.2 Nobreza e Arete do "Anti-herói"

O "Anti-herói" de *Ilíada* é Agamémnone, na *Odisséia* é Posêidon, em *Jó* é Satanás; e em *Eneida* é Juno. Conforme sabemos não são personagens de segunda categoria no enredo, o único que não é uma divindade é Agamémnone, no entanto era o maior em poder dentre todos os homens Aqueus que estavam na guerra de Tróia. Temos aqui obras literárias de três sociedades antigas, Agamémnone é o rei dos homens; Posêidon é o abalador da Terra, deus do mar; Satanás o príncipe das trevas, e Juno a mulher de Júpiter, o maior de todos os deuses e obviamente por ser sua esposa era capaz de persuadi-lo ao seu favor. Observa-se que em três obras o "Anti-herói" é uma divindade, veremos aqui os conceitos de nobreza e Arete a partir das definições de Jaeger (1995), e tentaremos resgatar tais conceitos não apenas para o herói, mas para o "Anti-herói". Não pretendemos ridicularizar o papel do herói, apenas mostrar que na sua constituição o "Anti-herói" é tão nobre quanto do herói. Cada um ocupa o seu lugar no texto, e interfere na confecção de um todo.

A literatura tinha como função a educação de cidadãos similar e universalmente no período clássico. Os primeiros vestígios literários nos demonstram a preocupação humana em preservar a integridade educacional, entre os gregos habitavam alguns preceitos que não equivocadamente são quase todos idênticos aos judeus. São mandamentos largamente difundidos naquela sociedade: honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros, regras de prudência para a vida, regras morais, respeito ao próximo, anteriormente transmitidas oralmente pelos séculos afora, os modelos de provérbios escritos pelos gregos eram muito similares aos escritos pelos hebreus, os romanos herdaram um pouco de cada um destes povos, apesar da diversidade cultural e religiosa que estas culturas se englobavam.

Veremos mais adiante com que integridade os "Anti-heróis" clássicos respeitavam os preceitos elementares de procedimento, quanto ao destino que os deuses determinavam aos personagens. Segundo Jaeger:

> *O tema essencial da historia da formação grega é antes o conceito de Arete, que remota aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas*

> *a palavra "virtude", na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega.*
>
> (Jaeger 1995:25)

A Arete é uma característica da formação do povo grego, e atributo característico da nobreza; os deuses gregos pelo simples fato de serem deuses, já eram nobres e a Arete inata aos deuses pertencia a alguns indivíduos gregos descendentes dos deuses. A Arete designa a mais alta excelência humana, sem a qual, o herói seria apenas um homem comum. Senhorio e Arete eram conceitos inseparáveis, os deuses por si já eram senhores, por exemplo, Agamémnone era um por naturalidade um senhor. A Arete dos "Anti-heróis" se funda no que poderíamos categorizar com que prudência e astúcia afligiam o próprio herói, quando o personagem é desprovido de Arete e nobreza, não consegue sequer afligir o herói, pois suas ações e discurso são crus e desprovidos de prudência e astúcia.

Nesse caso a *Odisséia* e *Ilíada*, sobretudo exaltam seus heróis pela astúcia, prudência e valentia que possuem; graças às ações do "Anti-herói". Não estamos simplesmente proferindo que alguém ganha enquanto alguém se perde conforme é comum nas obras modernas, mas de uma sociedade nobre onde todos saem vencedores, os heróis por vencerem sabiamente todas as peripécias encontradas, os "Anti-heróis" por conseguirem afligir os heróis e influenciarem seus destinos, retardando suas glórias e honras, sem ferir o desejo dos deuses e desonrar o próximo, e com isso expiarem a culpa do herói. Uma das coisas que o "Anti-herói" e o herói possuem em comum é a Arete. Deve-se estabelecer que em ambos os casos Arete não possui o significado de virtude moral, mas que designa o homem nobre que, na vida comum ou na guerra, rege-se por certas normas de conduta alheias aos homens comuns, considerados "periféricos", isto é, que estavam à mercê da sociedade nobre; conforme foi firmado anteriormente o "Anti-herói" sabe perfeita e sabiamente como afligir o herói sem ferir a norma de conduta que lhe é outorgada.

Estas normas de conduta pertencentes à nobreza influenciaram na educação grega, cumprir o dever é uma característica essencial da nobreza, esta se orgulha pela imposição de tal medida exigente, moral aristocrática de exigência da coragem, designada posteriormente

de virilidade. Identificada com os padrões estabelecidos por Homero, todos os outros preceitos de conduta emanam desta mesma fonte; dizer que os textos de *Ilíada* e *Odisséia* não possuem ideologia aristocrática é simplesmente ignorar todo o texto, em tudo a ideologia se identifica, desde o procedimento dos soldados, que estavam longe de suas casa, das esposas; dos que estavam na guerra, dos estrangeiros que se encontravam longe de suas pátrias, dos heróis gregos diante das peripécias e dos "Anti-heróis" que respeitavam sobre tudo as normas de conduta pré-determinadas.

Todas essas ações identificam como era a sociedade grega, ou mesmo da forma que esta deveria se comportar. Sem desmerecer o valor que os outros personagens contribuíam para a educação da sociedade grega, nota-se com que forma exemplar o "Anti-herói" contribuiu, pois este mesmo tendo oportunidade de abater o herói como acontece com Posêidon, que reconhece os destinos que os deuses haviam preparado para Odisseu, no quinto canto da *Odisséia* Posêidon afirma que o deixaria voltar à montanhosa Ítaca, pois este era o destino que devia ser cumprido, mas não sem muitas tribulações e tormentos, que ele ainda trouxe ao nobre rei, fazendo com que as normas pré-estabelecidas sejam respeitadas. O mesmo ocorre com o relato de livro de *Jó*, sendo Satanás um tanto mais forte que Jó, todavia obedece à norma de conduta que lhe foi imposta, se quisesse Satanás destruiria a Jó, fá-lo-ia sem muito esforço, caso não houvesse confronto com outro personagem, um tanto mais forte, chamado Deus.

Sabe-se que Odisseu também era protegido pelos deuses do Olimpo, inclusive pelo próprio Zeus e sua filha Atenéia. Mas uma das características peculiares às obras clássicas é o cumprimento acirrado das leis pré-estabelecidas, isso se observa tanto nas obras gregas quanto nas hebraicas, como analisamos nesta questão. É por isso que firmamos que luta e vitória é prova de fogo autêntico da virtude, significando que a Arete é a conquista tanto pelo herói quanto pelo "Anti-herói", já que num quadro pré-estabelecido ambos são vitoriosos, sem debilitar a honra e danificar o mérito de cada papel.

Conforme a definição de Jaeger a negação da honra era a maior tragédia humana, os heróis travavam suas batalhas com respeito e honra ninguém receava reclamar a honra que lhe é devida, observamos tais fatores no confronto entre o "Anti-herói" e o herói: na *Ilíada* o bravo Aquiles reclama pela sua honra, todavia respeita as opiniões de Agamémnone, na *Odisséia* o bravo Odisseu luta por resgatar sua honra em Ítaca, todavia jamais amaldiçoa Poseidon, embora Jó queixa-se dos males que lhe sobreveio, jamais cita o nome "Satanás"; todas estas são

provas de honras mútuas numa batalha. O fato dos deuses, principalmente os gregos, reagirem desta maneira, comprova o argumento de Jaeger que os "*deuses de Homero, são, por assim dizer, uma sociedade imortal de nobres,*" se são nobres, portanto possuem Arete e na sua maior excelência e essência, sendo Poseidon um deus e um "Anti-herói" e Agamémnone um herói grego, todavia um "Anti-herói" na *Ilíada*, conclui-se que os "Anti-heróis" tinham de suma importância a sua Arete. Os deuses em Homero são antropomorfizados, há uma imersão dos deuses que sofrem paixões, que é um fenômeno típico dos humanos.

Embora Jaeger e muitos estudiosos tenham visto que o heroísmo é o sentimento mais peculiar e original da vida dos gregos, é notável que o anti-heroísmo é um pouco mais complexo e tão elaborado cuja personificação inexistente em épocas posteriores conjeturou, contudo numa sociedade literária da época, onde a honra estava acima de toda e qualquer coisa ou ato, isso traduz a inteligência da historia grega e nos faz compreender a densidade psicológica da magnífica Aristéia; isso nos explica o poderoso impulso humano em realizar seus objetivos, contudo sem interferir radicalmente no destino pré-determinado pelos deuses.

A constituição do "Anti-herói" clássico, principalmente do povo grego, é sem dúvida a maior e mais aperfeiçoada de todos os outros povos, por que eles não precisam ter desvio de conduta para se constituir conforme acontecem com os da atualidade, eles são "Anti-heróis" possuindo todas as virtudes e até mais ainda que os heróis, embora na Antiguidade houvesse uma rivalidade histórica entre os gregos e hebreus, vimos que a constituição de seus "Anti-heróis" era o principal dos pontos que lhes uniram. Os "Anti-heróis" clássicos zombaram e ainda zombam da ação corrosiva do tempo no seu reconhecimento de status e de Arete que possuem em nenhum outro possuiu.

1.3 O "Anti-herói": Cultura e Educação

A Arete é o conceito central da formação grega, é nitidamente apresentada pelos poemas Homéricos; para os hebreus a virtude era o maior bem que um ser humano possuía para aproximar-se de JHVH, o ser supremo; estar próximo de JHVH significava ser perfeito, Cristo foi condenado pelos Hebreus por que se declarava filho de Deus, para eles um homem poderia aproximar-se de JHVH, mas declarar-se filho significava ser igual à JHVH, que segundo os preceitos judaicos, uma blasfêmia. A partir do ponto de vista histórico a *Ilíada* apresenta ser um poema bem mais antigo que a *Odisséia*; porém a *Ilíada* foi escrita por último, o poema mostra o predomínio absoluto do estado de guerra, já *Odisséia* retrata o regresso dos heróis, em ambas a guerra e o seu ambiente estão totalmente envolvidos; nesta cultura a guerra enobrecia os homens, os guerreiros que eram abatidos e mortos eram considerados heróis e morriam com honra; a *Eneida* também é um retrato de uma guerra, foi escrita para contar o passado glorioso dos Troianos que vencidos pelos Aqueus partiram para o Lácio para fundar a Itália; somente em *Jó* que trata de rotinas caseiras, por isso se configura como o herói trágico-cômico e não trata de uma fundação de um povo, porém é o relato de um ser humano capaz de enfrentar todas as peripécias para continuar a ser fiel a JHVH, de quem os Hebreus tomariam exemplo de conduta. Lutas e vitórias é a distinção mais adequada para descrever esta sociedade, onde o "Anti-herói" adquiriu seu status.

A questão das diferenças entre as poesias gregas e hebraicas, quanto ao ambiente de guerra dos primeiros e as rotinas caseiras dos últimos é tratada por Auerbach, porém escolhemos não discursar a respeito de Abraão conforme fez o teórico, pois o livro de Gênesis não narra apenas a vida de Abraão e o seu foco principal não é o patriarca, mas sim contar a origem do mundo e do povo hebreu, quando da sua peregrinação intermediando ao período do êxodo quando eram escravizados no Egito e fugiram sob o comando de Moisés. O relato do patriarca em Gênesis se faz necessário por ser considerado o pai de toda a nação israelita, cujo neto Jacó adquiriu o nome de Israel e deu nome a esta nação até aos dias atuais, o próprio nome Judeu é originário de Judá, quarto filho de Israel que dá nome a uma tribo, a mais numerosa e predominante entre as doze e posteriormente viria a se constituir nação. O livro de *Jó* foi escolhido para trazer a tona análises daquele que é considerado o mais velho livro bíblico pela maioria dos povos cristãos e judeus.

O valente é sempre um nobre, homem de posição, quem diria que Agamémnone, rei dos homens não é um nobre, quanto a Posêidon, o abalador da Terra e o dominador de todos os mares, filho de Cronos que dividia o reino universal com Zeus e Hades, o primeiro é o deus dos imortais, dos deuses, o segundo o rei dos mortos, segundo a religião olimpica. Quem poderá afirmá-los como antiéticos que devem ser desprezíveis pela incoerência social? São, portanto o exemplo puro de como devia agir o "Anti-herói" grego, ou seja, em comunhão com o destino outorgado e predeterminado pelos deuses. O ideal do homem grego era nobre até mesmo quando fosse um "Anti-herói"; Homero soube como ninguém reproduzir este inquestionável valor da aristocracia de seu tempo.

Os heróis descritos na *Ilíada* revelam o seu gosto pela guerra, descreviam-na como "*a batalha que enobrece os homens*", e cumpriam seus deveres pela aspiração à honra como autênticos representantes da sociedade. Em Poseidon queira os gregos ou não, era um representante imortal do povo grego, pois todos os deuses o eram, artifício grego; não sei se lhe caberia justamente esta palavra aqui para decifrá-los; Agamémnone o rei dos homens, a exemplo de Poseidon não desiste de seus planos, mas acaba conciliando seus planos com os deuses imortais, que pode ser visto como o equilíbrio e a ordem.

Convém firmarmos aqui que a Arete dos heróis e "Anti-heróis" da Antiguidade era sobre-humana, talvez seja por isso as devidas ações anti-heróicas isoladamente nos revelam uma inovação política, devemos atentar para o fato de que o grande Odisseo desafiou a morte pela luta ao retorno a montanhosa Ítaca, sendo Odisseo o rei de Ítaca foi conspirado por Poseidon diante dos olhos dos outros imortais, sabe-se que, Poseidon desafiou a Odisseu protegido por Atenéia que sob juramento de Zeus, deus de todo o universo, prometeu-lhe que Odisseu retornaria à sua pátria Ítaca. Por outro exemplo vemos Aquiles, o dos pés ligeiros, maior entre todos os guerreiros, protegido por Tétis, que sob juramento de Zeus prometeu honrar seu filho, todavia Agamémnone, pastor do povo, desafiou-o.

Estes exemplos gregos também ocorreram entre os hebraicos, sendo Jó homem reto, temente, testemunhado e defendido por Deus, todavia foi desafiado por Satanás. Neste âmbito, conclui-se uma revolução política, uma inovação na nobreza, para tal era preciso uma ação de alguém que já estivesse incluso nesta sociedade, pois um servo jamais poderia fazê-lo, principalmente naquela sociedade altamente rígida e hierarquizada.

A nobreza era uma classe fechada, com reconhecimento de seus privilégios, domínios, costumes e modos de uma vida refinada, voltada para a formação dos verdadeiros nobres. A-pesar do ódio recíproco entre Agamémnone e Aquiles, Posêidon e Odisseu e até mesmo entre Satanás e Jó, só que deste último não temos nenhuma incitação ou palavra proferida contra Satanás, mesmo no ódio o nobre clássico deve manter sua postura, e o cumpre com muito rigor. Acima de tudo privilegiam a harmonia com a ordem divina do mundo, cuja dignidade especial de conduta através de suas nobres e grandes façanhas, serve para ilustrar a anti-heroicidade clássica, é de suma importância frisar que a ideologia aristocrática se manifestou desde os primórdios da humanidade, isto está refletido nas obras clássicas, a partir destes é que se instalaram no âmbito sócio e trans-cultural, atingindo esta sociedade hierarquizada. Foi nos clássicos, todavia que estas ideologias fluíram, com excelência de quem deveria e como deveria servir tais nobres, dizer que não existe ideologia em *Odisséia* e *Ilíada* é negar a persuasão proferida neles, sendo que esta é a constituinte especialíssima dos livros gregos proferidos, sua essência e excelência, que representa sua magnitude, e do povo grego, cujo objetivo ideológico era manter a força "instituída" pelos deuses. Os livros Homéricos retratam por intermédio dos seus "Anti-heróis" como deveria comportar àqueles que pacificamente se opusesse à instituição imposta pelos deuses; estes elementos compunham e deveria obrigatoriamente estar presente na formação do cidadão grego, como também, elemento central de sua cultura.

Os "Anti-heróis" gregos se destacavam entre a nobreza, pois a semelhança destes possuía uma vida sedentária, detinham posses de bens, e possuíam tradição, três das características elementares que facilitavam a transmissão das formas de vida entre pais e filhos. Era comum entre os "Anti-heróis", possuir um sentimento de humanidade para com os indivíduos comuns, inclusive os estrangeiros e mendigos e falta o sentimento de separação entre os nobres e os homens do povo, como também da própria família, a proximidade entre senhores e servos é dada numa relação patriarcal. A importância desse tipo de formação do homem grego instituiu a modelação sociedade ocidental.

À semelhança dos heróis, aos "Anti-heróis" nunca faltavam conselho inteligente, para cada ocasião encontravam palavras adequadas, sabiam defender suas idéias, possuíam destreza guerreira e elevada estima de virtudes espirituais e sociais; sua honra constitui sua destreza e inteligência, seu triunfo baseia-se em abater o inimigo, todavia sem influência no destino final predestinado pela ordem divina, poderíamos categorizar desta forma que na literatura

clássica o "Anti-herói" é o responsável pela criação da ação no enredo, embora para a religião judaica Satanás fosse o ser pervertido e responsável por todos os males terrenos, devemos salientar que se tratava de uma divindade que embora possuísse menos poder que JHVH, era mais poderoso que Jó; descontente por não possuir o domínio desse herói vai requerer junto a JHVH, era inteligente e soube defender sua idéia, buscou com toda sorte de males expiarem a *Hybris* desse personagem, já que nenhum ser humano seria capaz de suportar suas afrontas.

Já o herói é aquele que sofre ou vive o enredo; numa investigação especial caracterizaríamos que na constituição do enredo, os deuses instituem a ordem original das coisas, conforme explícito em "*Odisséia*" quando os deuses se reuniram para determinar o destino de Odisseu; ou na narrativa de *Jó*, quando JHVH e Satanás decidem o destino de Jó. Já o "Anti-herói" intervém na ordem original moldando-às conforme ocorreu após o concilio dos deuses em "*Odisséia*", Poseidon determinou que Odisseu voltasse (obedecendo à ordem original), todavia não o faria sem muitos estardalhaços e empecilhos; fazendo com que o mesmo só regressasse ao seu lar na montanhosa Ítaca após vinte anos depois de tê-la deixado rumo à guerra. Já o herói sofre o destino determinado pelos deuses, além de viver a interferência do "Anti-herói", sendo o mesmo protegido pela ordem divina, todavia, com coragem e valentia o suficiente para combater os próprios deuses. São símbolos da constituição cultural da nobreza clássica. Vale reforçar que o "Anti-herói" só se sente ofendido a ponto de buscar a expiação do herói quando este fere o próprio cosmo. Um exemplo para aqueles que ousam desafiar a instituição divina, e correm o perigo de com isto atrair a ira dos deuses divinos.

1.4 O "Anti-herói" e a *dialética do esclarecimento*

Os aspectos da dialética do esclarecimento sobre o "Anti-herói" grego, hebraico ou romano clássico ainda não foram traçados, porém a partir do que vimos em Adorno e Horkheimer trataremos de sua composição frente à dialética. Estas obras são relevantes para compreensão da civilização moderna, pois se constituem como florescentes de uma sociedade que de certa maneira predominou e/ou influenciaram outras, cuja influência perdura até os dias atuais; presumo que as culturas gregas e romanas com seus costumes e saberes que ainda proliferam por todo o mundo; os hebreus com suas religiões que dominam o mundo secular, haja vista que as duas religiões com maiores números de adeptos têm bases no judaísmo.

Os estudos são muito amplos, além de fazer uma análise reflexiva sobre as origens do pensamento ocidental observam ainda suas incapacidades em lidar com atos sociais bárbaros, como o nazismo e o anti-semitismo, até mesmo o fanatismo religioso, que tem ocupado as capas dos principais meios de comunicação da atualidade.

Gagnebin (1997) caracterizou a obra de Adorno e Horkheimer como um livro de "filosofia que tenta pensar num aquém e um além do pensamento filosófico tradicional". Baseando - se na conjectura central de que o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba revertendo à mitologia, Adorno e Horkheimer retomam motivos oriundos dos estudos analíticos de Nietzsche e Freud para realçar uma forma de participação arcaica no processo de entendimento da sociedade, observando a linguagem da razão e da dominação; os mesmos observam o fato que nem mesmo Marx, talvez o maior dos representantes iluministas, conseguiu de fato entender e explicar o nazismo e o anti-semitismo.

O destino dos heróis está ligado à instituição divina, os deuses gregos se reuniam em concílio para determinar o futuro de um herói, como aconteceu com Aquiles; de uma cidade como ocorreu com Tróia; ou até mesmo de um povo conforme se determinou aos Aqueus. O "Anti-herói" determina por que caminho o herói terá de percorrer, as peripécias que haverá de enfrentar, as dificuldades, mas obedece a instituição posta, o destino final que os deuses articularam em concilio.

Adorno e Horkheimer afirmam que na *Odisséia* "*As divindades da natureza são logradas pelo herói do mesmo modo que pelos deuses solares.*" Os deuses se reuniram em concílio enquanto Posêidon estava na terra dos etíopes para deles receber grandes sacrifícios, neste intervalo os deuses intentaram para levar Ulisses em segurança até sua terra natal, Aristóteles já havia pressuposto esta ordem de harmonia e equilibrio. Uma diferença crucial entre os enredos de *Odisséia* e de *Jó*, é que no primeiro temos uma delimitação, uma localidade determinada, o lugar onde os deuses se reuniram, onde Posêidon se encontrava o que ele estava fazendo; no segundo, não temos idéia de onde seja o lugar onde tudo se passa exceto que temos apenas a idéia de que Satanás se encontrou com Deus em um lugar que não era a terra, em ambos havia um só desígnio, o destino de um Herói.

Segundo Auerbach, este fenômeno bíblico era comum por que nela estava o desejo de alçar a verdade absoluta, assim o escritor não tinha necessidade de informar o leitor onde se encontram os seus personagens. Quando JHVH manda Abraão ir ao monte oferecer seu filho em sacrifício, não há uma noção de onde estão conversando, em na narrativa de *Jó*, eu diria que este fenômeno se dá mais forte ainda; pois não temos nenhuma inscrição histórica que ainda pode ser observada em Abraão, de Jó nada sabemos, a não ser que morava em Uz, e a propósito não há nenhuma inscrição histórica deste lugar, e sua localidade é um tanto controvertida.

Adorno e Horkheimer descobrem no retorno de Odisseu a Ítaca um símbolo primeiro da constituição do sujeito moderno, cuja obra é a precursora da nossa tradição ocidental. Segundo os autores o nazismo e o anti-semitismo podem ser compreendidos como o retorno dessa violência firmada. Para isto escolhem alguns fenômenos dentro da *Odisséia* para descrever esta ligação. Todavia nossa pretensão é trabalhar o fenômeno da dialética do esclarecimento diante do "Anti-herói", não apenas da *Odisséia*, mas também da *Ilíada*, *Eneida* e *Jó*. Considere se que de fatos "Anti-heróis" destas obras são os principais causadores destes transtornos na constituição do sujeito clássico que reflete nos dias atuais.

As obras clássicas estão fundadas no mito e possuem suas origens na tradição oral, as aventuras escritas em *Odisséia*, *Ilíada*, *Eneida* e *Jó* são elementos mais antigos, o que o autor fez foi reorganizá-los em torno de uma obra central, mesmo a *Eneida*, uma obra cuja origem se difere muito das obras gregas e da hebraica, organiza dentro de si uma série de mitos até então da tradição popular romana e mesmo da grega.

Há uma contradição nesta "organização" dos mitos que Adorno e Horkheimer já haviam observado na *Odisséia*, pois quando o herói clássico, por exemplo, Odisseu, destrói todos os mitos dos deuses e as viagens marítimas, no instante em que funda um mito em torno de si. Em *Jó* temos o mito de que ninguém resiste às provações que Satanás cause em algum ser humano, mas quando este resiste às peripécias funda-se como mito para a sociedade hebraica. Em todas as obras clássicas existe uma série de mitos que acabam sendo desmistificados, mas há a fundação de outro mito, que é o mito do herói.

Se na *Odisséia* temos o exemplo do Herói Odisseu, um digno representante da sociedade burguesa confronta se com o "Anti-herói" Posêidon, um deus que pela sua ancestralidade simboliza a sociedade pré-histórica, que fica delimitado a um ambiente incapacitado de saber o que acontece em outro lugar na sua ausência. Já a *Ilíada* apresenta uma diferença nesta categorização, Agamémnone, "Anti-herói" legítimo da obra, é o senhor proto-burguês que se opõe ao herói Aquiles, filho da deusa, que busca a sua glorificação e desconhece o senhorio de outra pessoa, além de querer para si a mesma parte dos despojos que coubesse ao guerreiro e senhor de todos os homens.

Eneida figura um pouco mais com a *Odisséia*, cujo herói principal Enéias é o representante da sociedade burguesa desbravadora (poderíamos categorizá-lo como o representante das grandes navegações e até mesmo dos fenômenos de conquista do espaço sideral). Em contrapartida o "Anti-herói" nessa obra é uma deusa que se opõe em favor de seu povo, pois ouvira falar que uma raça descendente de troianos destruiria Cartago. Juno representa tipicamente a sociedade que não se deixa colonizar ou modernizar, mas prefere continuar à mercê do destino vivendo como os ancestrais.

Poderíamos a influência na caracterização dos nativos do Novo Mundo e de outras partes do planeta, em época posterior da História do Ocidente. Em *Jó* há um exemplo do herói que vence todas as dificuldades, embora sejam instransponíveis por causa da religião que segue, e por outro lado o "Anti-herói" não aceita a fidelidade religiosa do outro indivíduo e tenta de todas as formas abatê-lo, o fato de não conseguir este feito é a prova categórica da sublimação que o homem atingiu que para Jó significa o ápice de sua fidelidade com JHVH, e para dialética do esclarecimento é a capacidade que o homem alcançaria que apesar dos temores conquistaram espaços antes desconhecidos, e hoje caminha para conquistas extras-terrestres do

sistema galático ousado. O que por muitos anos parecia algo inatingível passa ser um método possível devido a soberania que o homem adquiriu.

Partindo destes pressupostos, tantos daqueles que Adorno e Horkheimer afirmaram quanto daqueles que observamos na constituição do "Anti-herói" que eu categorizaria como sendo elementos centrais para a análise da constituição e figuração literária do sujeito moderno e que se englobaria nos fenômenos de mitos e esclarecimentos capazes discernir o processo de formação da sociedade.

As epopéias de Homero iniciam com os dizeres que chamam a atenção do leitor para cantar a ira de Aquiles e as aventuras de Odisseu, que segundo Adorno e Horkheimer são uma "*estilização nostálgica daquilo que não se deixa mais cantar*". Posteriormente Virgílio usaria as mesmas palavras na composição da *Eneida*, desta vez cantando as aventuras de Enéias. Em *Jó* temos apenas as inscrições *"Havia um homem"*, por que para a poesia hebraica daquela época, não se interessava o ambiente, nem tão pouco os dados genealógicos, que seria comum em épocas posteriores da literatura hebraica, o que já é uma inscrição digna da religião judaica. Estes são fenômenos atípicos dos fatores que se englobam, o tipo de inscrição usada nas obras clássicas passou por diversas transformações até alcançarem as dimensões atuais.

Adorno e Horkheimer observaram que Homero transformou a epopéia e o mito entrelaçando-os, já que epopéia e o mito possuem uma face comum, nelas estão implantadas a dominação e a exploração, isto também se aplica a *Eneida* e a *Jó*, que também passam pelo crivo da mitificação.

Para ilustrar a dialética do esclarecimento nas obras clássicas, apresentamos abaixo alguns dos episódios que Adorno e Horkheimer usaram no excurso I de sua obra, analogicamente a outros episódios da *Ilíada*, *Eneida* e *Jó* que observamos.

Quando Odisseu chegou à terra dos feácios contou ao rei Alcino todas as peripécias que havia enfrentado; andando por longes terras, navegando por longínquos mares, Odisseu e seus homens chegaram a uma ilha, que não tinha cidades, nem terras cultivadas e juntamente com alguns de seus homens entrou em uma caverna, habitação primitiva, típica do homem pré-histórico, mas esta não era a habitação de um ser pré-histórico, mas sim de Polifemo, filho do deus do Mar, monstro gigantesco, que tinha um único olho em sua testa, pastor de ovelhas. Eis aqui mais uma característica dos homens primitivos: Polifemo é um sujeito rude que não

conhece as leis sociais, não respeita os direitos de hospitalidade conforme convinha a um viajante, ao invés ele os aprisiona, e na primeira noite pega dois homens batem-lhe com a cabeça no chão, esmagando-as, a ponto de seus miolos caírem pelo chão e os devora, traços de violência e canibalismo, algo que a sociedade civilizada luta para banir e motivo para repressão popular.

As características de Polifemo se enquadram perfeitamente com as de um selvagem pré-histórico, não plantava, mas vivia do que a terra produzia, era pastor de ovelhas, uma das primeiras atividades desenvolvidas pelo homem, não vivia em sociedade, e sua habitação era uma caverna; além desta descrição, Polifemo não conhecia sequer o fogo, o primeiro fator que o homem dominou. Os homens de Odisseu foram devorados crus. O filho do deus era a figura de um personagem pré-histórico, ao passo que Odisseu era a de um senhor burguês.

Mas vejamos os traços que descrevem o "Anti-herói" da obra. Poseidon fazia parte do Protógonos, era irmão de Zeus e Hades, quando depuseram o pai partiram os domínios entre eles, a Poseidon coube o domínio dos mares, sua habitação era um palácio do Mar Egeu, sua arma era um tridente que era capaz de provocar grandes tempestades no mar, maremotos, fazia a terra tremer e brotar água do chão. Tinha muitos filhos, a maioria de tamanhos gigantescos e de natureza selvagem, seus adoradores, entre os quais Homero, cita que os etíopes eram selvagens, tinham caráter violento e multifacetário assim como o deus dos mares, dentre os sacrifícios oferecidos a Poseidon estava o afogamento de cavalos, verdadeira atrocidade. A figura alegórica de Poseidon coloca-o como representante legítimo da cultura pré-histórica, suas características são insólitas para a sociedade atual.

A irracionalidade de Polifemo é a arma para obstrução da visão que o astuto Odisseu usou. Quando ainda estavam na caverna Odisseu indagado pelo seu nome responde *Oudeis*[7], é um pronome grego que significa Ninguém, *Odisseus* tem uma proximidade sonora muito grande de *Oudeis.* São palavras homófonas, possuem sons quase idênticos; astuciosamente após a ceia do bárbaro ciclope, Odisseu lhe oferece um bom vinho que havia trazido de seu barco, eis uma invenção do mundo civilizado, quando o homem se embriaga ele fica à mercê

---

[7] Segundo Gagnebin (1997), Adorno e Horkeimer (1969) não citaram o nome corretamente, *Ninguém* no texto homérico é *Outis*, outro pronome grego, Gagnebin destaca que *Oudeis* "combina com *Odysseus*, o que é essencial para a problemática da negação da identidade na leitura de ambos". Homero fez um trocadilho de sentido entre *Outis* e *Métis*: Em grego *Tis* significa Alguém, os sufixos *Ou* e *Me*, são sufixos de negação.

daqueles que o cercam e Polifemo desconhecia este fenômeno; tanto gostou da sobremesa que o Ciclope prometeu que em troca da sua lealdade lhe devoraria por ultimo. Logo se deitou para descansar e dormir, e vencido pelo vinho, Polifemo havia colocado para secar uma grande estaca. Odisseu e seus camaradas esquentaram no fogo a ponto de começar a produzir brasas e com ela furaram o único olho que o ciclope tinha. Polifemo exprime sua dor com um grito imenso e horrível, tão alto que todos os ciclopes que estavam por perto puderam ouvir. Os outros lhe perguntaram o que estava acontecendo, ao que Polifemo responde que *Oudeis* (Ninguém), estava lhe matando pela astúcia e não pela força.

Todos os outros ciclopes possuíam a mesma característica primitiva de Polifemo e não compreenderam o jogo de palavras e pensaram que se referia ao ferimento de um deus que estivesse lhe castigando. O encanto da palavra dá sentido de que o Ciclope citava alguém que não poderia ser visto, por isso cognominou-o de *Oudeis* (Ninguém). Após a alvorada Odisseu e seus homens amarraram-se nos pêlos da barriga das cabras e ovelhas de Polifemo. Odisseu é o último a sair, o senhor burguês não se arrisca os seus súditos é que fazem isso, e isto acontece em diversos episódios desta obras, como é o caso dos homens que foram até Circe, que transformava os homens em porcos, para tê-los sempre por perto, o cíclope cego só apalpava as costas dos animais e não consegue perceber que seus prisioneiros e banquete estão fugindo, ingenuidade que somente um ser primitivo poderia cometer, de cavalgar sobre os animais na tentativa de fugir. Já estando salvo o rei Odisseu não quis sair com uma identidade que não lhe era pertinente, por isto a uma distância que ainda podia ser ouvido gritou a Polifemo dizendo que o seu verdadeiro nome era *Odisseu*, e não *Oudeis*. Quem adquire o nome de Ninguém e com isso manipula os artifícios de assimilação e domina a natureza sucumbe à *Hybris*.

No canto das Sereias, quando Odisseu enfrenta este mito, já é uma conseqüência da *Hybris*, é uma decorrência da ação inicial do "Anti-herói", esta é uma das divergências entre o Herói e o "Anti-herói" e por sinal uma das principais, pois na *Odisséia* Posêidon é o representante legítimo da sociedade primitiva, se é que podemos chamar sociedade, ao passo que Odisseu é o senhor burguês por excelência. Em todos os episódios Odisseu tem de passar por mitos primitivos os quais tem de vencer para fundar uma nova ordem histórica.

Ainda no episódio do canto das sereias, Odisseu quis ouvir o canto delas, embora não o poderia fazer sem a elas se entregar, para que isto não acontecesse ordenou que seus homens lhe amarrassem no mastro do navio enquanto que os mesmos colocariam ceras nos ouvidos

para que fosse impedido de ouvir o som das sereias. O ato de amarrar um indivíduo no tronco do navio era um fator antigo, através da qual se amarravam os prisioneiros para executarem ou levar a algum destino desejado, mas neste caso, Odisseu vai além, ele não é um prisioneiro, e amarrar alguém ao mastro do navio nem sempre é a mesma coisa ou pela mesma circunstância na sociedade burguesa, o próprio navio já representa o que eu chamaria de protótipo do Estado, os padrões universais hoje prevêem que o estado é uma instituição organizada politica, social é o instrumento capaz de organizar a paz global, o lugar onde todos os indivíduos devem ter o direito de expressarem-se, as pessoas que estão num determinado estado são dirigidas por ele, nesse caso, o senhor burguês está amarrado ao mastro do estado, nenhum canto do além-mar poderá arrancar-lhe deste lugar, pois os proletários, aqueles que conduzem o estado, estão com ceras nos ouvidos, além de não ouvir o canto das sereias para que não morressem, não podiam ouvir o desejo de Odisseu.

Amarrado ao mastro ele já não representa o prisioneiro que definitivamente deve ser executado. Adorno e Horkheimer chamaram atenção ao que poderia ter acontecido com as sereias após a passagem de Odisseu, pois a epopéia se cala a respeito; contudo podemos presumir que elas são sempre a mesma coisa, possuem o mesmo ofício, nunca faziam outra coisa a não ser cantar para iludir os navegantes que por ali passavam e encontravam a morte fatal, sendo que um consegue passar por elas e ouve o seu canto sem, porém se render significaria o fim de um mito e início de outro. O encanto foi quebrado e o mito perdeu sua principal característica: a repetição.

O episódio em que Odisseu chega à terra dos comedores de lótus é um pouco controverso, quem passa nesta terra e prova do lótus não tem o final triste que tem um individuo na casa de Circe, nem na passagem por Cila e Caribde, nem como quando passam pelas sereias, simplesmente eles não se preocupavam mais e voltar para a pátria e de levar notícias aos familiares, ficava na terra dois lotófagos até a morte. Isto lembra a felicidade dos narcóticos, que, embora Adorno e Horkheimer tenham dito que serve as camadas mais oprimidas das sociedades mais endurecidas eu diria em todas as camadas sociais modernas possíveis, a ilusão da aparência de felicidade, onde o indivíduo esquece totalmente do mundo que vive, nem se importa com o que lhe possa acontecer. Quando Odisseu viu a situação de seus companheiros agarrou-os pela força e levou-os ao navio, enquanto seus rostos eram banhados de lágrimas pela tristeza de partir da terra dos lotófagos, levados ao navio, lá conseguiriam superar o dese-

jo de comer das flores, o que podemos comparar aos centros de recuperação dos usuários de narcóticos.

A passagem por Cila e Caribde significa para o senhor burguês, que não importa quanto vai perder ao enfrentar uma adversidade, o que interessa é o fato de conseguir chegar o outro lado, Odisseu sabia que a passagem por Cila e Caribde e a morte de alguns de seus homens era inevitável. O Herói não foi capaz de encontrar outra rota pelo mar, esta é uma das partes em que tem que ceder, Caribde é um monstro marinho criado por Poseidon ficava em frente com Cila era uma ninfa que foi transformada num monstro por Circe por causa do amor que sentiu por Glauco, que amava Cila. Estes monstros, que dificultavam a vida dos navegadores que por ali passavam, significam o tipo de peripécia que a burguesia tem de enfrentar obrigatoriamente.

Outro episódio que Adorno e Horkheimer citam em sua obra é o episódio em que a deusa Circe transformava os homens em porcos, contudo tinham sentimentos humanos e ficavam conscientes das condições em que estavam vivendo. Adorno e Horkheimer citam a respeito do culto ctônico de Deméter, para a deusa cujo porco era sagrado, talvez o episódio pudesse insinuar o ressurgimento deste tipo de culto; citam o exemplo da semelhança entre o ser humano e o porco e da nudez destes. Juvenal tinha dito que a carne humana ter o mesmo sabor que a carne do porco, o que explica a proibição do canibalismo, para os filhos da Hélade não existe o mesmo tabu que existe entre os hebreus na mistura com estes animais.

Quando os homens eram transformados em porcos passavam a andar com o nariz sempre próximo ao chão o que demonstra a submissão patriarcal. Circe que transforma os homens naquilo que quer para tê-los sempre a sua volta, é a imagem da mulher na sociedade burguesa da sedução e do bel prazer, meretrizes que transformam a vidas de muitos burgueses seduzidos pela volição feminina. Enquanto Circe prendia os homens em sua ilha, Penélope, esposa de Odisseu é a representante por excelência da mãe de família na sociedade burguesa, desde quando seu esposo partiu para ir à guerra ela o aguardou ansiosamente por sua chegada, na obra não há indícios nenhum de desejos sexuais sentidos por ela, seu único desejo era rever seu marido, havia muitos pretendentes em Ítaca, e não eram poucos, porém ela resiste a tudo, conforme apregoa nas seções de casamento: *na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, na vida ou na morte* o cônjuge tem que declarar o eterno amor *até que a morte os separe*, Penélope não sentiu nenhum desejo de casar-se e só o faria se um dia soubesse que seu esposo

havia morrido embora todas as evidências comprovássemos a sua morte, já que a guerra havia acabado a mais de dez anos e todos os homens de Odisseu haviam perecido no mar, e os outros guerreiros já haviam chegado em suas pátrias.

No episódio da ida de Odisseu a casa do Hades, o reino dos mortos, os gregos sequer pronunciavam o nome de Hades, que era muito temido por todos, visto como insensível austero e impiedoso as preces e sacrifícios; mais do que pronunciar o nome de Hades é ir a sua morada, porém o senhor burguês é capaz de fazer isso. Isso representa até que ponto vai o desafio do homem sobre a morte, embora Odisseu soubesse que seu fim seria como o de todos os homens, não hesita em ir ao Hades, hoje a sociedade burguesa embora conheça o destino em que à morte trazem a todos os homens, contudo lutam contra a morte até o limite humano. A conquista do Hades é o ponto máximo que o homem pode atingir isto acontece com poucos personagens na história da literatura universal, Orfeu e Hércules também foi ao inferno, tornou se uma tradição a ida de heróis até o inferno.

Quando Odisseu chega a sua pátria, ainda transformado em mendigo, seu cão Argos lhe conheceu, embora fizesse vinte anos desde a partida do nobre rei, a domesticação de cães é um ato praticado apenas pelas sociedades civilizadas, o que Argos representa para a narrativa épica é uma fase áurea em que os cães eram dotados de inteligência, e quando eram domesticados tornavam se amigos fiéis, segundo os adágios populares o cão é o maior amigo do homem, na *Odisséia*, especificamente no retorno de Odisseu nenhum personagem foi capaz de reconhecê-lo, nem mesmo sua esposa que pode ouvi-lo dizer sobre os possíveis destinos de Odisseu, somente a serva Euricléia pode reconhecê-lo embora pra que isto acontecesse teve de colocar as mãos sobre uma cicatriz que tinha desde menino.

Enquanto na *Odisséia* o "Anti-herói" representa o mundo primitivo, e a conquista do herói que representa a aristocracia, suas perambulações pelo mundo, a conquista do mar para a sociedade daquela época tinha a mesma importância que a conquista das galáxias, todos aqueles mitos compreendem os de outros, os monstros marinhos, os obstáculos nos mares traziam medo e insegurança para o homem da mesma forma cujos boatos se espalham a cerca da conquista da nossa galáxia, com interrogações de será que vale a pena, ou não estaremos descobrindo uma civilização mais aprimorada do que a nossa, capaz de dominar o nosso planeta e escravizar toda a humanidade, os alienígenas, os óvnis são mitos tão presenciais em nossa sociedade assim como o mito das sereis, de Circe, etc. eram para os Jónios.

Já na *Ilíada*, obra do mesmo autor da *Odisséia*, o "Anti-herói" é ao contrário de Poseidon, além de não ser uma divindade assim como Juno, Poseidon ou Satanás, Agamémnone era o legítimo representante da sociedade burguesa, há um sistema de hierarquia que deve ser seguido, atentamos a um fato histórico, após a segunda grande guerra mundial, os paises vencedores se apossaram dos paises derrotados, Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia repartiram a Alemanha em quatro domínios, e a capital Berlim também foi dividida entre estes paises, muitos outros paises estiveram aliados destes paises vencedores, embora não tiveram nenhuma parte nesta divisão, por causa do sistema de hierarquia mundial; Karl Marx havia feito um estudo minucioso acerca da divisão dos bens trabalhados, o sistema, chamado de *mais-valia* dividia segundo a hierarquia social do indivíduo a sua parte.

No início da *Ilíada*, a origem de toda obra se dá por causa da contenda entre Aquiles e Agamémnone, o primeiro era rei dos mirmidões na Tessália, filho de Tétis, uma das filhas de Nereu, embora fora criado por Hera, razão pela qual resistiu às tentações de Zeus, casou se com Peleu rei da Ftia e com ele teve sete filhos, para purificar seus filhos dos elementos humanos expunha-os ao fogo para purificar, mas isto lhe acarretava a morte, porém quando foi colocar Aquiles ao fogo, Peleu salvou a criança, razão pela qual Tétis abandonou-o e foi morar novamente no mar; para que Aquiles se tornasse imortal, Tétis mergulhou o seu filho no rio Estige, para mergulhá-lo o segurou pelo tendão do calcanhar, sendo esta a única parte a não ficar submergida, e única parte vulnerável do corpo, capaz de levá-lo a morte; todas as virtudes de Aquiles, superior em tamanho a todos os homens, e superior na força, além da imortalidade de quase todo seu corpo, o sangue divino, faziam dele o representante da cultura primitiva. Agamémnone, porém era o rei de todos os Aquivos que estavam na guerra, inclusive Aquiles estava ali para auxiliá-lo, junto com ele havia outros grandes reis, como Ájax, Odisseu, etc. Era filho do rei de Micenas ou Argos, Atreu e da rainha Aerope, havia convocado os reis para peleja por causa de seu irmão mais novo Menelau, que teve a esposa Helena raptada por Paris filho do rei de Tróia, Príamo. Agamémnone tinha ligações divinas assim como todos os heróis gregos tinham descendências dos deuses imortais, no entanto se conjectura no arcabouço da obra como o digno representante senhor burguês.

A presa de guerra de Agmémnone foi a filha do sacerdote Crises, porém com a necessidade de devolução da presa de guerra, por ser uma sacerdotisa de Febo Apolo, Agamémnone não aceitou ficar sem uma presa, para isto declarou tirar uma das presas de Aquiles, Ájax ou Odisseu.

Porém Aquiles não aceitou que sua presa fosse tomada sem que lhes desse outra no lugar, obviamente que numa sociedade hierarquizada o nobre aristocrata sempre deterá o maior número dos lucros, nas empresas capitalistas as maiores partes das reservas obtidas diariamente são remetidas aos proprietários da mesma, sendo que a menor parte é remetida ao pagamento da mão de obra. Aquiles age como um líder sindical ao querer a divisão que ele considerava justo, seu interesse era que ajuntasse todo o despojo para refazer nova divisão, como isto era quase impossível, Agemémnone se aproveita de ser soberano entre todos os homens e decide que sua presa será tomada de algum dos reis.

Os discursos de Aquiles não conseguem converter a intenção de Agamémnone, que após retirar a linda Briseis das suas de Aquiles faz com que este se ausente da guerra e com ele a proteção de Zeus, que havia prometido a Tétis exaltar Aquiles por causa da contenda entre os reis, a proteção de Zeus representa os obstáculos que a cultura primitiva impõe as conquistas da cultura aristocrata. Tróia é uma cidade que remonta dos tempos da idade do bronze. O deus da guerra Ares era amante de Afrodite a deusa do amor, que segundo a mitologia grega era a deusa mais bela entre todas, havia uma ligação entre a beleza e a guerra, a agressividade inerente ao espírito guerreiro e o amor pela beleza feminina sempre estiveram ligados, razão pela qual o filho de Afrodite – Eros, que era o deus do amor, que segundo a mitologia era capaz de fazer qualquer homem e mulher se apaixonar, bastava para isto atirar de seu arco uma flecha no coração, porém nenhum humano era capaz de enxergá-lo, porventura não é o arco e flecha uma arma de guerra? O amor e a guerra estavam presentes desde os primórdios da humanidade!

A guerra de Tróia, descrita na *Ilíada* foi desencadeada por que Paris tinha rapado Helena de Menelau, a mulher mais bela do mundo, Helena sugere o nome da terra de Hélade, por muito tempo foram chamados pelos romanos de Helenos. A conquista de Tróia significava a conquista da própria Hélade, posteriormente veio a ser chamada de Grécia. Perder Helena, a mulher mais bela do mundo, significava perder o significado do próprio nome, como haveriam de chamar a sua terra pelo nome Hélade se aquilo que sugere o nome não lhe pertence, a guerra de Tróia é mais do que uma conquista de espaço, é uma conquista de identidade. Se aos Aquivos não lhe eram pertinente nem mesmo uma identidade, não haveria por que viver, por isso, todos os reis parte para a guerra, ela enobrece os homens, pois aquilo que enobrece o indivíduo é a sua própria identidade, os Aquivos se determinaram e vencerem a guerra ou pere-

cerem, naquelas circunstâncias, qualquer coisa seria viável, seja a morte pela identidade, ou a conquista de identidade.

Quando Pátroclo, melhor amigo de Aquiles, contemplou as enormes perdas dos Aquivos, começou a chorar laboriosamente, e suas lágrimas eram tantas que Aquiles não se conteve e permitiu que o mesmo entrasse na batalha, o que Pátroclo enxergou seu rei ainda não havia percebido, se os Aquivos perdessem as guerras conforme as evidências comprovavam, a identidade dos Helenos seria extinta para sempre, decide ir a guerra para ajudar os soldados, embora soubesse que tantos homens morriam diariamente, estava consciente que melhor seria morrer a perder a identidade, "morrer, mas com honras" é o que Pátroclo fez. Quando o herói Aquiles percebe que seu melhor amigo é morto, decide entrar na batalha, o "Anti-herói" decide e nesta circunstância por espontânea vontade devolver a presa de guerra de Aquiles, pois os melhores homens já haviam perecido ou estavam feridos; o que o "Anti-herói" percebe é que mais vale a identidade de um povo do que uma presa de guerra, o que Aquiles não conseguiu compreender, pois quando entra na batalha, seu maior objetivo é vingar a morte de Pátroclo.

Quando Aquiles finalmente mata Heitor, amarra-lhe o corpo e arrasta ele desfilando diante dos Troianos que tristes observavam a perca de seu mais valoroso guerreiro. O desfile de Aquiles com o corpo do Herói Troiano ainda pode ser observado nas mais diversas competições globais de todos os âmbitos. Quando um país conquista a maior competição de esportes do mundo, vão ao pódio para erguerem uma taça que simboliza a vitória obtida. Quando um governante atinge números expressivos em sua gestão trata logo de mostrar o defunto, ou seja, os gráficos que demonstram o seu avanço. O ato praticado por Aquiles embora visto pela sociedade atual como uma atrocidade, na verdade é uma descrição do que se pode observar hoje e remonta desde os dias primitivos, quando o primeiro homem tratou de mostrar a simbologia da sua conquista. Heitor é o troféu na qual Aquiles se apossa para mostrar a todos sua vitória.

A epopéia grega se cala a respeito do que acontece a respeito de Aquiles, mas sabemos por intermédio de Enéias que Aquiles foi morto por uma flechada no calcanhar, disparada por Páris e guiada por Febo Apolo.

Enéias é o ancestral de toda a civilização romana, considerada a maior potência do mundo antigo. O Império Mongol é considerado o maior de todos os territórios de todos os tempos, seus domínios se estendiam da península da Coréia, descia até a península da Indochina, fazendo fronteira com a Índia ocupou todo Império Persa estendendo até o rio Eufrates

e Turquia, chegando a fazer fronteiras com os reinos germânicos, ao norte o império chegou a ultrapassar a cidade de Moscou atingindo os limites do lago Ladoga, atingindo uma proximidade muito grande do Oceano Ártico, que talvez não tenha sido conquistado devido às dificuldades em entrar num território em que a superfície permanece congelada por grande parte do ano devido às baixas temperaturas. No entanto o reino conquistado por Genghis Khan dividiu-se após sua morte, apesar de possuir tão grande domínio, tal qual nenhuma nação atingiu, e certamente a ação corrosiva do tempo zombará dessa conquista dos mongóis, nunca foram uma nação tão guerreira, nem teve o poder bélico e comercial como o Império romano, visto até os dias atuais como o maior império da história mundial da história. É nesse ambiente que a *Eneida* surge como o primeiro poema nacionalista do Ocidente e se configurou como uma obra cânone da literatura clássica.

O fundador do Império Romano é o Troiano Enéias, filho de Anquises e da deusa Vênus, o equivalente a deusa Afrodite na cultura grega, quando Enéias vê a cidade em chamas, Vênus se aproxima e diz que a raça dos Troianos sobreviveria através dele, todavia era necessário fugir, e com ajuda de sua mãe, coloca o seu velho pai nas costas, incapacitado de andar por causa da velhice, com seu filho ao lado e sua esposa Creusa atrás, fugiu das plagas de Tróia, mais tarde apareceu a Enéias dizendo ter sido raptada pela deusa Cibele. A fuga de Enéias, consequentemente a conquista das terras da Itália, traz um significado que Adorno e Horkheimer não falou em nenhum instante na sua obra, todavia vale ressaltar que *Eneida* bebeu nas fontes da *Ilíada* e da *Odisséia*, Virgílio conhecia a fundo as obras de Homero, por causa disso, *Eneida* tem características muito próximas das obras de Homero, a obra de Virgilio reúne, de maneira ousada as duas obras numa só, analisando pela composição literária, ao contrário das obras de Homero, *Eneida* foi uma obra encomendada pelo rei Augusto, que procurou trazer aos romanos um passado glorioso e sobre tudo nobre.

Possuir um passado nobre e antigo era uma preocupação da maior parte dos reinos da antiguidade, o historiador Flávio Josefo procurou justificar o passado antigo do povo Israelita, procurando desde Noé, os seus ancestrais. Segundo os historiadores Israleitas o povo Hebreu descende de Eber, de que herdou o nome Hebreu. Eber era filho de Sela, filho de Arfaxade que era filho de Sem, filho primogênito de Noé, posteriormente adquiriram o nome de Israel, neto de Abrão, quem declaram ser o pai de toda a nação. Ser primogênito significava ser o primeiro, sendo os primogênitos, os Hebreus declaravam ser os gregos descendentes de Javã filho de Jafé, foi deste Java que herdaram o nome de Jónios. Flávio josefo tenta rebuscar

na história fatos que comprovassem o passado nobre da nação Israelita. Enéias é o pai de todos os romanos, assim como Abraão o pai dos Israelitas. Contudo Enéias não é um nômade como Abraão, as culturas antigas dos romanos e dos Israelitas sempre foram divergentes. Os desejos dos imperadores sempre foram conquistar o mundo inteiro, nenhum deles se contentou com as conquistas obtidas, ao passo que aos hebreus apenas uma coisa, conquistar a *Terra Prometida*, assim como Enéias passa muitas aflições no mar Mediterrâneo em busca das terras da Itália, o povo Hebreu parte do Egito em direção à Palestina, atravessando águas e desertos. Os feitos obtidos pelos romanos e israelitas, de passar por dificuldades a procura de sua terra, refletem nas grandes navegações realizadas no século XV, época em que foi escrito Os Lusíadas, uma obra de Camões que também possuía muitas características com as obras de Homero e de Virgilio, em *Os Lusíadas* Camões trata das aflições que os navegantes portugueses enfrentaram para chegar às Índias, logo no inicio da obra, Camões canta dizendo: *"Cessem do sábio grego e do troiano as navegações grandes que fizeram;"* Porque nesta feita o homem tinha ido muito além dos limites descritos por Homero e Virgilio, os portugueses foram favorecidos pela posição geográfica favorecida, com a costa voltada para o imensurável oceano Atlântico, posição geográfica que não tem a Itália, nem a Grécia, que estão inteiramente no Mar Mediterrâneo, de onde remota as mais antigas civilizações.

As peregrinações pelo mar ou por terra em busca de territórios é uma prática das civilizações antigas, ainda hoje existem muitas tribos nômades, principalmente na África e na Ásia, e também ciganos, principalmente na Europa, que andam vagando por terras estrangeiras. Enéias, porém representa mais que um navegante peregrinando por terras estrangeiras, é o legitimo fundador da prole romana. Possuir descendência troiana era mais que ter um passado antigo, significava também ter um passado nobre. O historiador Josejo [ca.70 d.C. (1999)], tenta resgatar pela história a antigüidade de muitos povos, principalmente de sua nação. A preocupação acerca da descendência nobre ainda é um fenômeno bastante praticado nos dias atuais, constantemente pessoas, principalmente nos paises americanos, procuram pela descendência tentando ligar a famílias antigas que atingiram grandes domínios, barões, monarcas, etc. Que possuem brasões, visto como símbolo de identidade familiar, como quem tem uma bandeira que o represente, pois somente as famílias nobres possuíam brasões. Principalmente a famílias européias de onde nasceram as famílias mais ricas do mundo.

O "Anti-herói" da obra *Eneida* é a deusa Juno, mulher de Júpiter e rainha dos deuses. Durante a guerra de Tróia, Juno agiu a favor dos gregos, irritada por causa do julgamento de

Páris numa contenda que teve com a deusa Minerva e Vênus. Quando as plagas de Tróia estavam em ruína os sobreviventes partiram com Enéias para a Itália, conforme a orientação recebida da deusa Vênus, entre Juno e Vênus havia muitas contendas que passaram a refletir sobre o destino de Enéias. A ave preferida de Juno era o Pavão, que chegou a ser cultuado na Índia por causa da sua exuberância, quem matasse um pavão era condenado a morte, hoje esta lei não existe, mas os pavões ainda andam livremente nos templos hindus, os pavões não são tão domesticados atualmente por que são aves de convivência difícil, são brigões e não gostam da presença de outros animais, são capazes de destruir flores e arbustos, características que coincidem com a deusa Juno, logo no inicio da *Eneida*, o narrador declara que Juno ouvira falar que uma raça descendente de Troianos haveria de derrotar Cartago, cidade a qual ela amava mais do que todas as outras terras, este foi um dos motivos que fez com que ela se irasse contra Enéias, além dos fatos do julgamento de Páris, que também ainda estava guardado em seu coração.

O pavão se identifica com a deusa porque é uma ave que não aceita nenhuma outra espécie estranha por sentir-se ameaçada. A deusa age da mesma forma, sentindo que a sua cidade preferida estava ameaçada. Juno teve com Júpiter dois filhos, Marte o deus da guerra, e Vulcano o deus do fogo e artista celestial que fora jogado do céu para o mar por causa da sua deformidade, e acabou ficando coxo com a queda; fenômenos que ligam a deusa à civilização primitiva, gosto pela guerra, e desprezo pelo filho deformado.

No auge da civilização clássica, no instante em que Odisseu havia há pouco conquistado a imensidão do mar, e Enéias que acabara de sair de uma guerra saia para fundar colônia em terras remotas contrastava com o desejo de Juno que da mesma forma que Posêidon, queria ainda ser venerado pelos povos primitivos, com cultos a sua maneira, o avanço do homem significava o declínio do deus, e por isto eles debatem.

Quando Enéias chega a Cartago é logo recebido pela rainha Dido que o acolhe da melhor forma possível, já que também havia passado pela mesma circunstância, Dido apaixona-se por Enéias e consegue o seu amor por longos tempos, Enéias parecia até que havia esquecido de ir para Itália; o que Adorno e Horkheimer não observaram nesta passagem é que a rainha Dido é uma das representantes da cultura atual, há nos principais centros urbanos do mundo, lugares em que os viajantes de um país encontram mulheres para se satisfazerem os prazeres carnais, a pira é o lugar em que os cadáveres são queimados, o fogo tem significado

de purificação do corpo, a pira acaba sendo o lugar de purificação do corpo, Dido joga-se na pira por causa do amor que vai embora, as muitas Didos de hoje vão à pira e purificam-se para esperar outro indivíduo em que virá para repetir tudo o que já havia acontecido antes.

Dido é o símbolo do poder de Cartago, inimiga de Roma, que os romanos destruiriam na terceira das guerras púnicas. Dido também simboliza Cleópatra, rainha do Egito, que se tinha aliado a um general romano, Marco Antonio, para resistirem a Roma. Marco Antônio e Cleópatra foram derrotados na batalha marítima do Àcio ao largo do delta do rio Nilo. Dido também pode simbolizar a mulher misteriosa e sedutora do Oriente, que resiste ao poder romano no instante que por ele é submetido. Por metonímia pode simbolizar todo o Médio Oriente e Norte de África que foram das últimas terras a serem conquistadas pelo Império Romano.

Quando Enéias chega a Itália conhece Lavínia filha do rei Latino, alguns teóricos fazem comparações entre Dido e Lavínia embora são figuras completamente diferentes. Dido era rainha, uma bela mulher, apaixonada, tinha força, era capaz de agir, construir, amar, amaldiçoar, e até de matar-se; Lavínia é apenas um nome, uma referência, um pretexto, uma mulher prometida em casamento pelo pai, politicamente, primeiro a Turno, depois a Enéias. É uma personagem que pouco se sabe dela, pois logo está diante do altar, com os cabelos incendiados, num agouro de auréola e guerra no canto VII, da *Eneida*; mais adiante estará caminhando ao templo com sua mãe, atentamente olhando ao chão, afligida com as desgraças que provocou e lamentando por ser a causa da guerra; desesperada com a morte da mãe. Não se deve compará-la com Dido, Lavínia é o símbolo que a mulher romana deveria adotar, casa-se com quem o pai escolhe, e quando muda de opinião não se sente oprimida, enquanto que Dido é a prostituta que acolhe os estrangeiros e os prende com amor.

No Lácio, Latino, o rei e neto de Saturno, ofereceu a Enéias a mão da sua bela filha Lavínia e muitas terras; porém Lavínia era a antiga noiva de Turno, rei dos rútulos. Isto já estava predito numa profecia que dizia que Lavínia casaria com um estrangeiro para darem origem a uma poderosa nação que governaria o mundo. Lavínia e Eneias apaixonaram-se, mas a mãe e rainha Amada queria que Lavínia se casasse com Turno. Quando este percebe que perder Lavínia era perder o reino do Lácio, declarou guerra a Latino. Outros países juntaram-se na peleja de ambos os lados.

A guerra foi sangrenta a ponto que Latino sentir medo de que o seu país fosse arruinado e destruído. Decide que seria melhor realizar um combate único entre Eneias e Turno o vencedor teria o direito de se casar com Lavínia. Enéias é vence Turno nesta batalha singular, a mãe de Lavínia prefere morrer do que ver a filha casar-se com Enéias. O rei Latino é um simbolo de uma sociedade primitiva com características feudais, pois quando vê que Enéias é mais forte que Turno, que este é o colonizador que vem do estrangeiro e vai mudar todos os meios de vida dos cidadãos, promete a sua filha em casamento que já estava prometida a outrem. Na época do feudalismo era comum os casamentos serem realizados por conveniência, as vezes para conquistar um reino, uma propriedade, ou salvar-se da falência, etc. Latino age com prudência ao fazê-lo assim, pois era melhor juntar-se ao colonizador e permitir que o sangue da sua raça esteja perpetuando na nova nação, do que travar uma guerra sangrenta tentando espulsar o estrangeiro e acabar sucumbido por ela e perder a sua linhagem familiar. Os seus traços de primitivismo consistem em aceitar a entrada do invasor, assim como agiram os nativos indiginas da América, mas está associado ao jogo de ambições feudalista que viriam a dominar o mundo; a sobrevivência da sua linhagem dependia de todos estes fatores associados.

O que a obra demonstra neste episódio é que mesmo os ancestrais romanos agiam astuciosamente, para garantirem seus interesses, uma associação entre a sociedade primitiva e a moderna, as conquistas romanas não foram fáceis desde os primórdios da história romana, Latino é o símbolo dessa conquista áurea, e deve ser visto como nativo, não como romano, que também faria parte da sua linhagem.

O livro de *Jó* é visto apenas como uma história à parte na literatura hebraica, no entanto há um esclarecimento de que o personagem *Jó* é protótipo do povo israelita, enfrenta situações que analisadas de perto parecem convergir da mesma fonte e possuem o mesmo âmbito, embora na história de Israel o povo tenha sido às vezes pernicioso este ato característico é desconhecido em *Jó*.

A história de Jó se reflete na história dos israelitas, embora não seja conhecido como patriarca desta nação, mesmo por que não há nenhuma menção da sua genealogia, sabemos apenas que viveu na época de patriarcas, ele é um homem ao qual o próprio Deus confere um elogio *homem fiel*, mesmo assim lhe sobrevieram tantas peripécias as quais nenhum outro homem poderia suportar; os israelitas a seu exemplo eram descendência de Abraão escolhida

por Deus de quem ele mesmo dá seu testemunho *meu filho primogênito* e declara *amo a Israel*, mesmo assim não esteve imune a guerras, a perdas de territórios, e freqüentes extradições em massa.

Assim como Odisseu, Jó rompe com o mito de que ninguém subsiste a Satanás, torna se vítima de um sacrifício, um sacrifício que ele próprio faz, abnegou seus desejos para continuar fiel a JHVH, se ele aceitasse blasfemar e morrer se tornaria apenas vítima de Satanás, deixaria de ser o sacrifício de JHVH para ser sacrifício de Satanás.

Muitos exemplos de sacrifícios viriam posteriormente a estes, como a mitologias nórdicas de que Odin se pendurou numa árvore em sacrifício de si, a morte sacrifical de Jesus, a "tese de Kagles de que todo sacrifício é o sacrifício do deus ao deus."

A propósito, Frye (1969), havia observado a grande semelhança entre os personagens das obras de Kagles com os personagens descritos em *Jó*. Na mitologia grega o sacrifício oferecido por Odisseu também rompe com a tradição e com o mito de maleficência a quem não adorar perfeitamente; Odisseu faz o sacrifício readquirindo a vida que deixara oferecida, atua como sacerdote e vítima ao mesmo instante. Posteriormente os gregos construiriam um altar no areópago intitulado "*ao deus desconhecido*", fizeram para evitar que se algum deus visitasse a cidade e não encontrasse um altar em sua honra não castigaria a cidade com muitas sortes de males, pois ao vê-lo, um altar destinado ao 'deus desconhecido" saberia que os atenienses não o conheciam ainda, mas mesmo assim já o veneravam, a exemplo da história de Odisseu, passaram de sacerdotes e vitimas ao mesmo instante a história de Odisseu se converge na história dos gregos. O logro que surge com Odisseu quando fez o sacrifício já não é mais algo inacessível aos gregos, à conquista de Odisseu é a conquista do homem grego, da sociedade grega, do mundo humano. Adorno e Horkheimer disseram que *as divindades da natureza são logradas pelo herói do mesmo modo que pelos deuses solares*. Os deuses gregos aproveitam a ausência de Poseidon que estava na terra dos etíopes para livrar Odisseu, que deveria partir para sua pátria, conforme o consentimento dos deuses; na obra hebraica Jó funda se como mito no instante em que obstrui a passagem do mundo do fracasso para o mundo da resistência, até aquele instante nenhum homem havia vencido as provações feitas por Satanás e Jó apesar de ser o homem mais afligido por Satanás resiste todas suas afrontas, se ninguém pode ser mais fiel do que Jó, logo ninguém pode receber o mesmo tanto de afrontas que este.

Segundo Frye, Jó pode ser chamado de *Pharmakós*, ou bode expiatório. Teixeira (1993) afirma que *Pharmakós* é aquele que é imolado pela falta dos outros, que Frye chama de Bode espiatório. Um *Pharmakós* não é nem inocente nem culpado. É inocente, por que o que lhe acontece é muito maior do que poderia provocar; mas culpado por causa da sociedade culpada da qual é membro.

Segundo as características que sabemos de Jó, era um homem fiel como nenhum outro existia em algum lugar, tantas peripécias lhe alcançaram que ele declarou: *"o que eu temia me sobreveio"* vemos em muitas partes da obra o patriarca requerendo junto a JHVH aquilo que lhe é direito, e pedindo a sua justiça, *"Pese-me em balanças fiéis e conhecerá a minha integridade"*, nenhum outro homem na história hebraica declararia estas palavras, mas Jó se sente excluído enquanto filho de Jávé, se sente abandonado e injustiçado, Jó sabia que se JHVH fosse fazer justiça, daria lhe tudo o que pertencia antes. Coincidência ou não. Jó nunca volta suas palavras contra Satanás, nem sequer cita o seu nome alguma vez, suas palavras são dirigidas apenas a JHVH, por causa disso o personagem Satanás não aparece em nenhum dos trinta e nove capítulos finais.

Contudo o que lhe faz culpado a ponto de precisar ter sua culpa expiada é o fato de ser membro de uma sociedade culpada, se para JHVH, Jó era o servo fiel e como ele não havia outro, logo para Satanás Jó estava dês-congruência com seu domínio. Deve ser imolado pela falta dos outros, a partir de Jó, os homens estariam sabendo do que Satanás era capaz de fazer quando seu domínio estivesse ameaçado. Jó se torna o sacrifício da coletividade, conquanto que a imolação deste asseguraria o todo. O sacrifício de Jó é o símbolo daquilo que aconteceria na história posterior do povo judaico, pode-se dizer ainda aos ritos sacrificiais de outras religiões agrícolas e matriarcais em todo o mundo, que, possivelmente contrastaria como uma negociação com o deus, uma vítima em troca do seu favorecimento, numa guerra ou numa colheita, na mitologia hebraica no sentido restrito da palavra propriamente dita, o sacrifício de Jó era um reflexo dos sacrifícios que o povo judeu faria em todo o decorrer da sua história, a serpente que é colocada na haste no meio do deserto pra todos os que forem afligidos por uma serpente, possa olhar para ela e ser instantaneamente curada. O sacrifício de Jó é um esquema que se consuma em Cristo, que da mesma forma, Jó diz: *"Eis que ele me matará; não tenho esperança; contudo defenderei os meus caminhos diante dele."* São as palavras que exprimem o seu abandono por parte de JHVH, mas ele afirma que mesmo sem esperanças se defenderia diante dele; posteriormente Cristo na cruz, a beira da morte, exclama: *"Por que me abando-*

naste?" que Frye classifica de *"O sentimento de achar-se excluído, enquanto ser divino, da comunhão da Trindade."* São as palavras antes proferidas por Jó; o sentimento de achar se abandonado por aquele quem lhe era fiel. De certo modo podemos afirmar que Jó é o protótipo do povo israelita, vimos em muitas circunstâncias da história hebraica, ora o povo, ora o sacerdote, ora o rei, diante de JHVH perguntando qual o motivo do abandono.

As defesas proferidas por Jó em todo o decurso da obra têm caráter defensório diante dos três amigos, Bildade, Zofar e Elifaz, que o acusavam de ter cometido alguma falha contra JHVH, para eles alguma coisa explicava aquela catástrofe, e somente Jó era capaz de mudar, confessando o seu erro; mas a sua defesa *"torna-a moralmente ininteligível"*. O livro de *Jó* não é uma tragédia como o de Prometeu, mas uma ironia trágica, na qual a dialética do caráter divino e humano se consuma. Justificando ser uma vítima de JHVH, Jó tenta tornar-se uma figura prometéia, mas em vão.

No esquema do culto apolíneo o rito sacrificial se torna no sentido expiatório, a culpa se torna coletiva e é expiada pela falta dos outros. Nas *Targélias*, o sacrifício do *Pharmakós* adotará um caráter curioso. A *pólis* ateniense era um dos alvos das expiações:

> *'Durante as Targélias se conduziam em procissão ramos de oliveira envoltos em pequenas faixas e se as solenidades terminavam com concursos de canto e música, o dia [anterior] era consagrado às purificações da pólis, com a* ***expulsão espetacular*** *dos pharmakoí. Em Atenas eram dois os 'bodes expiatórios' humanos: um trazia ao pescoço um colar de figos brancos e outro de figos negros, o que era interpretado como representação dos dois sexos. As vítimas eram perseguidas sem tréguas pela cidade inteira: batia-se nos pharmakoí com ramos de figueira e réstias de cebola, elementos tidos como altamente catárticos. Em seguida se tirava a sorte e uma das vítimas era morta ou enviada para terras distantes. '*
>
> Teixeira (1993)

Jó é expulso do seu meio social, sua doença obrigou a retirar-se, sentou-se na cinza e com um caco de telha coçava as suas feridas, seus amigos quando vieram visitar-lhe viram quão grandes era sua dor, e ficaram sete dias com ele, sentado na cinza compadecendo das suas dores, somente após estes dias é que lhe falaram alguma coisa. Posteriormente a expulsão de um dos membros como expiação seria aplicada dentro da mitologia cristã da Idade Média, naturalmente o *Pharmakós* se identificaria, por exemplo, com a figura do leproso.

Quando Satanás aplica tudo o que é possível, na primeira ocasião toma-lhe todos os bens materiais, na segunda lhe traz uma doença de chaga mortal, o "Anti-herói" não pode fazer mais nada, por que o que passa disso rompe com a conjuntura divina, e o ser divino mais do que qualquer ser humano tem que respeitar a instituição; a *Hybris* de Jó é não pertencer à sociedade deste, logo se faz parte da sociedade de JHVH, para Satanás Jó já é um elemento culpado, pois faz parte de uma sociedade culpada, Jó é o bode expiatório desta sociedade.

O herói clássico tem de esperar, tem que ser paciente, tem que renunciar a muitos desejos, conquista sua dignidade embora sua felicidade seja humilhada pelas perdas que sucedem seus anseios. Perdas de pessoas intimamente ligadas a eles, em Aquiles a morte do forte Pátroclo, na narrativa *Jó* a morte de seus dez filhos do personagem, em Odisseu a morte de seus bravos homens que não resistem às provações que lhe foi impostas, na *Eneida*, o personagem tem que percorrer por vários lugares até chegar à terra que lhe foi prometida, mesmo quando chega naquele lugar ainda tem que se defrontar com o rei Latino e com o rústico Turno.

Para o mito grego e romano, o "Anti-herói" é um deus, filho ou descendência de um deus, a própria nobreza acompanhava este equilíbrio, a nobreza por si se conjeturava como estirpe de deuses; seja por causa disso que a antromorfização do deus, justifica suas ações. Já para o mito hebraico o "Anti-herói" vai ser sempre Satanás, ser capaz de trazer muitos males a humanidade, independente de o ser humano ser culpado ou não.

Segundo os conceitos da dialética do esclarecimento, quando o herói vence um mito, funda em torno de si um mito, o mito de um personagem clássico é unigênito, Os homens que atravessam o caminho de Cila e Caridbe acabam sucumbindo pela sua força de sua natureza, Polifemo insiste em devorar os que peregrinando chegavam a sua ilha; Cila insiste em transformar todos os que passam em sua ilha em porcos para estarem sempre por perto; O canto das sereias eram sempre os mesmos, o destino de morte era previsto pela mesma forma, mas não previam que um navegante pudesse ouvi-los amarrado no mastro do navio; os lótus sempre prometiam o mesmo destino; o barqueiro da *Eneida*, que transporta os mortos, cuja todas as vezes que apareciam à margem do lago todas as almas vinham ansiando pela travessia, cada figura mítica torna se obrigado a fazer a mesma coisa sempre, o malogro desta seria o seu fim.

2 A CONSTITUIÇÃO DO "ANTI-HERÓI" NA *ILÍADA*

2.1 A origem de todas as ações

O motivo de estudarmos a constituição do "Anti-herói" na *Ilíada* em um capítulo específico é para que possamos compreender como esta constituição acontece dentro desta narrativa épica. Propomos estudar a origem de todas as ações que se desenvolvem dentro da narrativa, após analisarmos as origens do enredo veremos quais são as ações que o "Anti-herói" provocou sobre o herói, conseqüentemente subtendemos que as ações incitadas pelo "Anti-herói" provocam a *Hybris* no herói, e posteriormente será pertinente analisarmos como acontece a expiação da culpa do herói. Compreendemos que este ato torna-se o desfecho da ação do "Anti-herói", o desfecho da obra em si, já que a partir daí volta-se à instituição divina. Para que possamos compreender tais fenômenos analisaremos as inscrições contidas nesta obra paulatinamente.

A obra *Ilíada* inicia-se da mesma forma que as demais obras que estamos analisando neste trabalho: enaltecendo o herói central da obra, sendo que apenas esta não traz em seu título o nome do herói principal, obviamente por ser a única que conta a história de uma guerra, *Ilíada* inicia com os seguintes dizeres:

> *Canta-me a Cólera – ó deusa! – funesta de Aquiles Pelida, causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o*

desígnio desde o principio em que os dois, em discórdia, ficaram cindidos, o de Atreu filho, senhor de guerreiros, e Aquiles divino.

(Homero 1999: 57,58)

Temos no inicio do canto a explicação de onde surgiu toda história que conseqüentemente comporia o enredo da epopéia *Ilíada*, a alusão dita "*Canta-me a Cólera – ó deusa!*", logo chegamos à acepção de que tudo o que vem em seguida é fruto da ira de Aquiles, esta ira que acaba por se transformar em *Hybris*, e todos os males são por si originários desta ira até o momento da expiação de sua culpa; para irar-se, obviamente tem-se uma origem, que é neste primeiro parágrafo do canto primeiro ilustrado, segundo os dados que levantamos esta é a ação do "Anti-herói". Embora cantar a ira de Aquiles não seja relevante, pois já é uma nostalgia daquilo que não se deve mais cantar; porém é jus compreender que os motivos de todos os acontecimentos vieram do desentendimento entre o filho de Atreu, rei dos homens, e Aquiles, logo sabemos quem é o "Anti-herói". No parágrafo seguinte houve-se uma indagação sobre que deus teria provocado esta desavença entre os dois principais personagens da obra, e traz a explicação do fato que aconteceu que causa o constrangimento de Aquiles e Agamémnone. O filho de Leto e de Zeus, Apolo, fora ofendido pelo Agamémnone; Apolo trouxe ao acampamento abundantes pragas e muitos homens morreram. Agamémnone ofendera o sacerdote, Crises, quando este veio ao navio dos Aquivos, levando muitos presentes em troca do resgate de sua filha. Em suplicas aos Aquivos e principalmente aos filhos de Atreu, Crises suplicou, dirigindo palavras de que a cidade de Priamo fosse conquistada pelos Aquivos, e que os mesmos pudessem regressar para vossas pátrias, mas que a pediu pela liberdade da sua filha, em respeito a Apolo, filho de Zeus, todos os Aquivos manifestou-se com o consentimento do sacerdote, mas Agamémnone rudemente falou ao sacerdote com expressões abrasivas, de modo que o velho amedrontou-se; porém quando o sacerdote saiu do meio dos Aquivos, no meio da praia do ressonante mar, ele ergueu muitas preces a Apolo, suplicando por vingança aos Aquivos. Apolo ouviu as preces do velho sacerdote, e desceu do Olimpo, com muita ira no coração, trazendo consigo, o arco e a aljava, de modo que as setas retiniam em seus ombros, parou perto dos navios dos Aquivos e disparou uma flecha com tanta força que pode se ouvir um forte zunido de seu arco, atacou as mulas, os velozes cães e depois contra os homens, e não errou nenhum alvo, a provação provocada por Apolo durou nove dias. No décimo dia de tribu-

lação, Hera colocou uma idéia no coração de Aquiles, e este reuniu todas as hostes e falou ao povo dizendo:

> *Filho de Atreu, quero crer que nos cumpre voltar para casa sem termos nada alcançado, no caso de à Morte escaparmos, pois os Aquivos, além das batalhas consome-os a peste. Sus! Consultemos, sem mora, qualquer sacerdote ou profeta, ou quem de sonhos entenda – que os sonhos de Zeus se originaram –, para nos dizer a causa de estar Febo Apolo indignado: se por não termos cumprido algum voto ou, talvez, hecatombes, ou se lhe apraz, porventura de nós receber o perfume de pingues cabras e ovelhas, a fim de livrar nos da peste.*
>
> (Homero 1999: 59)

Esta ação adotada por Aquiles deveria ter sido partida de Agamémnone, pois ele era o senhor dos homens, principalmente por que o caso partia dele mesmo, ao fazê-lo, Aquiles age com orgulho de si próprio pelas virtudes e força que possuía, e pelo zelo por causa de Agamémnone, uma ação que provocou o rei, e trouxe muitas pragas sobre os Aquivos. Obviamente que o orgulho de Agamémnone como rei dos homens jamais aceitaria uma afronta desse tamanho, partindo de um súdito.

Calcante, que interpretava sonhos e conhecia presente e o passado e o futuro respondeu o enigma que Aquiles desejou saber, diante de toda a multidão, sendo que antes fê-lo jurar ser protegido por Aquiles por causa da ira do Rei; e conforme as palavras de Calcante, a filha do sacerdote deveria ser devolvida sob a condição de a maldição de Febo Apolo não seria mais executada sobre as hostes dos Aquivos.

Porém Agamémnone ergueu-se diante do povo, com o coração cheio de ira, e seus olhos fulgindo como fogo, e se dirigiu a Calcante, com palavras sombrias, chamando-o de profeta do mal, e inflamando todas as sortes de insultos ao profeta. Todavia consentiu devolver a filha do sacerdote Crises, se por isso, as multidões dos Aquivos se salvassem da morte certeira, no entanto mandou preparar uma presa para si, e não consentiu ser o único dentre o exército a ficar sem uma presa. Aquiles dirigiu-lhe palavras de promessas de maior parte dos despojos, se por acaso Zeus não permitisse saquear Tróia, mas Agamémnone retrucou-lhe dizendo que não se deixaria enganar por suas lisonjeiras palavras, mas que dentre um das hostes leva-

ria uma presa, seja de Ájax, de Odisseu, ou de Aquiles, e ditas estas palavras ele ordenou que o assunto fosse resolvido mais tarde, sendo que naquele momento a filha do sacerdote Crises seria colocada num navio para com muitas oferendas ser entregue, mas não o foram feito antes de Aquiles lhe replicar novas palavras:

> *Alma despida de pejo, que só de interesse se ocupa! Como é possível que algum dos Aqueus ao teu mando obedeça, quer em caminho se pondo, quer seja enfrentando outros homens? Não foi por causa dos fortes Troianos que vim para Tróia, para guerreá-los, pois nunca motivo para isso me deram. Deles, nenhum das manadas um boi me roubou, nem cavalos, nem no terreno de Ftia, nutriz de guerreiros, tampouco, minhas colheitas destruíram, pois grandes montanhas escuras e o vasto mar sonoroso entre nós de permeio se estendem. Para teu gáudio, grandíssimo despudorado, seguimos-te cão sem nenhum descortino, a vingar-te do ultrage dos Troas a Menelau. Mas sequer te perturbas, nem cuidas de nada. E, para cúmulo, ameaças de vires a escrava arrancar-me, que dos Acaios obtive por prêmio de grandes trabalhos. Nunca meu prêmio se iguala ao que obténs, quando os nobres Argivos uma cidade povoada, dos Troas, acaso conquistam. É bem verdade que a parte mais dura dos prélios sangrentos a estes meus braços compete; mas quando se passa à partilha, sempre o quinhão mais valioso te cabe, enquanto eu me contento com recolher-me ao navio, alquebrado, com paga mesquinha. Mas para Ftia resolvo voltar, que é bem mais vantajoso ir para casa nas naves recurvas. Não julgo decente permanecer ultrajado e de bens e riquezas prover-te.*
>
> (Homero 1999: 62)

Quando Aquiles se atreveu em falar às multidões anteriormente era uma ofensa sem cálculos para o "Anti-herói", no entanto ao reforçá-lo, e nesta última circunstância, ameaçando-o com palavras, torna ainda mais inflamada a sua situação.

Agamémnone voltou a dirigir palavras de repúdio a Aquiles, dizendo-lhe que se quisesse voltar para a sua Pátria, que o fizesse, pois entre as hostes havia muitos que poderiam ajudá-lo a continuar a batalha, que se fosse da batalha, certamente ele enviaria navios em busca de sua prisioneira de guerra, a linda Briseis, pois nenhum homem poderia dizer-lhe face a face, e que não havia entre os homens da terra alguém cuja semelhança poderia se comparar. Aquiles desejou naquele mesmo instante sacar sua arma, e ali mesmo ceifar a vida de Aga-

mémnone; porém quando sacou a arma, em obediência a Hera que amava aos dois homens em igual semelhança e desejava que os dois sobrevivessem, Atenéia desceu do céu e se pôs sobre as costas de Agamémnone, apenas Aquiles conseguiu vê-la, e nenhum outro homem pode enxergar Atenéia; Aquiles ficou atônito quando viu Atenéia e lhe dirigiu em palavras perguntando se também havia vindo ouvir os insultos de Agamémnone, e disse lhe que em dentre em pouco Agamémnone arruinaria a si próprio por causa do insuportável orgulho, Atenéia, lhe disse que havia vindo para controlar sua ira, e Aquiles obedeceu, não sem antes lhe dizer que só faria isto por causa do seu pedido. Quando Atenéia se retirou de entre os dois, Agamémnone que nada enxergou, mas apenas ouviu a conversa de Aquiles, novamente lhe falou com palavras agressivas:

> *Bêbedo, que tens vista de cão e a coragem de veado, nunca armadura envergaste para ir combater como os outros, nunca às ciladas te atreves, ao lado de nobres Aquivos, que no imo peito tens medo pois sabes que a morte te espera. Mais lucrativo, de fato, é correr todo o exército Aquivo, para esbulhar dos seus prêmios a quem se atrever a objetar-te. Devorador do teu povo! Não fosse imprestável, Atrida, toda esta gente, e ficara como último ultrage esse de hoje. Mas uma coisa assevero e com jura solene confirmo: Por este cetro que ramos nem folhas jamais, em verdade, reproduziu, dês que foi na montanha, do tronco arrancado, e que jamais brotará, pois o bronze, de vez, arrancou-lhe a casca e as folhas – a vida – e que os filhos dos nobres Aquivos, quando em função de juízes, empunham, fazendo que valham as leis de Zeus e os preceitos – solene é, repito, esta jura! – há de chegar o momento em que os nobres Aquivos hão de gritar por Aquiles, sem vires, então, nenhum modo de protege-los, no tempo em que às mãos desse Heitor homicida uns sobre os outros caírem. Por dentro hás de, então, remoer-te de desespero, por teres o Aqueu mais ilustre injuriado.*
>
> (Homero 1999: 64)

Terminando de falar isso, o filho de Peleu atirou o cetro no chão e sentou-se, e o filho de Atreu enfrentou o furioso, porém Nestor, orador dos homens de Pilos, que havia vivido sobre duas gerações que havia nascido vivido e morrido, e agora estava vivendo à terceira, apaziguou-os, advertindo sobre a possibilidade de os filhos de Priamo ficarem sabendo da confusão entre os maiores chefes dos gregos, aconselhando-os sobre a necessidade de acalmarem suas iras, e isto pareceu bem aos olhos de Agamémnone, que irado novamente adverte sobre a

vontade de Aquiles de estar acima de todos os homens, governando-os e dominando-os, e negou pelos deuses que havia ele ser digno de ouvir censuras da parte de Aquiles. Naquele mesmo instante Aquiles respondeu a Agamémnone, dizendo que não estava mais disposto a obedecer na guerra, e já que perdia sua presa de guerra, não haveria ele de batalhar em vão em prol do filho de Atreu, e ameaçou de matar-lhe na presença dos filhos de Aquivos, caso ousasse tomar seus navios velozes, assim como estava fazendo com sua presa de guerra, a linda Briseis. Tendo disto isto, a assembléia se dispersou e cada um voltou para o seu lugar, o filho de Peleu foi para sua tenda com o filho de Menoécio e seus camaradas, porém o filho de Atreu escolheu vinte remadores, para ir fazer o sacrifício a Apolo conforme tinha prometido diante da assembléia; e ordenou a Taltíbio e Euribate que fossem à tenda de Aquiles e trouxessem de lá a linda Briseis.

A partir desse ato de Agamémnone surgiu tudo o que vamos ver posteriormente, nos trechos que se segue Agamémnone não voltará mais a ofender nem ser ofendido por Aquiles, nem dirigir quaisquer palavras que possam comprometer o andamento da guerra; Aquiles comete a *Hybris* no instante em que reúne a assembléia para falar-lhes a respeito da presa de Agamémnone e do tratamento que este havia dado ao sacerdote de Febo Apolo, agora Aquiles havia de passar por muitas aflições por causa de sua *Hybris*, isto lhe renderia a morte de seu melhor amigo, além da morte de muitos Aquivos, já que conforme analisaremos mais adiante, a presença de Aquiles na guerra se tornaria fundamental para que os Aquivos vencessem a cidade de Priamo, a ausência de Aquiles não daria aos Aquivos a vitória.

Quando Taltíbio e Euribate chegaram às tendas e aos navios dos mirmidões, Aquiles que já sabia o que eles vieram fazer não os disse palavras de afronta, apenas afirmou que os mesmos não eram dignos de censura, mas sim Agamémnone, que sequer tinha ido a sua tenda para tomar dele o despojo, enviando os dois homens que o fizessem, Aquiles ordenou então que Pátroclo entregasse a linda Briseis. Esse ato era primeiro de todos os que paulatinamente expiariam sua *Hybris*; após a perda do despojo, Aquiles saiu do meio de seus camaradas e junto à praia do mar cinzento, chorando, estendeu os braços e dirigiu súplicas à sua mãe, clamando por misericórdia, por sua honra junto a Zeus. Naquele mesmo instante, sua mãe que estava no fundo do mar, ergueu-se do fundo do mar, pôs se junto à praia, ao lado de seu filho, Aquiles falou tudo a sua mãe, tudo como aconteceu, com sua presa que havia conseguido em Tebas, Tétis, confortou-o com palavras, e chorando prometeu ir ao Olimpo conversar pessoalmente com Zeus, na expectativa de que ele fosse benévolo, e pediu ao filho que enquanto

isso ele deveria ficar fora da guerra dos Aqueus, desde então Aquiles não participou de nenhum conselho da guerra, nem entrou em nenhuma batalha, ficou junto aos navios com uma ira que devorava lhe o coração, embora o grito da guerra inspirasse-lhe no coração saudades.

Quando Tétis chegou ao Olimpo, pôs-se diante de Zeus e dirigiu-lhe palavras de pertinência a afronta sofrida pelo filho rogando o pela honra de seu filho, tendo seu pedido atendido por Zeus, Tétis retirou-se para sua morada. A promessa de Zeus faria com que muitos Aqueus perdessem suas vidas lutando junto à cidade de Tróia, para que os mesmos entendessem que a presença de Aquiles era fundamental, uma vez que sua ausência significasse a derrocada das hostes dos Aquivos. A origem de todo o conjunto da obra termina com esta promessa de Zeus, e foi originada, conforme citamos anteriormente, pela intriga de Agamémnone.

Conforme vimos no primeiro capitulo desta obra, notamos que o "Anti-herói" Agamémnone é neste enredo superior a Aquiles, visto que ele era chamado de "rei dos homens" todos os que estavam ali vieram para lutar a seu favor, inclusive o próprio Aquiles, que analisado por esta ótica, estava no mesmo patamar que Odisseu ou Ájax, estavam ali para combater em favor de Agamémnone, portanto estavam subjugados por ele; uma das características do "Anti-herói" era o fato de estar acima do herói, o que acaba por engrandecer os heróis, uma vez que vence alguém superior; isto acontece por causa da instituição divina, que os "Anti-heróis" clássicos tanto respeitam. Há o instante na obra em que Agamémnone reconhece a falta de Aquiles e tenta de muitas formas traze-lo de volta a batalha, mas em vão, quando o herói decide por si entrar e vingar a morte de seu querido amigo Pátroclo.

2.2 Ações causadas em virtude da atuação inicial do "Anti-herói"

Machado de Assis (1884), já havia percebido que a ira de Aquiles foi a responsável pela constituição da *Ilíada*, vejamos suas palavras escritas em "A igreja do diabo":

> *A ira tinha melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Ilíada: 'Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu'...*
>
> (Machado 2006: 7)

O autor percebeu que sem a ira de Aquiles não haveria *Ilíada*, porém não percebeu ou não quis dizer nada sobre é que sem a arrogância de Agamémnone não haveria a ira de Aquiles; o motivo da ira de Aquiles parte da soberba que ele vê em Agamémnone, não se contém e parte para afrontá-lo diante das mirmidões, não fica apenas nas afrontas em palavras ásperas, mas retira-se da guerra e omite-se aos fatos, com isso ele fere a saúde política e cósmica, pois os deuses haviam reunido e decidido que os Aquivos venceriam a guerra e Aquiles pereceria nela, e Zeus determinado que se Aquiles não guerreasse os Aquivos seriam vencidos pelos Troianos, sua retirada colocou em risco o destino instituído pelos deuses.

Se nós excluirmos o primeiro canto de *Ilíada* e nos atermos apenas aos restantes, concluiremos que o "Anti-herói" da obra é Heitor, ou mesmo o próprio Zeus. Heitor que no primeiro canto sequer é citado, no segundo canto aparece e a partir daí, sempre com mais freqüência destruindo tantos Aquivos que é impossível contá-los; Zeus contribui para que muitos Aquivos sejam destruídos por Heitor e outros troianos, e suas ações são tão presenciais e nos chama tanta atenção que é possível que enganemos quanto sua função na obra. As ações provocadas por Zeus e Heitor ou qualquer outro personagem no texto que estão inscritas neste período não nos obrigam a identificá-los como "Anti-heróis" uma vez que todas as tribulações são impostas aos Aquivos e não a Aquiles, são necessárias para que se esclareça todo o desenvolver da guerra, responsáveis pela falta de Aquiles ocasionada por Agamémnone; nisso, *Ilíada* se assemelha muito com *Jó*; *Eneida* possui uma estética mais parecida ainda com esta obra,

embora com algumas divergências que devem ser relevadas, na *Odisséia* é que temos uma presença maior do "Anti-herói" em relação com estas obras.

No sexto canto da *Ilíada*, após muitas idas e vindas, Homero nos informa que por algumas circunstâncias os deuses abandonaram a guerra, e ora a batalha pendia para os Aquivos ora pendia para os troianos, há uma fonte riquíssima nesse intervalo da obra, informações de muitas destruições e mortes, provocadas por Ájax, por Odisseu, Menelau, Páris, Heitor e Enéias, entre outros heróis.

No nono canto Agamémnone, reconhece que Aquiles faz falta nos campos de batalha, e que sua presença poderia ser fundamental, todavia pelo fato que aconteceu no inicio, era certo que dificilmente Aquiles aceitaria perdoar Agamémnone, para isso mandou os arautos convocarem todos os homens para uma assembléia, em lágrimas e gemendo alto assim Agamémnone lhes falou:

> *Vós, conselheiros e guia dos homens Argivos, ouvi-me! O grande Crônida, Zeus, em desgraça terrível me enleia, , ele, o maldoso, que havia asselado, antes disso, a promessa de eu retornar para a pátria, depois de destruir Ílio forte. Presentemente resolve enganar-me, ordenando que volte, sem glória alguma, para Argos, depois de perder tanta gente. Isso, por certo, há de ser agradável a Zeus poderoso, que já destruiu muitos muros e grandes e fortes cidades, e há de arrasar muito mais, pois imenso é o poder de seu braço. Ora façamos um conselho; obedeçam me todos: para o torrão de nascença fujamos nas célebres naves, pois é impossível tomar a cidades espaçosa dos Teucros.*
>
> (Homero 1999: 214)

Diomedes em fortes gritos respondeu lhe dizendo que não seria licito deixarem o campo de batalha, suas palavras foram tão ilustres que todas as hostes dos Aquivos o aplaudiram, e o bravo Agamémnone louvou-o pelo encorajamento recebido. Após as palvras do bravo Diomedes, Nestor Trasimedes, homem muito sábio, aconselhou a Agamémnone que fosse a procura de Aquiles, e lhe explicou a falta que ele trazia para os Aqueus, sentindo que havia entrado em insensata loucura, reconheceu que as hostes dos Aquivos haviam diminuído desde que

Aquiles abandonou a guerra, portanto uma reconciliação seria o único caminho para a solução daquele problema.

Agamémnone reuniu alguns homens para irem ter com Aquiles na tentativa de apaziguar e busca-lo para a guerra que enobrece os homens; quando chegaram junto aos navios dos mirmidões, Aquiles se alegrava dentro de sua tenda com o som da lira, que havia tomado dos despojos na cidade de Etion, junto dele estava Pátroclo, filho de Menoécio além de outros de seus servos. Ao vê-los Aquiles convidou os para entrarem em sua tenda, louvando-os pela ousadia. Após serem servidos pelos servos de Aquiles, Odisseu começou a falar sobre todas as perdições que enfrentavam os Aquivos por causa de sua ausência e falou lhes sobre todas as recompensas que Agamémnone, "rei dos homens" havia prometido que lhes daria em prol da reconciliação, entre as quais estava condicionada a própria devolução da linda Briseis, Aquiles escutou todas as palavras de Odisseu, todavia recusou a receber de Agamémnone qualquer oferta pelos danos que sofrera por suas mãos, dizendo que dentro de pouco tempo tomaria todos seus homens para juntos voltarem a longínqua Pátria, falou lhe com tanta convicção que os homens que acompanhavam Odisseu temeram pelas suas palavras, o idoso Fênix, chorando e temendo por causa dos navios dos Aquivos falou lhe muitas coisas, todavia elas não persuadiram o bravo Aquiles. Quando os Aquivos chegaram à tenda do filho de Atreu, todos estavam ansiosos para saberem o que tinha acontecido e das coisas que falara o filho de Peleu, Odisseu falou lhes, sem nenhum erro acerca das coisas que havia acontecido, todos os Aquivos ficaram atônitos e não souberam dizer uma só palavra, então Diomedes dirigindo a palavra a Agamémnone pediu ao glorioso filho de Atreu, que melhor seria ter implorado a Aquiles para que combatesse com os mirmidões, pois certamente muitas tribulações teriam os troianos enfrentados, além de os Aqueus estarem vencendo a guerra.

A ira de Aquiles era desmedida, até aqui o bravo filho de Peleu não tinha sofrido grandes aflições, vimos que no inicio foi lhe incitado à ira por Agamémnone, mas a ira pertence a todos os homens, no decorrer da obra percebemos que muitas vezes um herói ira se por algum motivo, segundo Albin Lesky a ira desmedida transforma se em *Hybris*, que é chamado por Otávio Paz de "*pecado por excelência contra a saúde política e cósmica*", a ira de Aquiles se tornara em orgulho, e isso transformara o curso da guerra, o destino de muitos heróis ficou comprometido, inclusive a vontade dos deuses, sabemos que a vontade dos deuses era a destruição de Tróia, conseqüentemente a vitória dos Aquivos, porém uma promessa de Zeus prometia que Aquiles tinha dois destinos a sua própria escolha, lutar com os filhos dos Aquivos e

estes venceriam a guerra, embora Aquiles desfalecesse no campo de batalha, cheio de muitas glórias e honras ou se ausentar da guerra e morrer velho, cheio de muitas Riquezas, longe de Tróia, todavia nesta ultima circunstância os Aquivos não venceriam a guerra. Mas os deuses haviam se reunido em concilio e decido pela destruição de Tróia, a ausência de Aquiles significa, portanto o comprometimento com a vontade dos deuses.

2.3 A expiação da *Hybris* de Aquiles

No inicio do canto XVI, Pátroclo chorava copiosamente ao lado de Aquiles, enquanto os guerreiros Aquivos combatiam em torno do bem construído navio, o filho de Peleu, não compreendendo o motivo que trazia tanta tristeza para Pátroclo perguntou lhe qual o motivo que lhe trazia tanta tristeza e por que chorava como uma menina se era alguma noticia que viera da Ftia ou se estava com pena dos argivos que pereciam nos campos de batalha. Pátroclo seria a ferramenta de expiação da *Hybris* do Herói.

Pátroclo pediu a Aquiles que não se irasse mais, porque certamente grande era a desgraça que viera sobre os Aquivos, os mais bravos estavam feridos, Diomedes, Agamémnone, Odisseu, Euripilo. Pátroclo chamou Aquiles de inflexível e clamou para que nunca em sua vida pudesse ser tomado de tanta ira, como esta que sobreviera a seu senhor, solicitou a Aquiles que o permitisse entrar na guerra, se porventura não pudesse entrar na batalha, por alguma profecia ou revelação de sua mãe. Aquiles respondendo o bravo Pátroclo, mostrou se despreocupado quanto ao oráculo que sabia. Naquele momento Aquiles reuniu todos os mirmidões e ordenou a acompanharem Pátroclo, apesar de sentir saudades do grito da guerra, estava de sobremodo acabrunhado que não aceitou a ouvir as vozes que lhe incitavam a entrar na batalha.

Segundo analisamos no primeiro capitulo, observaremos a retórica empreendida por Aquiles: Ele assume a ira que possui por causa de Agamémnone e queixa se de ser lesado por ele simplesmente por não possuir o mesmo poder que o filho de Atreu; vimos que o "Anti-herói" está acima do herói, só se poderá afligir um homem se o contendor estiver no mesmo âmbito que o contendido, porém na literatura clássica o contendor está em maior grau que o contendido; ambos são nobres, são reis, mas naquela circunstancia Agamémnone era o rei de todos os homens, todos os que vieram ali, fizeram-no para prestar-lhes serviços guerreiros, e isto já foi explicado no início, quando analisamos o surgimento da contenda. O motivo da ira de Aquiles era apenas um, orgulho; o filho de Peleu era um rei, portanto estava acostumado a ser servido, quando foi preciso servir houve um conflito com o oficio que estava habituado a fazer, obviamente que Agamémnone não foi pacifico como convinha ser. Embora reconhecesse que se os troianos chegassem um pouco mais perto dos navios, a destruição seria inevitável,

Aquiles recusa entrar na batalha, confia à mão de Pátroclo, mandando o ao campo de batalha com sua armadura.

Aquiles havia levado de sua Pátria, dois mil e quinhentos heróis distribuídos em cinqüenta navios, e todos ficaram durante muito tempo sem entrar na batalha por causa da ira de seu rei, alguns de seus heróis chegavam a sugerir que se retornasse à Pátria, porém Aquiles nunca quis partir. Naquela circunstancia ele ordenou que todos os seus guerreiros entrassem na batalha na companhia de Pátroclo e Automedonte; somente Aquiles ficou sem entrar na batalha, após a saída dos guerreiros o filho de Peleu dirigiu uma prece a Zeus, que dasse glória ao seu camarada Pátroclo para que assustasse o próprio Heitor, e que trouxesse o com vida aos côncavos navios dos Aquivos, Zeus que tudo sabe e tudo vê, aceitou o primeiro pedido, mas recusou se ao segundo.

No canto XVI, há muitas ilustrações das tribulações causadas por Pátroclo, chega este canto a ser conhecido como "*Patrocléia*", porém para expiação da *Hybris* de Aquiles no final da *Patrocléia,* seu servo seria levado por concatenação fatal para o reino de Hades, Zeus fez com que a lança que estava na mão de Pátroclo quebrasse, e a armadura que trajava, seu escudo caísse por terra, no meio da esgrime batalha o herói vê-se desprotegido, era chegada a hora em que a *Hybris* de Aquiles seria vingada, tombando na guerra o mais feroz amigo seu, Euforbo, filho de Panto, fere-o nesta circunstância. Quando Heitor vê que Pátroclo ferido recua da guerra, aproximou se dele e feriu o com sua aguçada lança; Pátroclo estava morto, e muitos heróis pereceram naquele dia.

Aquiles ao tomar conhecimento da morte de Pátroclo, por ira, e desejo de vingança resolve entrar na guerra, já a sua obstinação havia acabado pela expiação feita pelos deuses. Vejamos no canto XIX a reconciliação entre o "herói" e o "Anti-herói":

> *'Esta reconciliação, Agamémnone, fora mais útil para nós dois, se levada a bom termo no dia em que fomos pela Discórdia vencidos, por causa, tão só, de uma escrava. Fora melhor que no dia em os muros entrei de Linesso, em nossos barcos a vida lhe fosse tirada por Ártemis. Pelos inimigos vencidos enquanto em me achava irritado, muitos Aqueus não teriam, sem dúvida, a poeira mordido. Lucro somente os Troianos e Heitor obtiveram. Por muito tempo os Aqueus hão de nossa discórdia lembrar, é certeza. Mas o passado é passado. O dever me concita, nessa hora, ainda que muito irado, a refrear rancor no imo*

peito. Da ira desisto; não me orna, em verdade, mostrar me implacável por muito tempo. Mas vamos! agora incitar te compete para o combate os Aquivos de soltos cabelos nos ombros. Quero encontrar, novamente, os Troianos e ver se ainda insistem em pernoitar junto aos nossos navios; mas penso que muitos hão de, aliviados, os joelhos dobrar, quando escapos se virem da fúria insana da guerra e da nossa hasta longa invencível'.

(Homero 1999: 433)

Esta parte do discurso, ora proferido por Aquiles, mostra nos que ao final ele veio a reconhecer que não deveriam eles dois ter entrado nesta desavença, tanto Agamémnone "Anti-herói" passa por tribulação, perdas de tantos de seus heróis, sendo ele o motivo principal da existência da obra *Ilíada*, quanto Aquiles, herói afligido, que deixa se levar pela ira, cometendo a *Hybris*, e conseqüentemente sua culpa sendo expiada. A partir daqui volta se a instituição dos deuses, que mediante os destinos decididos em concilio havia se estabelecido que Tróia fosse destruída pelos Aqueus, e que Aquiles mataria Heitor, as atrocidades cometidas sobre os Aqueus pelas mãos de Heitor, certamente teriam acabadas antes mesmo da cólera de Aquiles, se Agamémnone, filho de Atreu, não tivesse a incitado.

3 A CONSTITUIÇÃO DO "ANTI-HERÓI" NA *ODISSÉIA*

3.1 A origem de todas as ações

Esta foi à primeira obra a ser escolhida para este trabalho, após alguns estudos foram surgindo necessidades de anexar novas obras, no entanto agora percebo que esta obra é muito diferente das demais, pois esta tem uma formação distinta, o "Anti-herói" é diferente dos demais, ele possui uma presença maior no texto, não raro muitos teóricos afirma ser *Odisséia* uma obra mais recente que *Ilíada*, *Odisséia* tem os traços de uma obra mais atual se comparar com a dos dias atuais, embora com muita divergência das modernas, digo isto pela presença do "Anti-herói". Embora Homero seja autor de *Ilíada* e de *Odisséia*, estas obras não têm grandes semelhanças a não ser por narrar mitos gregos, enquanto *Ilíada* trata o desenrolar de uma guerra, *Odisséia* já traz a descrição do retorno do Herói Odisseu até sua pátria Ítaca; poderíamos dividir a Íliada em três partes, na primeira é a Origem de todas as ações; no segundo, algumas ações causadas em virtude da ação inicial do "Anti-herói", e no terceiro a expiação da *Hybris* do Herói. Já *Odisséia* não tem esta mesma composição, ela começa a ser contada a partir do instante em que o narrador interessa e só pode ser dividida em duas partes, na primeira a origem de todas as ações e na segunda a expiação da *Hybris* do herói, pois todas as ações causadas em virtude da atuação inicial do "Anti-herói" já é a expiação da Hybris do Herói. A obra *Odisséia* como o próprio título sugere são os cantos de glorificação ao herói Odisseu que na tentativa de retornar a pátria atravessa muitas peripécias, vence muitos mitos e com isto cria um mito em torno de si, assim inicia a obra *Odisséia*:

Canta, ó Musa, o varão que astucioso, Rasa Ilíon santa, errou de clima em clima, viu várias nações costumes vários. Mil transes padeceu no equóreo ponto. Por segurar a vida e aos seus a volta; Baldo afã! Pereceram, tendo, insanos, ao claro Hiperiônio o boi comido, que não quis para a pátria alumia-los. Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra. Da guerra e do mar sevo recolhidos os que eram salvos, um por seu consorte Calipso, ninfa augusta, apetecendo, separava-o da esposa em cava gruta.

(Homero 1999: 27, 28)

Sabemos que um narrador em terceira pessoa irá contar-nos todas as histórias que sucede dentro da *Odisséia*, são as vitórias de um homem que enfrentou muitas peripécias por causa da ira de um deus. Esta epopéia é diferente desde o inicio, o narrador nos informa que Odisseu era prisioneiro de Calipso, uma deusa que queria transformá-lo em seu esposo e dar-lhe vida eterna. Sabemos "Anti-herói" age do inicio até o final da história, mas não está no final do enredo, o que torna esta obra um tanto especial comparada às demais. *Ilíada*, *Jó* e *Eneida* começam o enredo onde começa a história, já *Odisséia* o enredo começa onde o autor decide ser melhor, este é um fenômeno comum nas obras atuais.

No inicio, assim como eram comuns nas obras clássicas os deuses se reuniram em concilio e decidiram que Odisseu haveria de retornar para casa na montanhosa Itaca, porém Poseidon, o abalador da terra, havia decidido que não seria sem muitas aflições e dificuldades, muitos foram os transtornos que trouxe para Odisseu, porem todos os demais deuses lamentava a demora do retorno de Odisseu, num certo dia em que Poseidon fora para a terra dos etíopes para deles receber sacrifícios, todos os outros deuses estavam reunidos no Olimpo, Zeus estava irado por causa da morte de Agamémnone, que Egisto acabara de matar, e dirigiu em palavras aos outros deuses indagando-os sobre o fato de que Orestes filho do casal deveria punir Egisto quando chegasse a maioriadade, Atenéia, porém disse a Zeus sobre as afrontas que Odisseu estava enfrentando e sobre a instituição que havia dito que ele retornaria para sua casa em Ítaca; no entanto ainda se encontrava sobre o domínio de Calipso, com o consentimento de Poseidon. Zeus dando testemunho do bravo Odisseu, disse que jamais poderia se esquecer dele, e afirmou "*ele é quase um de nós*".

Odisseu, porém usou de sagacidade com o ciclope, filho de Poseidon. Atenéia então invocou o favor dos deuses em prol de Odisseu e partiu para Itaca para animar Telêmaco,

mandou o que fosse até a Pilos e de saber noticias de seu pai, porém Telêmaco estava já um tanto desacreditado que seu pai retornaria a sua casa. Somente no segundo canto que o narrador deixa de falar no presente e retorna lá no passado e começa a contar como as coisas se sucediam naquele tempo. Telêmaco reúne uma assembléia ato que não era feito desde que o rei havia partido para a guerra de Tróia, após muitas discórdias ficou decidido que partiria para Esparta e Pilos em busca de noticias de Odisseu. Os capítulos seguintes narram a viagem e os lugares e os fatos que aconteceram com Telêmaco, somente no quinto capítulo é que vamos ter o retorno de Odisseu ao enredo. Mesmo após o ultimo concilio entre os deuses ficou decido que era hora de Odisseu retornar a sua casa, porem nada se havia feito pelo seu retorno, Atenéia novamente vai até Zeus e lembra o sobre o cativeiro de Odisseu, este decide que é hora de tomar providências e manda que Hermes vá até Calipso e de lhe ordens para libertar o prisioneiro e ordenou que nenhum deus houvesse de acompanhar Odisseu na viagem, e que a viagem deveria ser feita de jangada, construída pelo próprio Odisseu, haveria de chegar à Chéria, terra dos feácios, onde lhe tratariam como um deus e depois haveriam de leva-lo a pátria para rever seus amigos e familiares. Calipso ao receber as ordens de Zeus transmitidas por Hermes, vai até Odisseu e ordena-lhe que tire da terra madeira na ordem que precisasse para construir uma jangada e partir para a pátria.

Mas Odisseu lhe responde dizendo que é muito paciente e se algum deus ousasse lhe provocar um naufrágio seria somente mais um, pelo tanto que já tinha atravessado. Em quatro dias Odisseu construiu sua jangada e no quinto dia Calipso despediu se dele; por dezessete dias navegou pelo mar e no décimo oitavo aproximou se da ponta mais próxima da Chéria. Porem quando estava nesta posição, Poseidon o Abalador da Terra estava de volta do país dos etíopes e avistou Odisseu navegando pelo mar, dominado pela ira gritou: *Maldição! Os deuses mudaram de idéia a respeito de Ulisses. Mas eu prometi que hei de fazê-lo sofrer.* Poseidon sabia qual destino aguardava Odisseu e respeita-o sobre a medida, sabe que é a instituição dos demais deuses, e jamais poderá mudá-las. Naquele instante Poseidon trouxe muitas tempestades sobre Odisseu, embora no enredo esta seja a primeira peripécia descrita que Odisseu enfrenta na realidade esta era a ultima a ser enfrentada pelo próprio Poseidon. Era o final da expiação da *Hybris* do herói, o que faz a obra ter uma construção divergente das demais obras. A deusa Imo filha de Cadmo avistou Odisseu que havia acabado de naufragar e deu lhe o véu para que nadasse a salvo até a terra dos feácios. No instante que o "Anti-herói" se satisfaz da expiação da *Hybris* do herói ele diz:

Está bem! Já tiveste muitas tribulações e agora podes avançar sobre a água e chegar a terra se conseguires. Creio que não podes queixar de tido menos tribulações do que tiveste.

(Homero 1999: 66)

Este é o momento em que "Anti-herói" aceitou o destino instituído pela instituição divina, a expiação da *Hybris* só termina quando o deus que expia a culpa se dá por satisfeito. Depois deste ato, somente três dias apo é que Odisseu chegou à terra dos feácios. Quando chegou a terra Odisseu tratou de tirar um bom descanso, e após acordar com o barulho das raparigas que estavam junto ao mar para lavarem roupas, Odisseu não teve vergonha, mesmo nu partiu ao encontro das raparigas para delas tomar algum alimento, todas saíram correndo ao contemplar um homem imundo e sujo, somente uma princesa ficou por que Atenéia tirou lhe o medo, era Nausica, filha do rei dos feácios.

No sétimo canto Atenéia conduz Odisseu até o palácio do rei Alcino, e este lhe perguntam sobre todas as histórias, as provações que enfrentou desde que saíra de Tróia, somente no nono canto é que Odisseu começa a narrar como as coisas aconteceram. E onde vamos ver a narração do ato que lhe causou a *Hybris* contra Poseidon, vimos que no inicio do enredo há somente uma alusão ao fato, mas ele não é exposto. Faz necessário dizer que a partir do quinto canto, apesar de Odisseu enfrentar muitas peripécias e provações o "Anti-herói" não está mais presente, conforme acontece com as obras clássicas, o "Anti-herói" provoca apenas a ação e sai da obra, todas as ações posteriores acontecem devido a ação inicial do "Anti-herói".

No nono canto, Odisseu a pedido do rei Alcino narra todas as dificuldades em que enfrentou nos confins da terra e a maneira com a qual perdeu todos os seus homens de guerra. Quando saíram de Ílio chegaram a Ísmaro, onde saquearam a cidade e tomaram despojos dela, porém contra a vontade de Odisseu seus homens dormiram na cidade, ao amanhecer apareceram homens numerosos que os expulsaram da cidade, saíram um tanto desanimados devido à derrota sofrida naquela terra; após nove dias chegaram a terra dos comedores de lótus, porém quando os homens comiam do lótus não queriam mais retornar para casa, esqueciam de tudo o que tinham deixado na pátria, no entanto Odisseu forçou os a entrarem no navio para conduzi-

los às suas casas; partindo da terra dos comedores de flores chegaram na terra dos ciclopes de olhos esbugalhados, o local em que o herói contrai a *Hybris* contra Poseidon. Os ciclopes não plantavam nem colhiam, porém a terra produzia pela vontade dos deuses, era uma ilha muito grande onde havia muitas cabras gigantescas, os ciclopes não possuíam a arte de construir navios e nem sequer possuíam um para navegar pelas terras desconhecidas como faziam os homens, segundo a descrição do narrador a terra era muito boa e boa para todos os tipos de produções agrícolas, possuía acesso fácil para navios que quisessem ancorar ali. Logo que amanheceu fizeram banquetes com as cabras que mataram durante todo o dia, no alvorecer do segundo dia, Odisseu e mais alguns homens desceram à ilha para conhecer quem era aquela gente, encontraram a uma enorme caverna entraram-na, havia muita fartura, cordeiros e cabritos nos currais, tomaram da caverna muitas comidas, fizeram fogueira, comeram e beberam e saciaram-se, sentaram e esperaram a chegada do dono da caverna, pois assim se procedia às pessoas daquela época, quando o morador chegou, jogaram dentro da caverna um enorme feixe de lenha para preparar o jantar, ordenou seu rebanho e colocou uma enorme pedra na entrada da caverna, que vinte carroças de quatro rodas não conseguiriam transporta-las, ascendeu à luz e viu os forasteiros e perguntou lhes quem eram, e de onde vieram, e o que queriam naquele lugar; Odisseu respondeu lhe contando a trajetória que trouxera até ali, porém o ciclope lhe respondeu com palavras ásperas, declarou não temer nem Zeus nem os deuses bem-aventurados, se quisesse apoderar se de Odisseu e seus companheiros. Usando de astúcia com o ciclope Odisseu, quando foi indagado a respeito do paradeiro de seu navio, disse que Poseidon havia atirado o contra os rochedos perto do país e com ajuda dos ventos conseguiram chegar aquele lugar; o ciclope não disse nada, apenas agarrou dois dos homens de Odisseu atirou os contra o solo esmagou lhes a cabeça e saiu lhes os miolos espalhando pelo chão, cortou os membro por membro e preparou os para ceia, devorou os sem deixar nada deles. Depois de muita reflexão, Odisseu teve uma idéia de livrar se do ciclope e sair salvo da caverna, quando o ciclope chegou Odisseu tratou lhe de servir o com, Odisseu sempre agiu com muita astúcia, quando o Ciclope perguntou sobre o seu nome, respondeu que era Ninguém, aparentemente parece não ser muita coisa, Adorno e Horkheimer falou sobre este episódio; *Odisseus* tem uma proximidade sonora muito grande de *Oudeis,* são palavras homófonas, *Oudeis* significa Ninguém, eis o porquê da menção do seu nome como sendo *Oudeis* ao invés de *Odisseus.*

O Ciclope agradou-se de Odisseu e declarou que em troca da sua benevolência seria o ultimo a ser devorado dito isto se deitou para descansar e dormir, estava vencido pelo vinho,

havia dentro da caverna uma grande estava que Polifemo colocara para secar, Odisseu e seus companheiros esquentaram a fogo no fogo ao ponto de começar a produzir brasas e com ela furaram o único olho que o ciclope tinha, naquele instante Polifemo deu um grito imenso e horrível e todos os ciclopes que estavam por perto puderam ouvir devido a altura que seus gritos ecoaram, os outros ciclopes que estavam perto gritaram perguntando sobre o que estaria acontecendo e o ciclope respondeu que *Oudeis* (Ninguém), estava lhe matando pela astúcia e não pela força.

Os outros não compreenderam o que estava acontecendo, pois obviamente não havia como alguém estar sendo ferido por *Oudeis*; entendeu que o ferimento poderia ser algum castigo dos deuses, o encanto da palavra remeteu ao sentido que o Ciclope citava alguém que não poderia ser visto, por isso chamou-o de *Oudeis* (Ninguém). Ao amanhecer para conseguirem sair de dentro da caverna, Odisseu e seus companheiros amarraram-se nos pelos da barriga das cabras e ovelhas e o ciclope apenas apalpava as costas dos animais, tendo eles saído salvo da morte, prepararam os navios para partirem; Odisseu não poderia partir ligado a uma identidade que não era sua, pois corria o risco de ficar preso ao natural, ao partirem, chegando a uma distância que ainda se podia ser ouvido Odisseu gritou para Polifemo dizendo que se alguém perguntasse o nome de quem lhe tinha furado o olho, deveria responder que o nome do Herói era *Odisseus,* rei de Ítaca.

Polifemo lembrou se da profecia que Telemos filho de Eurimedeu havia lhe falado que um dia apareceria certo Odisseu que furaria seu único olho; quando o ciclope percebeu que nada mais podia fazer contra Odisseu dirige uma prece a Poseidon rogando por justiça por causa de seu olho, que se possível rompesse a vida de Odisseu sem que ele avistasse sua pátria, todavia se os deuses houvessem determinado que Odisseu retornasse para sua pátria, para junto de sua esposa, que então lhe trouxesse muitos castigos, que chegasse a Ítaca pobre e miserável.

Quando Polifemo fez o pedido ele já o fez pensando na constituição divina, se os deuses haviam destinado que Odisseu voltaria para a montanhosa Ítaca, que o seria feito, embora depois de muito tempo, pobre e miserável; porém se fora o destino de Odisseu morrer e jamais ver sua pátria então que por Poseidon fosse morto. A astúcia de Odisseu custou a perda de muitas coisas, todos os seus homens morreram na viagem, ficou prisioneiro de Calipso por muitos anos, na sua terra havia muitos que pretendiam casar se com sua esposa e tornar se o

rei no lugar de Odisseu, alguns já estavam até conspirando contra seu único filho Telêmaco, em algumas circunstâncias as esperanças de retornar a montanhosa Ítaca até se desvaneceram, e se não fosse a ajuda incondicional da deusa Atenéia isso jamais se poderia cumprir porém quando finalmente chegou em Ítaca, havia conseguido ganhar na terra dos feácios muitos tesouros com a ajuda de Atenéia, mesmo assim não poderia enumerar as perdas que ele sofreu e os anos que se passaram sem ver sua família e compatriotas.

3.2 Ações causadas em virtude da atuação inicial do "Anti-herói"

Conforme já observamos, as causas de tantas tribulações e peripécias que Odisseu passou foram por causa da *Hybris* que cometeu contra Poseidon, se não fosse à ira desses tão estimado deus, Odisseu teria retornado para sua casa muito tempo antes do que havia feito, neste tópico veremos quantas ações que Poseidon fez nascer de sua ira, a ação inicial, agora podemos perceber que se não fosse a ira do deus, não haveria a obra *Odisséia*, ela só foi constituída graças aos anos em que Odisseu passou vagando pelos confins da terra, isto nos conduz a dizer que senão fosse a ira do "Anti-herói" por causa da *Hybris* do herói, Odisseu teria chegado a sua casa em Ítaca muitos anos antes do que chegou além de seus companheiros poderem chegar também. Todos os adventos que se seguem nesta obra serão ações causadas em virtude da ação inicial do "Anti-herói" que havia determinado que por causa da instituição divina Odisseu retornasse a sua pátria, embora desforrado e miserável; estas ações são também a expiações da culpa do herói. Nisso a *Odisséia* diferencia da *Ilíada*, que em muitas ações construídas na obra pelo "Anti-herói" causam a destruição dos Aqueus embora nem sempre signifiquem a expiação de Aquiles, o que haveria de começar apenas com a morte de Pátroclo.

Partindo da terra dos ciclopes, Odisseu e seus companheiros chegaram a ilha de Eoli, onde vivia Éolo, filho de Hipotato que possuíam em suas mãos o domínio dos ventos, aqui iniciaria uma série de perambulações do herói. Quando entraram na cidade Éolo quis saber sobre tudo o que havia acontecido em Tróia, o que Odisseu lhes fez saber, quando foram partir Éolo deu lhe um saco feito do couro do bezerro de nove anos que havia matado para servir os forasteiros, e nele guardou os ventos zunidores para que pudessem voltar pra casa. No décimo dia em que ainda velejavam desde que saíram de Éolo, os homens de Odisseu avistaram a pátria, já podiam até ver as fogueiras que os habitantes acendiam, carregado de canseira, pois cuidou daquele saco de ventos desde que saiu de Éoli, Odisseu deitou-se para repousar, seus homens sabendo que por todos aqueles dias o rei não havia se apartado daquele saco, aproveitaram o cansaço dele quando abriram o saco para ver o que tinha dentro o vento escapou e o navio para a angustia daqueles homens retornou em meio a tempestade para a ilha de Éoli, quando o rei Éolo viu Odisseu perguntou atônito sobre qual motivo lhe trouxe de volta aquela ilha, as explicações de Odisseu não foram consistentes ao ponto de convencer Éolo, que mandou que os fossem embora considerando os inimigos dos deuses bem-aventurados.

Desconsolados Odisseu e seus homens deixou Éoli, após seis dias e seis noites navegando pelos confins da terra, chegaram à terra de Lamos, alguns homens foram enviados por Odisseu para saber que terra era aquela, chegaram à casa do rei Antifates, mas o rei agarrou um dos homens e preparou para a ceia, os outros homens conseguiram fugir para o navio, porém o gigante havia provocado um alvoroço na cidade e os habitantes saíram para capturar aqueles quem quer que fossem que encontrassem, jogaram pedras tão grandes do tamanho que se pode segurar um homem e esmagaram homens destruindo os navio que viram, Odisseu convidou seus homens a virarem as costas para a assolação e tentarem remar para salvarem-se, quando se viram salvo daquela matança, agradeceram o alto-mar, somente o navio de Odisseu escapou dessa guerra, todos os outros homens morreram e os navios ficaram para traz e foram destruídos.

Após ter perdido todos os navios e ter lhe restado apenas um com alguns homens, Odisseu e seus camaradas chegaram à ilha de Ajaia, onde vive a deusa Circe, filha de Hélios e irmã do assassino Aietas. Passaram dois dias e duas noites na praia de Ajaia, no terceiro dia banquetearam muito de no quarto dividiu se os camaradas em duas tropas e deram sortes sobre elas e a sorte caiu sobre a tropa de Eurílоco e seus vinte e dois homens para irem a deusa Circe e pedir orientações sobre como retornarem a montanhosa Ítaca, a deusa possuía o domínio de ervas venenosas que transformavam os homens em porcos, quando a deusa os viram convidaram para entrar e deu lhes comida e bebida e transformou os em porcos, somente Eurílоco não fora transformado pois ficou desconfiado e de longe observou tudo o que aconteceria, ao ver Circe conduzindo seus companheiros agora transformados em porcos para sua pocilga, mais que depressa Eurílоco foi ter com Odisseu e contou lhes tudo acerca do que aconteceu na casa de Circe. Odisseu então despediu se de Eurílоco e partiu para encontrar a casa de Circe, graças a ajuda de Hermes que apareceu para ajudar-lhe a escapar da prisão certeira, deu lhe um amuleto que poderia lhe conduzir na entrada e na saída da casa de Circe e deu lhes ordem a respeito do que deveria fazer para salvar seus companheiros, Odisseu fez conforme Hermes lhe ordenara, tal foi a graça que alcançou de Circe que esta mandou lhes que chamassem todos seus companheiros para ficarem algum tempo na ilha, permaneceram na ilha durante um ano, com muitas farturas de iguarias para se alimentarem, passado um ano os companheiros de Odisseu sentiram saudades da pátria e perguntaram se havia de todo esquecido da pátria, Odisseu então tentou persuadir Circe que era necessário partir e a ajuda que ela havia dito que lhes faria.

Circe mandou que Odisseu fosse à casa do Hades e da terrível Perséfone, a fim de pedir orientações a Teiresias, um adivinho tebano cego. Odisseu desceu a casa do Hades, fez os procedimentos que se deveria fazer para entrar no local, a primeira alma morta quew encontraram no Hades foi Elpenor, que co0ntou lhes como caiu do telhado e morreu, e pediu o que não deixasse de passar na ilha Ajaia e de fazer os rituais e de sepultar seu cadáver com todas as suas armas como se faz a todas as outras pessoas quando morrem, pois não haviam feito por que havia outras coisas em mente. A segunda alma que viu foi de sua mãe Anticléia filha do bravo Autólico, que contou as causas que trouxeram a morte. Finalmente apareceu a alma de Teiresias, que lhes falou acerca de todas as tribulações que haveria ainda de enfrentar por causa da ira de Poseidon, por causa do olho de seu filho Polifemo, ordenou acerca das coisas que encontraria pelo caminho e a procedência que seus camaradas deveriam adotar. Muitas pessoas que já havia morrido foram vistas por Odisseu, inclusive o poderoso Agamémnone, Aquiles, Pátroclo, Antíloco, Ájax, Epicaste mãe de Édipo, Alcmene e seu filho Heracles, entre muitos outros heróis dos tempos passados.

Saindo da casa do Hades, Odisseu tratou de passar na ilha de Ajaia e sepultar o cadáver de Elpenor e fazer os procedimentos que se fazem às pessoas quando morrem. Saindo de Ajaia, a primeira peripécia que encontraram foram às sereias que com seus cantos, chamam aqueles que passam para a morte, somente Odisseu que amarrado ao mastro do navio, ouviu o canto das sereias, tendo dado ordens a respeito do que deveriam fazer se ele intentasse sair do navio. Vencido as sereias com seus cantos cheios de morte, Odisseu temeroso não disse nada a seus companheiros a respeito de Cila e pela dificuldade que haveria de enfrentar para passar por ela. O estreito uivava profundamente, de um lado Cila e do outro Caribde sorvia a água de maneira assombrosa, todos os homens empalideceram com aquelas cenas de morte, no momento em que Odisseu procurou por seus homens, seis deles estavam no ar tomados pelas mãos de Cila, contemplar a morte de seus companheiros por Cila, Odisseu disse que foi o espetáculo mais lamentável que viu acontecer em suas labutas pelo mar.

Quando atravessaram os rochedos e ficaram libertos da morte por Cila e Caribde, chegaram a terra de Hélios, de longe os homens ouviram os mugidos dos bois já presos onde deveriam passar a noite, Odisseu disse a seus companheiros acerca das coisas que Circe e Teiresias tinha dito sobre aquele lugar, mas os homens estavam tão cansados que não quiseram ouvir a voz de seu rei, e Eurílоco disse a Odisseu no lugar dos homens para descerem a ilha e descansar por um pouco de tempo. Por um tempo passaram ali, e os mantimentos acabaram e

os homens ficaram de sobremaneira esfomeados, que aproveitaram do instante em que seu rei partiu para oferecer preces aos deuses pedindo por misericórdias em favor de seus homens e dele próprio, Eurílocо convocou os homens e todos os aplaudiram suas palavras, quando Odisseu chegou onde estavam os demais homens, perceberam o cheiro de carne assada, aproximando-se percebeu que seus homens tinham rompido o juramento e tomado do gado de Hélios para saciarem suas fomes, um mensageiro tratou logo de levar a noticia a Hélios. Mais tarde Calipso contou a Odisseu que Lampetie havia dito a Hélios como os homens de Odisseu que mataram seu gado, e Poseidon prometeu a Hélios que logo partiria o navio de Odisseu em pedaços no meio do mar com um raio. Durante seis dias os homens de Odisseu festejaram com o gado de Hélios, e no sétimo partiram quando os bons ventos já indicavam a hora da partida. Quando já se não podia enxergar mais nenhuma terra o navio de Odisseu foi tomado de uma grande nuvem negra, a tempestade quebrou o mastro que caiu na cabeça do timoneiro esmagando sua cabeça e afogou um outro marinheiro, logo um raio caiu no navio e seus companheiros foram jogados para fora do navio e o choque atingiu todo o madeiramento, Poseidon conduziu o navio através dos ventos até Cila e Caribde, quando Caribde engoliu a água salgada Odisseu foi impelido pela força para o alto, agarrou então em uma figueira caiu sobre os destroços de seu navio e conseguiu fugir e escapar com vida, saindo dali vagou por nove dias e no décimo alcançou a ilha de Ogígia onde mora a deusa Calipso.

Quando Odisseu termina de contar às dificuldades que enfrentou até chegar à terra dos feácios, é o final do canto XII, o rei dos feácios dera lhe muitos bens tanto quanto tinha antes, bens ainda melhores dos que os que tinham conseguido em Tróia, porém a expiação da *Hybris* do herói não terminou aqui, após ter vencido estas tribulações e ter chegado à terra dos feácio, Odisseu deveria partir para sua casa em Ítaca, onde as coisas não estavam acontecendo conforme ele esperava.

Quando o navio dos feácios partiu escoltando Odisseu à montanhosa Ítaca, Poseidon foi à presença de Zeus para perguntar-lhe o que ele pretendia fazer, nesse episódio temos a acepção porque o "Anti-herói" respeita a instituição divina, quando Zeus diz a Poseidon que os deuses o respeitavam, seria uma vergonha se lhe lançasse insultos a um deus mais velho e melhor, e disse-lhe que se algum homem recusasse um devido favor, pudesse julgá-lo por algum tempo, o que percebemos que os dias de tribulações de Odisseu por Poseidon não haveria de continuar, pois Zeus permitira lhe apenas por algum tempo. Poseidon responde-lhe dizendo que era seu desejo destruir o navio dos feácios quando estivesse retornando para sua terra, mas

estava evitando por causa da ira de Zeus, afirmando que tinha medo de seu gênio e procurava evitar. Os "Anti-heróis" respeitavam a instituição, para não se transformarem vítimas de sua própria ira, tal como acontece com o herói que com ira desmedida provoca a *Hybris*. Poseidon esperou o navio na Chéria e quando este se aproximou da terra foi logo transformado em pedra.

Odisseu finalmente chegara a sua terra, todavia as coisas não estavam andando conforme ele esperava, com ajuda de Atenéia, fora transformado num mendigo para que ele próprio soubesse como todas as coisas estavam sendo conduzidas na montanhosa Ítaca, Atenéia lhe conduzira ao seu mais fiel escravo, o porqueiro Eumaio que conduzia todos os seus bens conforme convinha ao seu amo. Encontrou-o sentado num telheiro que construíra logo que seu amo partira para a guerra, quando os cães avistaram Odisseu latiram veementes, mas fora salvo por sua esperteza e pela ajuda do porqueiro; o forasteiro fora bem recebido apesar de seu escravo não saber que era o próprio amo quem estava transformado por Atenéia num mendigo, por intermédio do porqueiro Odisseu tomara conhecimento acerca das coisas que aconteciam na sua ausência, a quantidade de pretendentes que ansiavam casar-se com Penélope.

Em Ítaca, Odisseu ainda teve que encontrar uma maneira de derrotar seus inimigos, aqueles que ansiavam a muito, desposar-se com Penélope, para que tudo fosse cumprido, aos poucos, fez com que se aproximasse de Penélope, ainda como mendigo para contar-lhe como estava Odisseu, na ultima vez em que tinha avistado, tal foi a notícia que nenhum outro homem tinha detalhes, isto fez com que Penélope o agraciasse muito, mandou que Euricléia, uma velha ama lavasse os pés do viajante, esta quando tomou os seus pés notou uma cicatriz muito semelhante àquela de seu Senhor, quis gritar de alegria, mas foi interrompida por Odisseu.

Odisseu propôs a Penélope que já era hora dela se casar mesmo, mandou que fizesse uma prova entre os pretendentes, àquele que conseguisse dobrar o arco que estava exposto na parede seria o escolhido; e isto ela fez. Todos os pretendentes se reuniram e nenhum deles conseguiu dobrar o arco, o velho mendigo quis tentar também, todos os outros caçoaram dele, porém ele dobrou o arco facilmente, para a surpresa de todos os que estavam ali. Naquele instante Odisseu revelou sua identidade e a deusa Atenéia retornou-o a sua condição física normal, junto com Telêmaco, Odisseu fez uma grande matança no palácio de Ítaca, não perdoando um único inimigo, nem mesmo as mulheres que ousaram ultrapassar o limite.

Nestes episódios acima escritos, não encontramos nenhuma participação direta do "Anti-herói", nesta obra ele constrói todo o enredo até o quinto canto, sendo que nos outros dezenove não há mais participação dele, todas as ações que se desenvolvem nestes cantos são os frutos da ação inicial do "Anti-herói", no final da obra não há sequer uma citação que diga o seu nome, nem mesmo o Herói chega o proferir o seu nome ou lembrar das tribulações que o "Anti-herói" lhe trouxe, este fenômeno é encontrado em *Jó*, que em nenhum instante cita o nome daquele que lhe aflige. Este fenômeno embeleza a obra clássica, já que nas obras contemporâneas o "Anti-herói" se vê a obrigado a participar do enredo até o último parágrafo. Poderíamos dizer que sem do "Anti-herói" não haveria *Odisséia*, pois Odisseu teria retornado para sua casa sem enfrentar tantas peripécias, mas sem a provocação de Odisseu, o "Anti-herói" nunca teria se irado. Mas a sua *Hybris* nasce justamente nesta provocação, que precisa ser expiada por tentar transformar a instituição política e cósmica.

4 A CONSTITUIÇÃO DO "ANTI-HERÓI" NA *ENEIDA*

4.1 A origem de todas as ações

O livro *Eneida* foi o último a ser escolhido para compor este trabalho, surgiu como necessidade de complementação nos estudos do "Anti-herói" nas narrativas épicas clássicas, esta obra se faz necessária por ser considerada à última grande obra épica, embora esta obra tenha surgido após a composição das narrativas gregas e hebréias em questão, César Octaviano Augusto encomendou a feitura de uma obra que superasse as epopéias de Homero, e que contasse o inicio da civilização romana. A narrativa *Eneida* é uma continuação da guerra de Tróia, conta sobre o destino dos heróis que acompanhando Enéias, após a derrocada da cidade de Príamo, decidiram partir para a Itália e fundar uma nova civilização. Analisaremos esta obra em duas partes, na primeira veremos a origem de todas as ações que é construída pelo "Anti-herói", na segunda analisaremos quais as ações que se desencadeiam a partir da ação inicial do "Anti-herói". Esta narrativa conforme já foi explicitada em outras ocasiões desta pesquisa, possui uma constituição do "Anti-herói" bem mais diferente do que acontece nas outras narrativas analisadas, talvez por ser esta uma obra mais contemporânea que as demais. Eis como se inicia a obra *Eneida*:

> *Eu, que entoava na delgada avena Rudes canções, e regresso das florestas, Fiz que as vizinhas lavras contentassem A avidez do colono, empresa grata Aos aldeãos; de Marte ora as horríveis Armas canto, e o varão que lá de Tróia Prófugo, à Itália e de Lavino às Praias Trouxe-o primeiro o fado. Em mar e em terra Muito o agitou violenta mão suprema, e o lembrado rancor da seva Juno; Muito em guerras sofreu, na*

Ausônia quando Funda a cidade e lhe introduz os deuses: Donde a nação latina e albanos padres, E os muros vêm da sublimada Roma.

(Virgilio 1854:15)

Nesse primeiro parágrafo, que propositalmente se parece com as formas que iniciam as obras *Odisséia* e *Ilíada*, e coincidentemente tem uma aparência com a maneira que inicia *Jó*, embora de forma mais vaga, por que na obra hebraica canta a vida do herói, porém não faz alusão ao povo que pertencia, todavia o que deve ser considerado é que a obra é uma narrativa de situações rotineiras, ao passo que *Eneida* é uma obra com registros de guerras e viagens marítimas em busca da terra que os deuses havia designados aos penates Troianos.

Há um contexto histórico representado neste texto, a palavra canto nos remete a idéia que nos textos subseqüentes há de glorificar os feitos de um herói e de muitos combates, temos a explicação de que o herói, após a destruição de Tróia, saiu com alguns homens à procura da Itália, onde os descendentes da derrotada Tróia iriam fundar uma nova civilização. Todo o enredo é criado a partir do joguete que Juno trata com o herói, Juno era a deusa, irmã de Júpiter e mulher do mesmo deus, conforme vimos na obra *Ilíada*, e como sabemos, *Eneida* é uma continuação desta obra, a deusa Juno que na obra *Ilíada* é conhecida como Hera, estava a favor dos Aqueus, pois estes haviam maltratado os deuses na ocasião da construção dos muros da cidade; no final da construção não pagaram os deuses pelo trabalho prestado, e isto incitou a ira de quase todos os deuses que governam o mundo; Juno nutria de um grande ressentimento por causa do julgamento de Páris, e a morte do implacável Aquiles, fez que a filha de Saturno trouxesse muitas provações aos troianos sobreviventes, outro fator contribuiria ainda mais para que o ódio de Juno fosse ainda maior do que era, a profecia de que descendente de troianos haveria de destruir a cidade de Cartago, e seria a perdição da Líbia, lugar que segundo diziam, a deusa amava mais do que a própria Samos, que segundo a mitologia, era o local onde a deusa havia nascido, e, pensava em constituir Cartago sobre todas as outras terras, se o destino o permitisse. Isso fez com que os troianos por muitos anos errassem nos mares e não conseguissem chegar à Itália, cuja tarefa era fundar a nação romana.

Tão logo, que os troianos deixaram a Silicia e não mais a poderiam avistá-la, a deusa, consciente de estar tolhida pelo fado, prometeu que os troianos haveriam de adorá-la e honrá-la em seus altares, por causa de seu poder. Com o coração inflamado pela ira a deusa se apro-

xima de Eólia, e entra na caverna do rei Éolo "*que contém os ventos tumultuosos e as tempestades ruidosas e os mantém agrilhoados.*" E a deusa lhe dirigiu palavras, dizendo:

> *Ó Éolo (pois já que o pai dos deuses e o rei dos ventos te concederam não só amansar as ondas, mas também encapela-las com o vento), uma gente minha inimiga navega o mar Tirreno, levando para Itália Ílio e os Penates vencidos. Imprime força aos ventos e alaga as popas submersas, ou impele-as, lançadas em vários rumos, e dispersa os corpos pelo mar. Tenho duas vezes sete ninfas de elegante corpo; a mais bela de todas, Deipéia, unida a ti por duradouro himeneu, será teu bem próprio, e quero que, por preço de tal serviço, passe contigo todos os seus anos e te torne pai de uma formosa prole.*
>
> (Virgilio 1854)

A proposta do "Anti-herói" era afligir os penates troianos, o fenômeno acontece como em Odisseu, que Poseidon decide que este alcançaria a pátria, embora depois de ter passado por muitas peripécias. Há muitos motivos que levaram a deusa tomar estas providências contra a estirpe dos troianos, embora a culpa destes por não tiver pagado os deuses pela construção dos muros de Tróia estava consumada na ruína de Tróia, certamente haveria algum ressentimento de Juno. Haveria certo rancor pela preferência de Paris, na ocasião da eleição da deusa mais bela, além do fato deste ter matado um dos seus heróis preferido na guerra, Aquiles, quem a deusa lhe envia Atena para proteger e não permitir uma batalha com Agamémnone, no início da *Ilíada*, por ser ambos os homens de quem tinha preferência. Porém o fator que mais influenciou a origem da ira de Juno era o fato da instituição dos deuses ter consentido que os penates Troianos vencidos partissem para Itália e ali fundaria uma gigantesca nação que no futuro destruiria Cartago.

Juno representa o tipo de povo que não se deixa civilizar, Cartago embora fosse uma grande cidade, o Império Romano era o domínio da época, a destruição de Cartago seria o símbolo de conquista do povo romano, a conquista da civilização frente o primitivo. Não raro a ave cuja deusa mais amava era o pavão, espécie de rude convivência com outras espécies e que castiga as demais por sentir-se ameaçada. Enéias não pratica a *Hybris* assim como aconte-

ce com Aquiles e Odisseu, Enéias é o tipo de herói perfeito assim como foi Jó e Heitor. Os heróis troianos são vítimas de um sacrifício assim como Jó.

Conforme Frye definiu, eles são o *Pharmakós*, ou "bode expiatório", ambos não são culpados e são ao mesmo instante. É culpado por pertencer à sociedade errada, no entanto não cometem nenhuma falha que os torne digno de castigos. Heitor é uma vítima da ira de Aquiles por causa da morte de Pátroclo, embora seja preferido de muitos deuses ele tem que morrer para que o povo Troiano perca a guerra e que a instituição seja realizada, a glorificação de Aquiles, prometida a Tétis por Zeus, não havia entre os troianos, ninguém maior do que Heitor para que Aquiles fosse honrado, era um guerreiro e como isto teria de proteger sua pátria dos invasores. Heitor é o "bode expiatório" pelo povo, afinal o fenômeno determinador para que os deuses no concílio decidissem pela destruição de Tróia era o sentimento de ira por causa construção do muro da cidade, no entanto Heitor não estivera presente na ocasião da construção do muro, era apenas um daquela estirpe, e por ser o maior é o escolhido; assim também ocorre com Jó, por ser o mais fiel a JHVH é o escolhido para ser provado por Satanás.

Destruída Tróia, os sobreviventes acompanham Enéias para o além mar, em busca da "terra prometida" que a deusa Vênus, mãe de Enéias havia falado. O *Pharmakós* troiano é o fundador da estirpe que daria origem aos romanos, é o pai de todos os de sua pátria, porém ao ser o fundador, chama pra si a atenção de Juno, que não via com bons olhos a destruição de Cartago, ninguém seria melhor para ser sacrificado pelo povo romano do que o próprio pai e fundador desta civilização, seu erro conforme Frye é pertencer à sociedade errada.

Heitor, Enéias e Jó são heróis que vivem experiências diferentes dos heróis gregos Aquiles e Odisseu. Enquanto Aquiles e Odisseu praticam a *Hybris* e tornam se vítimas de seu erro, os outros apenas praticam a *Agathós*, fazem aquilo que é certo, aquilo que devem fazer e tornam-se vítimas de suas ações. Heitor guerreia protegendo Tróia, pois era isto que o seu ofício reservava, Jó era fiel a JHVH, pois era isto que um membro da instituição divina deste deus deveria fazer, Enéias faz exatamente aquilo que os deuses lhe promulgam a fazer: partir em busca da Itália, e torna se vítima desta ação. É o sacrifício pelo povo romano, pelo que haveriam de fazer posteriormente ao povo de Cartago, como em Cristo o sacrifício pelo povo para que não se perdessem posteriormente.

O que configura o "Anti-herói" romano, embora Virgilio escrevesse esta obra, apenas tentando superar as obras gregas, não percebeu que estava construindo um "Anti-herói" igual

ao hebreu, se o herói romano era similar ao herói Heitor de *Ilíada*, o "Anti-herói" era semelhante a Satanás em *Jó*. Juno aparece na narrativa épica de Virgilio apenas no inicio, em poucas palavras é descrita todas suas ações e aquilo que haveria de provocar ao herói Troiano, igual acontece em *Jó*.

Se Juno sacrifica Enéias por causa do que haveria o povo romano provocar à Cartago, Satanás sacrifica Jó em nome da sua instituição, e sua própria preservação enquanto mito. Porém quando os "Anti-heróis" são desmistificados pelo que constituem, criam um mito em torno de si, ao passo que criam um sobre o herói. Satanás torna se um mito de que alguém é capaz de suportar todas suas peripécias; e Juno funda se como mito de houver contraposta contra o povo romano.

O conceito de Arete não é um termo apenas aplicado aos homens, ela é herdada dos deuses, por isto um deus possui Arete por excelência, a do "Anti-herói" Juno é comprovada primeiro por ser uma deusa, irmã e mulher de Júpiter, soberano; e por respeitar a instituição divina, embora castigue os penates Troianos por causa de Cartago, aceita, contudo que estes fundem sua colônia, conforme era o desejo dos deuses superiores.

É conseqüência da ira de Juno a existência de *Eneida*, se a ira implacável de Juno não houvesse provocado tantos transtornos para Enéias, certamente não haveria o que escrever a fundação de uma nação sem glórias e vitórias. A origem de todas as ações que estão escritas na *Eneida* é fruto exclusivo da ira de Juno.

4.2 O sacrifício do *Pharmakós*

Conforme Frye, percebemos em Enéias um *Pharmakós*. Quando este sai de Tróia, carregando seu pai Anquises em seus ombros e seu filho do lado, sua esposa Creusa que desaparecera de seus olhos e só ser encontrada posteriormente no mundo dos mortos, parte com os demais penates troianos para o mar em busca da Itália, mas Juno lhe renegara a viver na Itália em pouco tempo. Após ter saído da Silícia, naufraga ao largo de Cartago, onde é recebido por Dido.

Dido apaixona-se por Enéias de quem cuida por um longo espaço de tempo, para esta é que Enéias narra todas as dificuldades que enfrentou pelo caminho, Enéias imagina que sua esposa esteja morta, já que seu fantasma aparecera dizendo dos infortúnios que enfrentaria pelo caminho, mas que finalmente fundaria uma cidade. Enéias e Dido se amam, mas Júpiter manda um mensageiro lhe dizer que sua missão era ir fundar a Itália, por isto o herói abandona Dido e parte em direção a terra, isto faz com que Dido se suicide.

No quinto canto da *Eneida* estão escritas ações que não estão previstas de acordo com a constituição do "Anti-herói" sobre a influência da criação e composição da obra clássica, assim como acontece com a *Ilíada*, pois os jogos fúnebres são rituais do povo romano que são colocados na obra por fins estéticos e históricos necessários, há teóricos que identificam este canto peça fundamental para antropólogos atuais, para compreenderem a vida do povo romano. Sob o ponto de vista, de que o "Anti-herói" é o principal causador da constituição de uma obra clássica, os jogos fúnebres se categorizam como rituais que são escritos em decorrência do povo fundador da estirpe romana. Para que se narre a origem de um ritual romano, indicando que não surgiu do acaso mas do próprio fundador dos romanos.

O que configura como o ápice de um herói romano está escrito no sexto canto, a descida de Enéias ao reino dos mortos; o mesmo fenômeno também é narrado na *Odisséia*, com a descida de Odisseu a casa do Hades; estes fenômenos não acontecem na *Ilíada* nem em *Jó*. Mas para a narrativa clássica, no caso da composição de Eneida e *Odisséia*, cujo herói vence todas as dificuldades em busca de sua terra, quando não havia mais mitos a vencer, nem povos para enfrentar em batalha, não há mais monstros pelo caminho, o melhor é ir à busca do melhor caminho para chegar a terra. Para isto Enéias desce onde nenhum homem havia descido,

ao mundo dos mortos, nenhum ser humano seria capaz de ir até este lugar e de lá voltar para contar histórias, além de tudo não haveria como atravessar o lago imenso que havia na passagem para o reino dos mortos, pois a travessia era de barco; os mortos se transformavam em sombras, uma sombra não tinha muito peso, já um ser humano, o barco não era capaz de suportar o seu peso. Embora seja uma virtude para um herói ir a casa dos mortos é ao mesmo instante um sacrifício dos maiores, tendo em vista que aquele lugar não era muito agradável. O reino dos mortos da Eneida é muito diferente da *Odisséia*, no primeiro não era apenas morada daqueles que haviam morrido, mas também dos que haveriam de nascer, onde Enéias declara ter visto os maiores homens que fariam parte de sua estirpe e estaria sob o comando de Roma, como por exemplo: Julio César, o maior de todos os imperadores romanos. Este episódio é sem duvida o mais observado da Eneida, pelo valor que transfere à própria obra. Um herói se consagra pela sua bravura, e maior delas era encarar a própria morte, conforme fez Odisseu, Orfeu e Enéias. No mundo dos mortos há muitos espectros, Enéias viu seu pai Anquises, Dido, Orontess, Leucáspide, Palinuro, Fedra, Prócris, Erifila entre outros.

No mundo dos mortos, Enéias avistou aqueles que ainda haviam de nascer, Rômulo e Remo os fundadores de Roma também estavam ali e toda história de como haveriam de viver e das coisas que iriam fazer foi lhes contada, de maneira que Enéias ao contrário de Odisseu, além de ficar sabendo do passado, tomou conhecimento do que haveria de acontecer no futuro, sobre o futuro de sua estirpe, das conquistas que o seu povo haveria de fazer. O recurso de conhecer o passado e o futuro é presente apenas no romano, um artifício que inexiste na passagem da ida ao Hades na epopéia grega.

Enéias e seus homens passaram por muitos lugares que causaram lhe sofrimentos, todos aqueles lugares descritos na *Odisséia* foi também visitado por Odisseu, dentre as situações citamos a passagem pelas *harpias*, porém ao contrário dos argonautas eles fugiram delas; foi a Épiro visitar Heleno, em seguida chegaram à terra dos ciclopes de olho esbugalhado; salvaram um homem, Aquimenedes que fora esquecido pelos homens de Odisseu.

Ao sair do mundo dos mortos, Enéias finalmente chega ao Lácio para fundar a Itália, ainda no Lácio Enéias haveria de enfrentar muitas batalhas. Lavínia que fora dado em casamento para Turno, e tinha o consentimento de sua mãe; posteriormente seu pai revogou sua promessa com Turno e dá sua filha para Enéias, isto faz com que Turno se volte contra Enéias e com ele os que eram de sua terra. Porém Latino pai de Lavinia e neto de Saturno decidem

que seria melhor evitar uma sangrenta batalha entre os povos, por isto propõe que os mesmos façam uma única luta entre si, àquele que vencesse a batalha casaria-se com Lavínia, o que os dois heróis consentiram. O desfecho da obra é com a morte de Turno e gloriosa vitória de Enéias, cujo significado é a vitória do próprio povo romano.

A obra de *Eneida* simboliza o poder imperial de Roma, sob o comando de César Octaviano Augusto. Dido representa o poder de Cartago, rival de Roma, que seria destruída na terceira das guerras púnicas. Há quem defina que Dido representa a própria rainha do Egito Cleópatra, que havia se aliado ao general romano Marco Antônio para resistirem a Roma.

Segundo a constituição do "Anti-herói" dentro da *Eneida*, podemos conferir que sua composição acontece da mesma forma que nas obras grega e hebraica. O "Anti-herói" aparece no inicio do enredo e cria as ações que serão responsáveis pela constituição de todo o enredo, embora alguns registros pareçam estar desligados do "Anti-herói" como é caso dos jogos fúnebres, no entanto todos os fatos são de exclusiva origem da ação inicial do "Anti-herói", sem a ira dele não há possibilidade de constituição de uma obra. Na obra *Eneida*, assim como ocorre em *Jó*, o "Anti-herói" praticamente desaparece no começo da obra e não é citado sequer no meio da obra, e quando aparece não exerce nenhuma influência sobre o texto.

5 A CONSTITUIÇÃO DO "ANTI-HERÓI" EM *JÓ*

5.1 O "Anti-herói"

O livro de *Jó* ou *Job* é um dos livros sapienciais do Antigo Testamento e da Tanakh. É considerada a obra prima do movimento de sabedoria. Inúmeras exegeses presentes nesta obra são tentativas clássicas para conciliar a coexistência de Satanás e JHVH. Há controvérsias a respeito da época em que se desenrolam os fatos, ou quando estes fatos foram redigidos. O livro de *Jó* foi escolhido para ser analisado neste ensaio monográfico devido a sua antigüidade e por integrar-se ao conjunto de obras de culturas que influênciam a sociedade atual. Sabe-se que as duas maiores religiões nasceram da religião judaica ou têm fundamentos nesta. Analisando a composição literária deste livro observamos as concordâncias de composição do "Anti-herói" apesar de algumas divergências. Obviamente que do Oriente os únicos monoteístas era o povo hebreu, e não consideram Satanás como um deus, mas sim como um anjo querubim destituído, o que também levaremos em consideração; mas não levaremos em consideração a diferença com os gregos e romanos, que eram politeístas, pois nosso objetivo é analisar a constituição do "Anti-herói".

O "Anti-herói" do livro de *Jó* é definitivamente diferente do grego e do romano, pois para o hebreu não existe Arete no sentido estrito da palavra, principalmente por que o conceito de Arete é um termo grego, que Jaeger utiliza para descrever o herói clássico. Porém no visualizar literário o "Anti-herói" hebreu cumpre o seu papel assim como o grego e o romano; por isto deve-se firmar que o hebreu também possui Arete, para que possamos compreender melhor a composição do "Anti-herói" hebreu analisaremos desde a sua criação segundo os dados da própria literatura hebréia.

Segundo o dicionário Wikipedia, o termo *Satanás* é originário do hebreu, e significa adversário, acusador; posteriormente muitos outros nomes foram encorporados à Satanás. A entidade sobrenatural apareceu na sociedade ocidental através do judaísmo, religião do povo hebreu, os conceitos discriminantes deste indicam sua fundação no zoroastrismo, que foi a primeira religião monoteísta, fundada na antiga Pérsia, pelo profeta Zaratustra. Embora tanto a religião judaica quanto o Zoroastrismo pregava a existência de dois seres opostos, que representavam o bem e o mal, todavia negam a existência do Mal como um deus, mas sim uma entidade eterna com forças sobrenaturais.

Segundo o que está escrito nos textos hebraicos, Satanás não foi criado como anjo do Mal, mas como anjo de luz, daí o nome Lucifer. As inscrições judaicas dizem que na criação do Edem, Satanás estava presente coberto de pedras preciosas. Era um querubim ungido para proteger, perfeito em todos os caminhos desde o dia da criação; há indícios de ter sído a maior autoridade divina abaixo da Trindade, porém seu coração encheu-se de iniqüidade e o orgulho fez com que este desejasse ser igual a JHVH:

> *Eu subirei ao céu e, acima, das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.*
>
> Biblia Sagrada (1995:1012)

Segundo Isaias, este foi o pensamento oculto no coração de Satanás, que fora impelido por JHVH, segundo alguns termos biblicos alguns teóricos definem que junto com Satanás foi destiuído a terça parte dos anjos de JHVH, um número considerável. Por causa das ações de iniqüidade de Satanás fora lançado por terra, condenado a ser lançado no lago de fogo, porém isto aconteçerá no dia da sua condenação, que segundo a Mitologia Cristã ainda não aconteceu. Até que o julgamento de Satanás não seja efetuado ele anda pela terra atormentando as nações, trazendo males, causando problemas e buscando adeptos para integrarem ao seu reinado. Os teólogos não aceitam a descrição de Satanás como deus assim como JHVH, pois se tratasse de um deus, com forças iguais as de JHVH, o mundo não existiria, pois as forças seriam de igual teor, o que não é possível; uma força tem de prevalecer

sobre a outra, e o Bem, JHVH, é o deus soberano, ao passo que o Mal, Satanás, rebelou-se contra JHVH, e por se tratar do primeiro a fazer isso é o representante do Mal e daqueles que hão de ser condenados por JHVH.

5.2 A origem de todas as ações

Jó era um homem que habitava em Uz, que muitos acreditam ser no norte da Arábia. No inicio da obra o autor dá descrições da pacata vida patriarcal de Jó, a maneira como conduzia a família e a religião familiar; além de descrever os bens materiais de Jó. Diferente das obras gregas que iniciam exaltando a tragetória do herói, o livro de *Jó* diz: *"Havia um homem"*, isso chama a atenção do leitor, pois a inscrição "um homem" não indica muita coisa, este homem pode ser um indivíduo qualquer; após isto vê se a descrição *"cujo nome era Jó"*, mesmo aqui não há muito detalhes sobre o personagem, as inscrições a seguir são mínimas comparadas as dos gregos e romanos, isso deve-se ao teor religioso dado à obra. Em seis versículos apenas tudo é descrito da vida de Jó, família, religião e riquezas.

Logo no inicio da obra Satanás aparece no céu, as características do personagem não é apresentada, porém o que percebe-se é que o Satanás descrito em *Jó* é muito diferente dos que foram desenhados, imaginados ou descritos ao longo dos tempos, desde que esta obra foi escrita. O autor afirma que os anjos estavam se apresentando a JHVH, e veio Satanás entre eles, obviamente que nenhum dos anjos reconheceu Satanás, o que é feito apenas por JHVH, que indaga-o dizendo: *"De onde vens?"* Satanás responde que estava rodeando a terra e passeando por ela, quando JHVH pergunta sobre Jó, se porventura o tinha observado e dá testemunho deste *"Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero, e reto, e temente a Deus, e desviando-se do mal."* Esta é a primeira exaltação do herói principal, que também dá título a obra. Satanás reage a declaração de JHVH a passa a acusá-lo tanto este quanto a Jó, e passa a questionar os verdadeiros motivos da retidão de Jó, *"Porventura, teme Jó a Deus debalde?"*, para Satanás os motivos da fidelidade de Jó estava esclusivo mediante a troca de favores, a adoração pelos bens recebidos. Satanás, então conclama a JHVH a retirar todos os bens de Jó para ver que este certamente não seria de todo fiel, JHVH consente que Jó seja afligido, obviamente que o que prevalece na literatura hebraica é o desejo da instituição divina, sendo o ser humano uma peça deste jogo de interesses, não no sentido da palavra propriamente dita.

O que compreende-se que para chegar até esta circunstância, Satanás não faz de Jó uma vítima, como muitos o imaginam, mas diríamos que Jó é uma vítima de sí próprio. Primeiramente observa-se conceito de sacrifício que Frye, Deleuze e Guattari (1991) descreve.

Jó não havia errado, mas ao mesmo instante poderíamos dizer que cometeu um erro grave; o seu erro é pertencer a comunidade errada, se para JHVH, instituição do bem, Jó se encaixava perfeitamente sendo "homem fiel", para Satanás, instituição do mal, Jó não se enquadrava, logo feria a cosmologia de Satanás.

O mito de que ninguém era capaz de suportar as afrontas de Satanás e continuar sendo fiel a JHVH era tão importante quanto o mito de que nenhum homem era capaz de passar pelas Sereias e ouvir o seu canto, conforme descreve Homero na *Odisséia*; um mito é programado para funcionar sempre na mesma instância, uma vez que Odisseu passa pelas Sereias, ouve o seu canto, mas não morre; ou que Jó passa por todas as aflições que Satanás lhe traz, contudo não se deixa conduzir por elas, acabam por destruir o mito, no instante em que criam um mito em torno de sí. Além deste, havia o mito de que Jó só era capaz de servir a JHVH por causa dos bens recebidos deste, uma vez rompidos perdia-se a adoração deste, que também é desmitificado.

Em poucas palavras, o autor descreve a maneira repentina em que todos os bens de Jó se acaba, e a forma em que perde os seus dez filhos de uma só vez. A destruição foi tão repentina que segundo o autor, quando um acabava de falar sobre uma catástrofe, logo chegava outro para dizer de outra. No instante em que Jó percebe a maneira como sua vida fora arruinada, rasga seu manto, rapa sua cabeça, lançou-se em terra e adorou a JHVH.

Descontente com as ações de Jó, Satanás volta a se apresentar novamente diante de JHVH, desta vez, ele pede *"Pele por pele"*, que fosse Jó afligido de uma chaga mortal. JHVH decide que Jó seja atacado da chaga mortal, mas pede a Satanás que poupe a vida do patriarca. O que observamos nas obras clássicas, que sua composição são extremamente parecidas, em todas a um consenso das instituições divinas, que se reunem para decidir o destino do herói, de um povo, etc. Assim como os deuses gregos decidem que Odisseu retoria a montanhosa Ítaca, as instituições divinas dos hebreus também decide pela vida de Jó; assim como Poseidon decide que Odisseu retornaria a sua casa, mas teria que enfrentar suas tribulações, Satanás decide que Jó não morreria, poderia até continuar a ser fiel a JHVH, mas seria afligido em muito. De certa forma poríamos afirmar que tanto no grego quanto no hebraico, o ser divino se mistura com o humano.

Sobre a Arete do "Anti-herói" dentro de Jó, o tema é um tanto controverso, obviamente que não posso tratar da palavra estritamente como se usa para o grego, até

porque, é uma descrição desta. Se utilizássemos o termo virtude para descrever a ação de Satanás, quanto ao ato de respeitar a instituição divina, seríamos incoveniente, devido a formação da palavra, no entanto o termo que mais se encaixa aqui é o grego Arete. Tipologimente o panteão hebraico é divido em duas esferas, o bem e o mal, nesse caso ou se está de um lado ou de outro, uma vez que Satanás identifica-se como o Mal ele torna-se um ato desta intituição, o que torna moralmente seus atos justificados mediante a sua intituição, ao passo que JHVH se identifica como sendo o Bem, logo suas ações se torna moralmente amparadas mediante a sua instituição. Portanto cabia ao ser humano definir de lado do panteão se identificaria, da forma que Jó escolhe pertencer ao panteão de JHVH, torna-se indigno de Satanás. É incoerente dizer que Satanás agiu errado com Jó, ou que ele castigou este imerecidademente, pois a instituição divina de Satanás justifica todas suas ações, logo se estabelece o seu conceito de Arete, em cumprir aquilo que lhe é designado, pois além de cumprir seu papel enquanto representante divino do seu panteão, respeita o desejo da instituição divina de JHVH, cujo desejo incutia na preservação da vida de Jó.

A Arete do "Anti-herói" grego e romano, consiste-se em respeitar a instituição divina e cumprir aquilo que lhe é designado. Satanás age desta forma, tanto que a partir do terceiro capítulo o seu nome não aparece nenhuma só vez, uma característica também observada nas obras gregas e romanas; quando o "Anti-herói" entra no inicio da narrativa, cria a ação, e desaparece. Nos textos gregos, por exemplo: a *Iliada*, o "Anti-herói" Agamémnone aparece do inicio até o final da narrativa, porém logo no inicio da obra ele reassume o papel de herói e deixa de agir como "Anti-herói" e torna-se uma vítima da ação que ele próprio causou, vendo morrer muito de seus homens na guerra por causa da sua contenda com Aquiles, tanto que, agora o herói Agamémnone, tenta reconciliar-se com Aquiles, oferecendo-lhe presentes, e a volta de seu despojo, mas em vão, até que Aquiles decide entrar na batalha para vingar a morte de seu amigo Pátroclo. Na *Odisséia*, que nesta característica se apresenta mais parecida com o livro de Jó, embora o "Anti-herói" Poseidon esteja presente no final da história, na narrativa ele não chega a um terço da obra, pois a narrativa da *Odisséia*, é uma retomada de fatos que começa no presente volta-se ao passado para contar a origem de todas as coisas. Na *Eneida*, há mais convergência ainda, pois além do "Anti-herói" estar apenas no inicio da obra, em poucos lugares ele volta a ser citado, e quando é, não com a mesma importância inicial, o herói não chega a cometer a *Hybris* proprimente dita, o motivo do "Anti-herói" irar-se ao

ponto de trazer muitas peripécias para o herói, é por causa da profecia que futuras gerações daquele povo destruiria Cartago.

Agora poderíamos perguntar, mas em qual ponto o herói comete a *Hybris*? Em *Jó* acontece da mesma forma que na *Eneida*. O herói não comete a *Hybris*, seu único defeito é pertencer a comunidade errada, o contexto em que Jó está inserido não é o de Satanás. Jó é assim como Heitor, o herói perfeito, suas ações se baseiam na *Agathós*, pois ele é capaz de controlar suas atitudes.

Obviamente que o termo *Agathós*, não é o mais apropriado para descrever Jó, principalmente por ser uma obra de cunho rotineiro, da vida caseira de um herói e de suas peripécias as quais enfrenta por causa de sua fidelidade a uma entidade divina. O termo *Agathós*, é uma palavra extremamente importante na história da educação grega, servia para designar o nome, o aristocrata, o homem de valor, que tinha coragem. Traduzir *Agathós* como *bom* pode ser confuso, pois o sentido básico não é moral. Para a poesia heróica, afirmar que o homem possui *Agathós*, corresponde ao sentido de que ele possui valor, que remete ao conceito de perfeição. O adjetivo *Agathós* corresponde ao substantivo Arete, o homem em sua plenitude (*Arete*), deve ser belo (*kalós*) e de valor (*Agathós*). De certa forma diríamos que Aquiles comete a *Hybris*, por que é desmedido, sua ira ultrapassa os limites; nesta circunstância Jó e Enéias não chegam a cometer a *Hybris*, mas são castigados por causa da sua *Agathós*. No caso específico de Jó, é uma tentativa do "Anti-herói" em descobrir os limites da *Agathós* do herói. Jó é uma vitima da sociedade a qual pertencia.

A nobreza de Jó é justificada na suas riquesas e pela forma em que era tratado, segundo o autor da obra, Jó era o mais rico de todos os do oriente, em *Jó* 29:8 o herói declara que os velhos se punham em pé, e os principes continham suas palavras por causa de sua sabedoria, quando saia a porta da cidade preparavam sua cadeira na praça, a voz dos chefes se escondiam perante a sua; são tipos de tratamentos conferidos a pessoas nobres. Porém o que dificulta mais este processo, é que o autor não disse nada sobre a genealogia de Jó, nem sobre sua familia, cita apenas os seus filhos, mas não lhes confere detalhes, sua esposa aparece em ligeiro instante.

As calamidades que abateram Jó, são sociais, sobrenaturais, metereológicas, físicas e psicológicas. Sua enfermidade agravou de certa maneira que deixou o seu corpo coberto de uma crosta supurante e coçava suas feridas com cacos de telha, seus amigos tiveram

dificuldade em reconhecê-lo, além de seu hálito ter se tornado insuportável, sua dor era tão grande que sua esposa vendo a gravidade do problema sujere que o mesmo amaldissoasse a JHVH e morresse, o que muitos interpretam como a *eutanásia,* que é vista nos dias atuais como a forma de abreviar a morte para livra do sofrimento de um doente em estado terminal, desenganado da medicina. Jó retém a sua integridade, para o povo hebreu ter carater elevado era ser fiel a JHVH, mesmo quando as situações não estão favoráveis, e Jó ao vencer todas as dificuldades que lhe foi imposta torna-se o simbolo mitológico central daqueles que passam por tribulações. Quando o autor diz que não há ninguém semelhante a Jó, indica que qualquer dificuldade que o homem possa enfrentar nada é igual a que Jó enfrentou, o que injustifica qualquer fracasso humano.

Embora o "Anti-herói" praticamente desaparece no terceiro capítulo, ele deixa Jó em meio as lamentações, e com perguntas sem respostas, aparece três amigos do personagem para tentarem amenizar o seu sofrimento, no entanto o que percebemos é que os tr~es amigos são ferramentas do "Anti-herói" pois ao invés de ajudá-lo tentam fazer com que o herói encontre em que momento errou, para poder sofrer de forma desmedida, o que acabava lhe afligindo mais ainda, por causa da sua inculpabilidade, que contrastava com o silêncio de JHVH e suas calamidades.

5.3 Considerações mitológicas

Após muitos monólogos de Jó, e das incessantes perguntas dos três amigos que vieram compadecer de sua dor, JHVH finalmente resolve responder Jó, e explicar quais os reais motivos de suas calamidades. No discurso de JHVH há descrição de muitos mitos, inclusive o do surjimento do "Anti-herói".

Aqui é o instante em que JHVH declara ser o arquiteto e construtor do universo, e fala a cerca de como todas as coisas estão sobre seu controle, pergunta Jó se o mesmo sabia quando Satanás estava entre os seus anjos, referindo-se ao tempo em que ainda pertencia os anjos, antes da rebelião que o próprio causou.

Em *Jó* há a criação de dois grandes mitos, que por muitos passam despercebidos, embora Jó se configure como o herói que vence a todas barreiras não é capaz de vencer dois grandes seres mitológicos. No livro de *Jó*, 40: 15-24, o *Behemonth* é uma criatura com poderes sobrenaturais, sua descrição é geralmente associada a de um hipopótamo monstruoso, que alguns identificam com um saurópode, e outros com o braquiossauro, os relatos do livro de *Jó* apontam que este grande herbívoro, tem um corpo encouraçado e é tipico dos desertos, a força deste monstro residia nos rins e seu vigor no músculo do ventre. Levantava sua cauda como um ramo de cedro, os nervos de suas coxas eram entrelaçados; seus ossos fortes como bronze, sua estrutura feitas de barras de ferro, JHVH declara ser a obra-prima de seus caminhos, a missão do *Behemonth* era esperar o dia em que JHVH lhe pediria para matar o *Leviatã*, este último era um monstro marinho, que segundo a mitologia fenícia era um monstro na forma de um crocodilo; porém o livro de *Jó* apresenta uma imagem mais impressionante do *Leviatã*, descrevendo-o como o maior dos monstros aquáticos, JHVH declara que nenhum homem, nem mesmo Jó, era o bastante ousado para provocá-lo, que ninguém lhe resistiria face a face. A força do *Leviatã*, era tão sobrenatural que era capaz de provocar grandes ondas no mar. Estas duas criaturas morreriam no combate, mas o *Behemonth* seria glorificado por cumprir sua missão.

As origens histórico-mitológicas de tais animais é uma questão um tanto obscura, alguns associam o *Leviatã* com o *Tiamat*, uma divindade da Babilônia. Porém não nos interessa as diferentes opiniões a respeito destes animais. Nosso objetivo em tratar da citação

a estes animais mitológicos, bem como a referência a existência de Satanás, que embora seja citado por JHVH quase no final da obra, já não o é citado como o "Anti-herói" desta, mas sim como a entidade divina quando ainda se convergiam numa só. A referência destas mitologias é importante pois é a prova concreta daquilo que já observamos no inicio acerca da existência de Satanás. Os exemplos do *Behemonth* e do *Leviatã*, confronta-se a aparência com a *Odisséia*, que possui muitos monstros marinhos, o que os torna estas obras parecidas, pela mitologia marítima, embora o que difere a duas é que na primeira os monstros ainda se referem a um tempo em que o ser humano não era capaz de vencê-los, já na segunda os monstros são dominados, mas em ambos se tratam da criação de mitos.

O livro de *Jó*, destaca-se pela presença de poucos personagens, quase no final da obra aparece Eliú, que por ser menor de idade em relação a Jó, Bildade, Zofar e Elifaz, pede permissão para para dirigi-lhes palavras. De Eliú é o que temos mais detalhes biográficos, inclusive até mais que o próprio patriarca. Ao contrário de Jó, Eliú conhecia perfeitamente os motivos do sofrimento de herói, o que tanto o personagem almejava obter resposta, por isto Eliú diz: "Pai meu! Provado seja Jó até ao fim", estas seriam uma das mais duras palavras que o herói teve que ouvir. O que Eliú compreendia era que Jó era o sacrifício que deveria ser imolado, e enquanto todo o processo não fosse executado o sacrificio estaria imperfeito, Jó se configura como a imolação que é feita pela falata dos outros, por causa da entidade divina a qual se integrava, Frye denomina Jó como um *Pharmakós*, ou bode expiatório, ele não é inocente nem culpado, mas é oferecido em sacrifício para que Satanás prove a JHVH até que ponto o homem pode honrá-lo, mas por aceitar o sofrimento contudo sem deixar-se sucumbir pelas suas forças, Jó funda se como um mito. Posteriormente no jardim Getsêmani, Cristo estaria clamando por clemência *"Pai, se for possível passa de mim este cálice"*, obviamente que pedia a não execução de sua morte, ao contrário do que pedia, veio anjos para confortá-lo e ajudá-lo a enfrentar o seu destino, ser sacrificado, Eliú agiu da mesma forma, conforta Jó, e pede que o mesmo seja provado até cumprir aquilo que lhe fora designado. Por intermédio das palavras de Eliú, Jó compreende que está sendo atribulado não por ter pecado contra JHVH, mas sim por manter a sua fidelidade, somente quando aceita sua imolação é que Jó é respondido por JHVH.

Assim como na *Odisséia*, cujo herói termina triunfante no meio dos pretendentes resgatando seu reinado e sua família; na *Ilíada*, cujo herói triunfa com a vitória sobre a morte de Heitor; e na *Eneida*, cujo herói triunfa com a conquista da Itália e a morte de Turno; em *Jó*, o

herói exulta-se pelo final de seu sofrimento e o restabelecimento de sua família, cujas filhas foram declaradas pelo narrador como as três mulheres mais belas do mundo, que de igual aparência não se podia encontrar, suas riquezas foram restauradas em dobro, e os três amigos que incessantemente afligia com palavras exortando-o a reconhecer um erro que ele não cometeu, tiveram que ajoelhar-se diante Jó, para que este lhes perdoasse pelas falhas cometidas. No final todos compadeceram de Jó e lhe trouxeram presentes, e o que ganhou dos presentes fez dele o homem mais rico, e em dobro do que tinha antes, coincidentemente o narrador repete os bens matérias que o personagem tinha antes, desta vez em dobro.

A principal característica na composição do "Anti-herói" no livro de *Jó* é que este personagem provoca toda a ação nos três primeiros capítulos e logo após desaparece, sua característica é tão especial, que talvez seja a primeira obra da literatura mundial em que o herói não reconhece o "Anti-herói", pois em nenhum instante Jó se refere Satanás. Obviamente que sem a ação inicial de Satanás em requerer junto a JHVH o direito de afligir a Jó, não haveria a obra; os autores, que é desconhecido, embora muitos atribuam a vários indivíduos da literatura hebraica, todavia sem nenhuma prova, mas pelos estilos literários que compõe a obra. Todavia o que podemos concluir é que Jó se configura como a obra prima da literatura hebraica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, conforme anunciamos na introdução busca realizar uma leitura sobre *contaminatio* entre as obras de Homero, de Virgílio e o livro bíblico de Jó. Inicialmente eram apenas *Odisséia* e *Jó*, posteriormente incorporamos ao corpus da obra a *Ilíada* e sob orientação do professor Hélvio Moraes, incluímos *Eneida*, já quando as pesquisas estavam bem avançadas. No entanto a incorporação de *Eneida* mudou os rumos de muitas análises que havíamos iniciado.

As diferenças entre os povos grego, hebreu e romano não serviram de empecilhos para que o trabalho estabelecesse a relação entre estas, escritas em épocas diferentes, pois acabavam adquirindo os mesmos procedimentos quanto a sua estilização. Em relação aos "Anti-heróis", a *contaminatio* entre estas obras já foi analisada por muitos outros críticos, como Frye (1969), Auerbach (1986), Deleuze e Guattarri (1991).

Apesar da *contaminatio* encontrada há algumas diferenças quanto à composição do "Anti-herói". Apesar de a *Eneida* ter sido uma obra que em grande parte baseou-se nos escritos e na composição dos livros de Homero; notamos que o papel desenvolvido pelo "Anti-herói" e sua relação com o Herói acontece da mesma forma que em *Jó*; e até onde conhecemos não houve nenhuma intenção de Virgílio sobre este aspecto.

Consideramos que nas obras de Homero o Herói pratica a *Hybris*, definida por Paz (1982) como o pecado por excelência que precisa ser expiada, portanto todas as ações que se seguem na obra são frutos da atuação inicial do "Anti-herói" que provoca a *Hybris* no Herói que posteriormente servem para expiar a culpa do mesmo; em *Ilíada*, o "Anti-herói" Agamémnone provoca a *Hybris* em Aquiles, herói principal da obra, que por causa da atuação de Agamémnone torna-se fundamental para continuação da narrativa; na *Odisséia* o "Anti-herói"

Poseidon provoca a *Hybris* em Odisseu, que por causa da atuação de Poseidon a chegada em sua pátria é adiada e enfrenta muitas peripécias que são elementos que compõem a narrativa. Já na *Eneida* e em *Jó*, o Herói pratica a *Agathós*, que o transforma em *Pharmakós* que Frye traduz como "Bode expiatório", porém quem pratica a *Agathós*, não peca conforme quem pratica a *Hybris*, mas por se situar na sociedade culpada torna-se a personificação do sacrifício por esta sociedade. É assim com Enéias que expia a culpa dos romanos, posteriormente estes destruiriam Cartago, a cidade preferida de Juno, e por ser o fundador desta civilização é que a deusa resolve castigar-lhe. O mesmo ocorre com Jó, que torna o *Pharmakós*, em nome de todos os que pertenciam à entidade divina de JHVH.

Assim como a *Ilíada* e a *Odisséia* são obras que representam o mundo grego, pois figuram nelas o cidadão, a *Eneida* possui o mesmo significado para os romanos. Já o livro de *Jó*, que se configura como sendo o livro mais diferente do corpus bíblico, por possuir um conteúdo que possui menos ligação com os outros. – Traz no fundo de si um exemplo do que seria escrito nos evangelhos sobre a vida de Jesus Cristo e também um reflexo da própria existência e convivência da nação hebréia, desde o surgimento desta.

Embora os heróis destas obras pratiquem ações diferentes, neste caso, a *Hybris* ou a *Agathós*, o que levamos em consideração para examinar a *contaminatio* entre estas obras são as ações e a constituição do "Anti-herói", que em todas as obras são similares, nas obras gregas o Herói pratica a *Hybris* que é provocada pelo "Anti-herói" e na romana e hebraica o Herói sofre a *Agathós* também provocada pelo "Anti-herói". A *contaminatio* acontece em todas estas obras, seja as que o Herói pratica a *Hybris* ou sofre a *Agathós*, em todas estas circunstâncias o "Anti-herói" é quem provoca a situação. Enquanto afirmamos que nas obras clássicas, ao contrário das obras modernas, o "Anti-herói" tem uma passagem rápida pelo enredo e logo desaparece ao passo que suas ações continuam durante todo o enredo.

Nos livros de Homero as inscrições sobre o "Anti-herói" não se estendem nem mesmo a um terço de todo o corpus da obra. A *Odisséia* tem uma particularidade bem diferente da *Ilíada* e de *Jó*, mas que converge com *Eneida*, pois embora o "Anti-herói" esteja no final da história que está sendo narrada ele não está no final da narrativa, o que é um fenômeno comum nas narrativas modernas.

Todavia nas obras em que o Herói pratica a *Agathós* a presença do "Anti-herói" é mais breve ainda do que nas outras. No caso da *Eneida* há tão poucas inscrições sobre Juno que não

excedem o primeiro capítulo, embora haja em outros capítulos inscritos a seu respeito, não se refere em nenhum instante à relação com sua atuação inicial na obra. Já em *Jó*, o "Anti-herói" chega até o terceiro capítulo e só há uma alusão a seu respeito nos capítulos subseqüentes, embora de forma figurada. Devem-se considerar ainda as extensões destas obras e o número de capítulos que os mesmos possuem.

Embora sejam sociedades diferentes e idiomas e culturas diferentes, além de domínios diferentes bem como o teor que os regulamentou, as inscrições clássicas destes povos acabavam se convergindo ao final. Obviamente que estas culturas influenciaram, influenciam e continuarão a influenciar as civilizações, e a *contaminatio* entre as obras clássicas é uma das explicações do que possibilitou estas influências.

Consideramos que o herói e o "Anti-herói" na *Eneida* foi compostos mais próximos da Era Cristã do que nas demais obras citadas, o que configura uma hibridez que já aponta a categoria moderna propriamente dita; o conflito interno, que se configuraria na densidade psicológica da modernidade.

Nota-se que nem mesmo Aristóteles, talvez o maior conhecedor da arte grega, tenha falado sobre o "Anti-herói" e que ao longo dos tempos passou despercebido pela maioria doa teóricos que analisaram a cultura clássica. Isso nos deu ampla liberdade de analisar o "Anti-herói", partimos principalmente dos pressupostos de que críticos denunciaram a respeito do Herói e da própria civilização jônica, hebraica e romana, para delimitar o caráter do "Anti-herói".

Nosso objetivo não foi esgotar o assunto proposto, e sim ampliar os horizontes para futuras análises das obras clássicas. O "Anti-herói", embora tenha sido analisado minuciosamente neste trabalho, continua sendo um tema interessante e merece ser analisado mais densamente. Há muito a descobrir sobre este universo.

Podemos concluir que "Anti-herói" clássico é o ápice de uma obra literária, pois é o personagem que primeiro faz acontecer á história, sua presença na obra é imprescindível, pois é a própria cerne do mito. Por isso analisamos as obras escolhidas em capítulos separados, para que o leitor desta pesquisa compreenda como ele acontece nas narrativas clássicas, como também dentro da própria narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER. Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, 1985.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte poética*. Technoprint, Rio de Janeiro, 1999.

ASSIS, Machado. *A igreja do diabo*.Virtual Books.Pará de Minas. MG. 2006 www.virtualbooks.com.br

AUERBACH, Erick. Mimeses – *A representação da realidade na literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BIBLIA. Trad. King James. *Biblia América*. ACF, 2005.

BIBLIA. Trad. Por monges beneditinos de Maredsous - Belgica . *Bíblia Ave Maria*. http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/1.php.

BIBLIA. Trad. João Ferreira Almeida. *Bíblia de estudo pentecostal*. São Paulo: CPAD, 1995

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Letras, 1993

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que la Philosophie? Paris, Les Editions de Minuit, 1991.

DICIONÁRIO. *De Mitologia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000

FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. 3ª ed. Lisboa: Ed. Presença, 1988

FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism : four essays*. New York : Atheneum, 1969

GAGNEBIN. Jeanne-Marie. *Homero e a dialética do esclarecimento*. São Paulo: Unicamp, 1997.

HOMERO. *Iliada*: Trd. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HOMERO. *Iliada*. Trad. Fernando Araújo Gomes. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 1999.

JAEGER. Werner. *PAIDÉIA: A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOTHE, Flávio R. *O Herói*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. 3ª ed. Trad. J. Guinsburg; Geraldo Souza; Alberto Guzik. São Paulo: Editora Perpectiva, 1996.

MARONIS. Publio Virgilio. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

MARONIS. Publio Virgilio. *Eneida*. Trad. Manuel Odorico Mendes. Clássicos Jackson. Vol III. Paris: Typographia de Rignoux, 1854.

MARONIS. Publio Virgilio. *Eneida*. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Nova cultural, 2003.

PAZ, Otávio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savany. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Epidemia e cultura: A.I.D.S. e mundo securitário. São Paulo, 1993.